



MANDATOS PERDIDOS

Fraudes em cotas de gênero nas eleições levaram a 40 cassações

TRE-PB registrou 27 processos relacionados a irregularidades ocorridas nas últimas eleições municipais. *Página 13*



Fotos: Ortilio Antônio



Fotos: Evandro Pereira

Famílias resistem a modismos e se recusam a deixar Centro de JP

Moradores revelam sentimento de pertencimento, falam sobre preservar a memória histórica e afetiva e mantêm vivo o desejo de uma retomada da ocupação. *Página 5*

Projeto Caminhos do Frio chega à terra de Jackson do Pandeiro

Foto: Evandro Pereira



A cidade de Alagoa Grande é a próxima parada da Rota Cultural Caminhos do Frio. A programação, que tem foco na literatura de cordel, será aberta amanhã. O município tem como filho ilustre Jackson do Pandeiro.

Página 8

■ “Eu só não concordo com a arte condicionada, a arte a serviço de uma ideologia ou de um partido. Sei apenas que não pode ser alienada, arte só pela arte.”

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Tenho absoluta certeza de que Augusto dos Anjos, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Eulajose Dias de Araújo, Lúcio Lins, Marcos Tavares nunca morreram”.

Hilbererto Barbosa Filho

Página 11



Foto: Edson Matos

Memórias

A arte de contar histórias através da fotografia

O fotógrafo Antônio David começou a carreira no Jornal A União e logo conseguiu unir à técnica o talento de um verdadeiro artista.

Páginas 14 e 15



Foto: Instituto Peixes da Caatinga/Divulgação

Ação para preservar os peixes da Caatinga

Instituto que atua na conservação dos peixes dessa região já catalogou duas novas espécies.

Página 20

Paraíba possui a maior produção de leite de cabra do país

Cerca de 95% da produção estão concentrados em 17 municípios do Cariri, onde há usinas de beneficiamento.

Página 18

Quando a relação entre pais e filhos se torna tóxica

Psicólogos apontam sinais e consequências do problema, que ganhou holofote após caso da atriz Larissa Manoela.

Página 6

Rede Estadual garante inclusão na sala de aula

São 5.957 estudantes com deficiência matriculados. Eles têm garantidos acesso, permanência e assistência.

Página 3

AGOSTO LILÁS

Mês de conscientização pelo fim da violência contra a mulher

Não se cale, DENUNCIE!



Editorial

Crescer com equilíbrio

O olhar para o futuro exige planejar com responsabilidade. O mundo atual necessita que as ações visando o crescimento econômico sejam atreladas à preocupação com os impactos ambientais. As práticas que buscam o desenvolvimento precisam estar preocupadas com os efeitos que terão na natureza. Crescimento econômico é necessário, porém, só é aceitável quando vem acompanhado de equilíbrio.

Esse caminho é o escolhido pelo Governo do Estado ao tomar ações com o objetivo de desenvolver a Paraíba. É uma busca do crescimento econômico mirando também garantias de proteção ao meio ambiente.

Um bom exemplo disso é o anúncio do lançamento do Empreender Solar, a nova linha de crédito do Programa Empreender PB, voltada a empresas que atuam na área de energia solar interessadas em fornecer o serviço aos clientes do programa. Ela é destinada a pessoas jurídicas que planejam investir em projetos de microgeração de energia solar, seja na área urbana ou rural.

O Empreender Solar atua com a concessão de limites mínimos de crédito de R\$ 15 mil e R\$ 150 mil. O pagamento do crédito é parcelado em 54 parcelas mensais. A carência tem prazo mensal adicional, com período total de financiamento de até 60 meses (parcelas + carência). A Secretaria Executiva de Empreendedorismo da Paraíba atua no credenciamento de empresas que trabalham na área de energia solar no próprio estado e desejam fornecer o serviço para outras pessoas jurídicas, clientes do Empreender PB.

Com a linha de crédito do Empreender Solar, o Governo do Estado dá mais um passo na perspectiva de garantir geração e renda de maneira ambientalmente sustentável, aproveitando as características da região. Ou seja, fazendo uso da facilidade da produção da energia fotovoltaica.

Do mesmo modo, o Estado tem incentivado a produção de energias renováveis seja através de parques de geração de energia solar em várias regiões da Paraíba, assim como eólica. É a busca por aproveitar o que a natureza oferece em abundância no estado, a incidência de raios solares permanente e a profusão dos ventos, com, no entanto, a preocupação de produzir o menor efeito nocivo ao meio ambiente.

Em outras frentes, técnicos do Governo do Estado, através da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), vinculada à Secretaria do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (Sedap), buscam aprimorar os meios de produção agropecuária. Pesquisas de melhoramento genético, cursos e outras atividades educativas junto aos produtores, buscam utilizar os recursos da região agregando máxima produção com os menores impactos ambientais.

Os benefícios com a adoção de políticas públicas que visam desenvolver a Paraíba e, ao mesmo tempo, preservar o meio ambiente são totais. Através desta visão, o Governo do Estado gera emprego e renda de maneira sustentável e, com isso, garante às futuras gerações oportunidades de uma vida melhor em um futuro com equilíbrio ambiental. A Paraíba faz crescer a economia e contribui para a preservação do planeta Terra.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

“Eu tenho um sonho”

Todos nós temos um ou vários sonhos. O do reverendo Martin Luther King foi declarado no discurso que proferiu em ato público convocado por organizações religiosas, movimentos populares pelos direitos civis e sindicatos, realizado em Washington, capital dos Estados Unidos, no dia 23 de agosto de 1963, na “Grande Marcha por Emprego e Liberdade”, que reuniu mais de 250 mil negros e negras de todo o país, sob a sua liderança... Naquela oportunidade ele pronunciou seu mais famoso discurso “Eu Tenho um Sonho”, que se tornou emblemático pela qualidade retórica e pelo seu conteúdo.

O célebre discurso lançava um olhar para o futuro, pautado em duas virtudes cristãs: a fé e a esperança. O pastor, ativista dos direitos civis negros, naquele dia, entrou para a história. Rememorou que cem anos antes o presidente Abraham Lincoln, assinou a Proclamação da Emancipação, que dava fim à escravidão nos Estados Unidos. Propôs enfrentar a força física com a força da alma, numa luta sem violência, mas opondo-se à obediência das leis injustas. E repetiu várias vezes a expressão “que ressoe a liberdade”, um dos versos da canção patriótica “My Country Tis of Thee”, que foi cantada por todos os presentes ao final do seu lendário discurso. Ele conseguia inspirar os ouvintes e encorajá-los à resistência.

Seu sonho era de que veria um futuro mais justo para a comunidade negra do seu tempo. “Estou feliz em me unir a vocês hoje, naquela que ficará para a História, como a maior manifestação pela liberdade na História de nossa Nação”. Assim começava a sua oratória. E continuou: “Este verão sufocante da insatisfação legítima do negro não passará, enquanto não chegar o outono revigorante da liberdade e da igualdade. Agora é hora de fazer da justiça uma realidade para todos os filhos de Deus. Seria fatal para a nação passar por cima da urgência do momento. Não haverá descanso, nem tranquilidade, nos Estados Unidos, até que o negro receba seus direitos de cidadania”.

“Eu tenho um sonho que um dia essa nação levantar-se-á e viverá o verdadeiro significado de sua crença: consideramos essas verdades como auto evidentes que todos os homens são criados iguais. Eu te-

nho um sonho de que minhas quatro pequenas crianças viverão um dia em uma nação onde não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter”. Foram afirmações fortes do seu discurso, exigindo igualdade entre negros e brancos, numa terra onde imperava o preconceito, com a população negra sendo marginalizada em guetos, sem sequer terem direito ao voto, o mais básico dos direitos democráticos.

Ele teve a ousadia de acreditar numa América sem racismo. Foi, sem dúvidas, um líder carismático guiado por um sonho que ainda não se realizou da forma como idealizava. Mas continua sendo a grande inspiração de tantos quantos são vítimas de discriminação racial. Foi morto no sul dos EUA, em abril de 1968, supostamente por um branco racista, James Ray, que se declarava inocente até morrer, na prisão, em 1998.

Clarence Jones, que contribuiu na construção dos discursos de Luther King, afirmou que a frase “Eu tenho um sonho” não estava escrita no texto que preparou para aquele dia, surgiu da sua capacidade de improviso. O certo é que o brilhante pronunciamento daquela manifestação pública viria mudar para sempre as relações raciais nos Estados Unidos. Que os valores que ele nos ensinou pelo seu exemplo, sejam considerados como inspiração por todos os que lutam pela igualdade dos direitos civis entre negros e brancos em todas as nações.

“

O célebre discurso lançava um olhar para o futuro, pautado em duas virtudes cristãs: a fé e a esperança

Rui Leitão

Foto Legenda

Ortilo Antônio



Comércio na beira da linha

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Faltava-me Elizabeth

Era a nota que faltava à teimosia de uma crônica que nunca soube como começa e menos ainda como termina.

De que procedência, essa nota?

Nos anos setenta animava-me o sonho de leitor literário ou de boa parte dos leitores do gênero de se transpor inteiro na ventura libertária de uma criação superior às rígidas limitações da vida. De superar essas limitações não só esconjurando-as no endereço da consciência social, mas ajudando na formação dessa consciência. A sensibilidade que a lógica e a retórica não conseguiram ferir, uma brochura como a que me fez conhecer o escritor Isaias Caminha mudou profundamente a direção de toda uma vida.

E, no corpo a corpo, tirante a influência das leituras políticas, com quem mais me acamradava na concepção da arte como instrumento de conscientização? Com Geraldo Sobral, com Adalberto Barreto e ninguém menos que Antônio de Figueiredo Agra, na mesa do café de nossas casas, aqui ou em Campina Grande. Dele ouvi mais ou menos assim, e numa hora em que o romance russo passou a seguir à risca o manual da propaganda: “Eu só não concordo com a arte condicionada, a arte a serviço de uma ideologia ou de um partido. Sei apenas que não pode ser alienada, arte só pela arte.”

Entrava esse gênero de ideias nas nossas frequentes conversas, de algum contraste com o radicalismo decretado entre as matrizes da nova crítica literária brasileira (tão radical quanto os marxistas) lideradas, entre outros, por Afrânio Coutinho, que conheci de vista no gabinete de Simeão Leal, onde andei asilado por uns dias, na Divisão de Cultura do MEC, no Rio. Conheci de vista ainda que me sentando a um canto da mesma sala. Coutinho falava soberbo e enfaticamente em sua intimidade com Simeão, contra tudo o que até ali eu havia lido e entendido como receita:

“A literatura não advém, como quer Taine e Silvio Romero, do meio, da raça e do momento. Ou como querem os marxistas. Todos estes são fatores extrínsecos ao fenômeno literário.”

- Betinha o que acha disso, indaguei, anos

“

Entrava esse gênero de ideias nas nossas frequentes conversas

Gonzaga Rodrigues

depois, a seu mano Antônio.

- Sua ligação principal é com Portela, que fortaleceu sua vocação de professora e acendeu sua liderança.

Tive medo, então, de ler sua *Intertextualidade*, que mesmo das *formas simples* fui deixando para mais adiante. Li outros trabalhos, todos enriquecidos pela experiência ricamente cultivada da mestra e líder dentro e fora da sala de aula, mas não sei onde estive esses anos todos que não me inscrevi entre as centenas de depoimentos que entram em sua autobiografia editada há dois anos.

Passei batido e me penitencio, sobretudo diante da lição que me passa, com muita altura, ainda em tempo, ou seja, enquanto acerto o passo, já trôpego, pelo lado de cima da terra e nem sempre por calçadas confortáveis.

Obrigado mestra. É doce repetir o que a leitora ou o leitor viu dias antes: “Gonzaga não busca vieses teóricos e prima pela transitividade coloquial. Atemporal, reconstrói o passado, expressa o presente e inventa o futuro”. Acharo pouco surpreende-me naquilo que eu próprio custo a acreditar, a tentativa de “assegurar real e fantasia numa interpenetração de crônica-conto”.

Que posso querer mais? - volto a perguntar.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chef, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

APRENDIZAGEM E ADAPTAÇÃO SOCIAL

Governo do Estado garante inclusão em sala de aula

Paraíba tem mais de 5,9 mil estudantes com deficiência nas escolas públicas

Michelle Farias
 michellesfarias@gmail.com

O direito à educação é garantido a todos pela Constituição Federal (1988), que assegura o acesso, a permanência na escola e o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Conforme o Censo Escolar 2022, 5.957 estudantes com deficiência estão matriculados na Rede Estadual de Ensino da Paraíba. São mais de 630 escolas onde são garantidas a matrícula e assistência às pessoas com algum tipo de deficiência.

“O mais importante que deve ocorrer para um estudante com deficiência é ele conviver em sociedade com as outras pessoas, ele se sentir parte do tudo. É mais importante ele estar dentro da sala para os outros estudantes do que para ele propriamente. A sociedade precisa urgentemente aprender a respeitar as diferenças. Como uma criança, um jovem, um adolescente poderiam respeitar entender a inclusão se ele não convivesse com as pessoas com deficiência? É um ganho maior para a sociedade do que para o próprio estudante com deficiência”, avaliou a gerente executiva de Diversidade e Inclusão da SEE, Vanuza Cavalcanti.

Além de garantir a matrícula, a Legislação assegura vaga na escola escolhida pela família do estudante, se adequando ao local onde ele mora e à facilidade de transporte. Vanuza ressalta que é obrigatório para qualquer gestor da rede de ensino matricular os estudantes. Apenas nos casos em que a estrutura não for adequada, é sugerido à família que o aluno estude em outra unidade escolar.

A partir da matrícula, o primeiro passo é buscar a escola an-



Foto: Secom-PB

Alunos na inauguração da Escola de Educação Especializada na Funad

terior, caso o aluno com deficiência já tenha estudado, e solicitar relatório das atividades diárias do estudante que possa mostrar como era a interação pedagógica e comportamental dele, para então compreender se ele precisará de cuidador em sala de aula.

Quando existe a solicitação de profissionais de apoio, na Rede Estadual de Ensino segue um fluxo: a gestão escolar, junto a gerência de ensino, verificando o aluno com deficiência e déficit na funcionalidade nas atividades de vida diária, solicita e encaminha um relatório detalhado sobre o aluno, relatando o déficit ou não na funcionalidade. Com isso, a SEE envia para Funad, através da Assessoria de Educação Especial. A Fundação então emite parecer, de acordo com as informações relatadas pela escola sobre o aluno, e despacha para secretaria, que faz a contratação do profissional para acompanhamento do aluno.

“Ele pode até não acompanhar, por exemplo, 100% das questões de química, física no mesmo patamar dos outros alunos, mas ele está ali, convivendo socialmente e aprendendo o que é possível aprender e muitos che-

gam à universidade. Nós temos muitos alunos, principalmente oriundos do atendimento da Funad que hoje fazem curso superior”, afirmou Vanuza.

Dentro do plano de reforma, as escolas que compõem a Rede Estadual de Ensino recebem toda estrutura necessária para garantir acessibilidade aos estudantes com deficiência, com rampas, sinalização e portas adequadas. Em relação às práticas pedagógicas, até o final do ano a Paraíba receberá 42 novas salas de recurso multifuncional, totalizando 239 em todo o estado. As salas são abertas com autorização

do Ministério da Educação, com base nos dados do Censo Escolar. As escolas que apresentam maior número de alunos com deficiência recebem a sala de recurso através do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE).

Outra mudança implementada diz respeito aos profissionais que integram o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Segundo Vanuza, a Secretaria de Educação exige que os novos contratados para o setor tenham formação específica na área. Para os professores que integram a Rede Estadual de Ensino, a Funad oferece pelo menos três vezes ao ano, formações gratuitas no universo da educação inclusiva. “O professor da sala de aula regular lida com os alunos típicos, que é como a gente chama o aluno que não possui deficiência. Mas ele pode receber os atípicos, que são os alunos com deficiência, e ele precisa saber lidar e entender as diferenças entre as deficiências. Como essas deficiências se apresentam, o que pode ser feito e o que não pode, para que eles possam montar atividades pedagógicas que sejam mais inclusivas”, explicou Vanuza Cavalcanti.



Foto: Ortilo Antônio

Vanuza Cavalcanti

Empoderamento das pessoas com deficiência

Neste mês, o governador João Azevêdo entregou o novo prédio da Escola Estadual de Educação Especializada Ana Paula Ribeiro Barbosa Lira, vinculada à Funad. A instituição oferece educação para jovens e adultos (EJA) e Atendimento Educacional Especializado (AEE). A coordenadora da Assessoria de Educação Especial da Funad, Kaíla Alves, explica que as turmas de EJA são constituídas por alunos com e sem deficiência com faixa etária acima de 15 anos.

“São pessoas que não tiveram acesso e nem condições de aprendizagem escolar, em virtude de não existir nas escolas regulares em geral um trabalho interdisciplinar para dar sustentação ao processo de inclusão desses alunos com profundas alterações em seu processo de desenvolvimento, aprendizagem e adaptação social”, disse Kaíla.

Ela acrescenta que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) complementa e/ou suplementa a formação do aluno, visando sua autonomia na escola e fora dela, constituindo oferta obrigatória pelos sistemas de ensino,

com base em documentos nacionais, internacionais e pelas diretrizes operacionais para o funcionamento das escolas estaduais, no que se refere à Educação Especial.

Na Escola Ana Paula os alunos podem ser matriculados na EJA e no AEE. Na EJA, nos ciclos I e II, com foco na gestão democrática, contemplando a diversidade de sujeitos aprendizes, proporcionando a conjugação de políticas públicas setoriais e fortalecendo a vocação como instrumento para a educação ao longo da vida e profissionalização.

Já no AEE, os estudantes deverão estar previamente matriculados na educação regular e são encaminhados pelas escolas das redes públicas e privadas situadas em área ur-

bana ou rural, onde não contém o AEE na escola. Eles são atendidos no turno inverso da escolarização.

A Funad presta assessoramento técnico a SEE para a política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva, assessoramento dos programas que favorecem o processo de escolarização do público-alvo da educação especial. A Funad ainda executa ações voltadas à promoção, empoderamento visibilização e valorização das pessoas com deficiência.

Além disso, o setor é responsável por promover a interlocução entre os Centros e Núcleo de Apoio ao processo de inclusão escolar, programas do Ministério da Educação executados em parceria

Estudantes matriculados

- Cegueira – 63
- Surdocegueira – 572
- Baixa visão - 737
- Deficiência física - 4021
- Surdez – 351
- Deficiência intelectual – 266
- Deficiência auditiva – 5
- Deficiência múltipla - 885

UNInforme

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

DECLARAÇÃO DE PRESIDENTE DO PL ALIJA AS PRETENSÕES DO AUTOINTITULADO ‘TRIUNVIRATO’

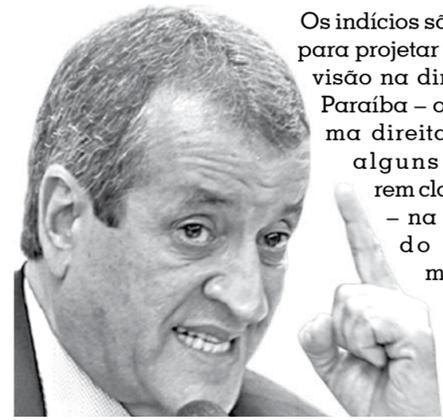


Foto: Agência Brasil

Os indícios são fortes para projetar uma divisão na direita da Paraíba – ou extrema direita, como alguns preferem classificar – na eleição do próximo ano. A cada dia ganha força dentro do PL

a pré-candidatura do médico Marcelo Queiroga a prefeito de João Pessoa, com a anuência da Executiva nacional do partido. Em recente entrevista, o presidente nacional do PL, Valdemar da Costa Neto (foto), disse que a escolha do nome para a disputa na capital paraibana será do ex-presidente Jair Bolsonaro. Ocorre que Bolsonaro já disse, publicamente, que seu ex-ministro da Saúde tem o apoio do PL para a demanda eleitoral. A declaração é, como se diz no dito popular, um “banho de água fria” nas pretensões do autointitulado ‘triunvirato’, formado pelos deputados Cabo Gilberto e Wallber Virgulino, e pelo radialista Nilvan Ferreira – eles se colocam como pré-candidatos a prefeito e defendem que a escolha do nome, por meio de pesquisa, seja feita dentre eles. O trio já afirmou que não aceitará uma candidatura imposta e admite a possibilidade de deixar o PL.

UMA CONSTATAÇÃO FÁCIL

É difícil afirmar, categoricamente, que Cabo Gilberto, Wallber Virgulino e Nilvan Ferreira irão deixar o PL, em protesto pela iminente escolha de Marcelo Queiroga como candidato do PL na capital paraibana. Porém, é fácil chegar a uma constatação: eles terão imensa dificuldade de conseguir um partido com força e musculatura suficientes para fazer uma disputa dessa magnitude. Nem o pequeno Patriotas, antiga legenda de Virgulino, aceita acolhê-los.

“SERÁ UM MERO EXPECTADOR”

Do presidente da ALPB, fazendo uma análise de importância do processo eleitoral de Campina Grande, em 2024, para as pretensões do deputado federal Romero Rodrigues (Podemos), em 2026: “O caminho para Romero disputar o Governo do Estado passa pela prefeitura de Campina Grande. Sem a prefeitura, ele será de novo um mero expectador da eleição de 2026”. E enfatizou: “Eu erro pouco nessas minhas previsões políticas”.

“ESTAMOS ESPERANDO”

Adriano Galdino, que reiterou o convite para Romero Rodrigues se filiar ao Republicanos, disse que essa é uma condição inegociável para que o partido apoie uma possível candidatura do deputado a prefeito de Campina Grande, em 2024. “Estamos esperando a decisão dele, prontos para costurar o apoio dentro da base do governador”.

NÃO VOTOU EM BOLSONARO?

Em meio aos escândalos da venda de joias que tem dominado o noticiário a respeito de Bolsonaro (PL), Pedro Cunha Lima (PSDB) revelou, pela primeira vez, publicamente, que não votou no ex-presidente na eleição do ano passado. “Seria uma tendência mais natural, já que Lula ficou com João, mas não ficamos com Bolsonaro”.

EM CIMA DO MURO

Na eleição para governador da Paraíba, Pedro Cunha Lima, na prática, decidiu ficar “em cima do muro” – nem declarou apoio a Lula nem a Bolsonaro, no segundo turno. À época, por causa disso, ele deixou de receber o apoio do radialista Nilvan Ferreira (PL), que ficou em terceiro lugar na eleição majoritária com mais de 400 mil votos.

LULA: “A PRESIDENTE DILMA FOI CASSADA DE FORMA LEVIANA”

Após decisão da Justiça Federal de manter arquivado o caso das supostas “pedaladas fiscais” na gestão da ex-presidente Dilma Rousseff, o presidente Lula voltou a dizer que ela foi vítima de um golpe. “Depois que eu deixei o governo, houve um golpe no Brasil, que muita gente acha que não foi golpe. Mas o fato de a presidenta Dilma ter sido absolvida pelo Tribunal Federal de Brasília demonstra que o Brasil deve desculpas à presidenta Dilma, porque ela foi cassada de forma leviana”.

Flávia Bonsucesso

Diretora do Programa de Atenção Especializada à Saúde

“É um desafio construir políticas em um país desse tamanho e seus recortes”



Gestora aponta desafios de recolocar a inclusão como princípios nas políticas públicas para pessoas vulnerabilizadas

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Em abril desse ano, Flávia Bonsucesso assumiu a diretoria do Programa da Secretaria de Atenção Especializada da Saúde - SAES, órgão vinculado ao Ministério da Saúde, e recebeu a missão de integrar as ações de atenção à saúde voltadas às populações vulnerabilizadas e fortalecer o diálogo com outras secretarias e ministérios. Flávia Bonsucesso é graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Minas Gerais, com especialização em Sociologia e mestrado em Educação, concluiu o doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas e o pós-doutorado na Itália, pela Università Degli Studi di Milano.

Em visita à Paraíba, ocasião em que se reuniu com representantes da Rede Estadual de Saúde para discutir a regulação de novos serviços que serão implantados no estado, a diretora da SAES concedeu entrevista ao jornal A União. A gestora apresentou pequeno histórico da implantação da atenção especializada em saúde no Brasil, avaliou os desmontes nas políticas públicas sociais dos últimos anos e como aliar o cuidado com essas populações em um cenário conservador.

A entrevista

■ Dentro do escopo do Ministério da Saúde, como funciona a Secretaria de Atenção Especializada em Saúde? À quem ela é destinada e quais suas particularidades?

Primeiro precisamos pensar que os grupos e populações chamados de vulneráveis são aqueles que possuem menos condições de acessar direitos. Aqui a gente pensa dentro de um recorte de um direito à saúde. São as populações para as quais as barreiras já estão consolidadas, tanto no acesso ao serviço de saúde, quanto na qualidade desse serviço, desse cuidado. São grupos que, historicamente, ficaram à margem.

Dentro do meu recorte, na secretaria que eu atuo, cuidamos do que é necessário para que se tenha um maior domínio, seja de densidade tecnológica, seja de especialidade do conhecimento, para quando aquela pessoa precise de algum cuidado. E o que acontece, se no território dele, esse cuidado já é precário, de difícil acesso, chegar na atenção especializada, é mais outro movimento. Então, temos que pensar nas suas singularidades.

Nós temos alguns públicos que estamos olhando nesse momento. Nessa diretoria se enquadram as discussões sobre a atenção especializada para pessoas trans e travestis; população em situação de rua; população privada de liberdade, população migrante, e acrescento uma discussão que ainda é tão difícil e tão delicada no país, que é o acesso ao aborto mediante ao permissivo legal. São pautas que atravessam e nos demandam pensar sobre acesso, direito e justiça.

■ O acesso de todas as pessoas ao SUS é um dos princípios do Sistema de Saúde no Brasil. Como efetivar essa ideia em um contexto de saúde especializada, no âmbito federal, estadual e municipal?

Esse acesso existe, tem que existir e precisamos agir para o que ainda não temos respostas e precisamos também construir o

ou ela dá à luz a uma criança e sai do hospital sem nenhuma orientação sobre como cuidar daquele bebê, como identificar possíveis intercorrências? E se vai construindo a ideia de que aquela mulher é incapaz de cuidar. Mas você não constrói, com ela, e para ela, situações que a tornem competente para aquela tarefa, que faça com que ela tenha mais autonomia.

Precisamos ter uma clareza. Quando dizemos que uma política pública é feita para alguém, tem muita vida nesse “alguém”, e vidas muito diferentes. Então, é um grande desafio construir uma política pública que dê conta de um país desse tamanho, e que ainda assim dê conta de olhar para tantos recortes, mas precisamos começar a anunciar esses recortes e propor intervenções para essas especificidades. Então é possível? É. Precisa ser feito? Precisa, e a equidade é um eixo norteador das políticas desse novo ministério.

■ A população de transexuais e travestis é uma das que estão incluídas na rede da Secretaria de Atenção Especializada em Saúde. É possível apontar principais especificidades dessa população?

Quando a gente começa a olhar para essas pessoas que estão na posição de maior vulnerabilidade, você diz: olha o conjunto de desafios que nós temos, como lidar com questões que são estruturais? Como é difícil para uma mulher lésbica chegar num consultório de ginecologista e ser sempre abordada primeiro com o apagamento, pois não se pergunta sobre sua sexualidade e quando se pergunta, se deslegitima. E essa paciente sai do consultório com uma receita de contraceptivo! Então, é nossa responsabilidade pensar sobre isso, nos grandes desafios que o nosso tempo vai apontando e ainda bem que essas pessoas existem para nos dizer o que é preciso mudar!

Sobre a população trans, especificamente, o atendimento aos homens trans nos colocam em alerta. Quando eles chegam gestando, ou com a demanda da gestação, eles trazem uma profunda reflexão sobre como é que se lida com esse processo, e como isso vai rebater em outras políticas também. Quando se entende que não se pode chamar os homens trans de mãezinha porque isso é muito violento, a gente também vai pensando que mãezinha anula um conjunto de mulheres. Então, quando falamos de que essas políticas são interseccionais, é sobre isso também.

■ Durante o primeiro governo Lula (2003 – 2006) foram construídas as primeiras políticas públicas específicas para essas populações. A senhora fez parte desse processo de construção. Como foi essa vivência?

O ano de 2003, primeiro ano do primeiro governo do presidente Lula, é considerado um di-

visor de águas em termos de políticas públicas para populações em vulnerabilidades, sem dúvida alguma. Toda política de equidade foi construída no governo Lula.

Eu estive por dentro do processo de elaboração das políticas públicas para a população LGBT desde 2003. Naquele ano, tive a sorte e o privilégio de estar em Brasília para pesquisa de campo da minha tese de doutorado e tive a oportunidade de participar do primeiro grupo de trabalho dentro do Ministério da Saúde. Foi a primeira vez que se reuniu para pensar “vamos pensar numa política pública de saúde para a população LGBT?”. São 20 anos desse movimento.

Naquele tempo, nós já tínhamos um grupo constituído que trazia demandas muito sustentadas, que era o grupo composto por mulheres transexuais e as pessoas precisam entender que aquela política, naquele momento, foi desenhada e centralizada na questão da cirurgia, que era o que já tinha no Brasil. E é nesse movimento que vem se dando a produção de políticas públicas: a relação dos operadores de direito e judiciários e os movimentos sociais.

De 1998 até 2002, nós tínhamos uma resolução do CFM (Conselho Federal de Medicina) que tirava o caráter experimental das cirurgias para mulheres trans e a gente vai observando a formação dos comitês técnicos, pensando as especificidades, fazendo esse desenho. Em 2009, temos a política para a população negra, em 2011 temos a política de saúde integral para a população LGBT, mas que só será pactuada em 2013, já no governo da presidenta Dilma Rousseff. Foi um momento de intensa produção, de pesquisas, de encontros para se tentar desenhar todas essas políticas. Até que veio o golpe.

■ Então, isso significa que esses desmontes iniciaram a partir do impeachment da presidenta Dilma? Como foi esse processo?

Já em 2014 começamos a ter uma pressão significativa e não podemos pensar que essas coisas estão deslocadas porque não estão. Naquele ano se começou o discurso contra pessoas trans e anti-gênero, que pode ser chamado de terrorismo anti-gênero. Isso teve uma repercussão imediata quando acompanhamos a aprovação do PNE (Plano Nacional de Educação), toda aquela atuação da Escola Sem Partido, que se uniram em relação à questão da retirada do estudo sobre gênero nas escolas. A “ideologia de gênero” e toda essa cena que foi sendo produzida ali, tendo como ênfase a educação, rebateu e ainda rebate, na saúde. Ainda houve uma tentativa, um investimento importante do Ministério da Saúde, que mapeou do norte ao sul do país, como

a atenção básica, principalmente, na estratégia de saúde da família para a população LGBT estava sendo vista, ou não vista. Mas não deu tempo.

Com toda aquela cena que veio antes do golpe, já foi muito complicado e a partir de 2016 nós temos uma estagnação profunda das políticas. Falamos muito sobre o governo de Bolsonaro, mas um dos primeiros atos do Temer foi desmontar as políticas de assistência. E hoje, olhando para o passado e conseguindo pensar sobre ele, penso que quando falamos dos militares e dos fundamentalistas, é preciso reforçar que eles entraram nas esferas do governo fortemente pelas mãos do Temer.

■ Sobre o que vem sendo feito e feito, em relação ao resgate dessas políticas públicas, o SAES está revisando a portaria nº 803/2013, que redefine e amplia o Processo Transsexualizador no Sistema Único de Saúde. Quais mudanças devem ser implantadas?

Na verdade, nós pretendemos mudar não só a estrutura da portaria, estamos tentando mudar o modelo de atenção especializada, sobre como vamos construir um cuidado especializado para a população trans, que vai pensar em todos os ciclos de vida e nas inúmeras camadas que esses atendimentos precisam ter: como deve ser o atendimento de um homem trans que está gestando, como vamos pensar no parto, nos demais desdobramentos disso, estamos pensando em saúde reprodutiva, nos direitos sexuais.

■ As estratégias de saúde para a população LGBTQIA+, em especial trans, têm sido alvo constantemente de fake news por segmentos da extrema-direita creditando ao MS incentivo ao processo transsexualizador ou até comparando que há investimentos nessa área e precariedade em outras que são sobrecarregadas como as urgências ou tratamentos de câncer. Como o Ministério da Saúde tem atuado para dirimir as mentiras propagadas?

Essas fake news recaem, especialmente, em relação às crianças e adolescentes. Nós precisamos que as famílias se sintam cuidadas, orientadas e seguras para apoiar os processos de seus filhos e filhas. É preciso deixar muito claro que não estamos falando em intervenção medicamentosa e muito menos cirúrgica na infância. Não existe nenhuma evidência científica que sustente esse tipo de intervenção e ninguém está falando nisso. Falamos que existem evidências e diretrizes internacionais que podem ser seguidas. Ainda estamos descobrindo uma forma de falar sobre esse tema sem produzir ruído, porque a cada vez que falamos, somos atacadas com deboches e achaques que fazem sofrer e que recuam a pauta. Esses adolescentes escutam e leem o que é dito e as pessoas pensam que isso não é violento.



Militares e fundamentalistas entraram nas esferas de governo fortemente pelas mãos de Temer

Flávia Bonsucesso

caminho para tê-las. Quais ferramentas nós podemos utilizar para modificar esse cenário? Como cuidar melhor dessas pessoas? Como dizer a essas pessoas que estamos preocupados em não produzir situações de violência? Quando a gente pensa em atenção especializada, talvez aquele momento da hospitalização seja o momento mais evidente. E como as pessoas têm se sentido quando elas acessam o momento de internação? Que é tão delicado? Qualquer pessoa já se sente mais vulnerável e isso se potencializa quando aquela pessoa internada tem alguma deficiência. Vamos pensar numa mulher, que é cega: você entra no quarto e diz “Ali é a direita e tem uma porta”. O que nós estamos falando para essa mulher?

JOÃO PESSOA

Centro Histórico: amor e resistência

Moradores revelam sentimento de pertencimento e mantêm vivo o desejo de uma retomada da ocupação

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

No topo da Cidade Alta, especificamente em frente à Casa da Pólvora, na Ladeira de São Francisco, Vó Neta e Joab Vicente, reafirmam duas histórias de amor: pelo Centro Histórico de João Pessoa, e um pelo outro, que completaram 57 anos de casados. O casal, de 75 e 80 anos, respectivamente, fala com orgulho do lugar em que vive. “Os filhos cresceram, cada um foi morar num canto, mas nós continuamos firmes aqui”, diz Vó Neta, com um complemento de Seu Joab: “essa é uma das melhores moradas de João Pessoa”.

Em outro ponto da Cidade Alta, dessa vez na Avenida General Osório, reside Alana Cláudia. Da varanda do pequeno prédio residencial com mais de 100 anos de existência, a comerciante contempla o movimento das pessoas nas calçadas e lamenta. “Só nessa rua, são 18 casarões abandonados. Alguns estão sendo reformados e colocados à venda. Mas me dói o abandono”. Apesar da lástima pontual, Alana defende a área em que mora e trabalha.

O sentimento de pertencimento também é do casal morador da Ladeira de São Francisco. Vó Rita nasceu, se criou e continuou morando ali, nunca saiu da área. “Nasci no Róger, me casei e fui morar em frente à casa da minha mãe. Ainda morei por dois anos na subida da ladeira. Cheguei aqui e não saí mais”, e completou, “Eu jamais sairia daqui pra morar em nenhum outro lugar, nem que fosse na praia!”.

Se engana, porém, quem pensa que esse sentimento é exclusivo dos pessoenses. “Em 2010 vim prestar um concurso público aqui em João Pessoa e fiquei encantado com esse lugar”, revela o professor de Teoria Política, Nildo Avelino. Cearense de nascimento e morando boa parte da vida em São Paulo, foi só em 2011 que ele se estabeleceu na capital. “Quando cheguei para morar, meus colegas praticamente me ‘empurraram’ para a praia, e claro que eu gostei, não há como não se encantar com o mar de João Pessoa! Mas sempre vínhamos passear nessa área e nos encantamos com essa casa, que estava à venda”. De fato, a casa é uma preciosidade em plena Avenida Duque de Caxias. Com mais de 200 anos, a construção abrigava um verdadeiro tesouro escondido entre escombros e entulhos.

Ao começar a reforma, as estruturas originais foram aparecendo e hoje é uma residência com mais de 500 metros quadrados. O porão, todo recortado por arcos originais (descobertos durante a reforma), se dividem em escritório, sala de cinema, e pequenos espaços que ainda estão sendo decorados. Na altura do porão, um pequeno quintal com árvores e um mini lago com carpas, e no piso superior, um terraço com uma vista do Rio Sanhauá de tirar o fôlego.

Manter viva a memória da região virou uma questão para Nildo e seu companheiro, Francisco Ripo. Já Vó Neta enfatiza a importância da ocupação cultural para revitalizar a área.



Vó Neta e Joab Vicente moram em frente à Casa da Pólvora. Já Alana Cláudia reside na Avenida General Osório, e da varanda contempla o movimento



Alana Cláudia é comerciante, e da varanda do prédio com mais de 110 anos de existência, defende a área em que mora e trabalha

Preservação da memória histórica e afetiva do local

Para essas pessoas, que defendem, amam e admiram o Centro de João Pessoa, continuar morando na área é uma forma de resistência na medida em que mantêm vivo o desejo de uma retomada da ocupação. “Enquanto estivermos vivos e morando aqui, vamos continuar nessa batalha”, afirma Alana Cláudia, enquanto anda pela calçada cumprimentando comerciantes, guardadores de carros e moradores de rua. Ela entende o tamanho da importância do lugar não ape-

nas como histórica, mas como memória afetiva.

“Na minha época de estudante, de adolescente, saíamos mais cedo da escola para passear aqui. Recentemente tivemos a Festa das Neves e aqui, onde a cidade praticamente nasceu, não foi colocado um único enfeite, nem uma maquiagem. Isso é lamentável”, fala.

A memória afetiva também é um ponto em comum com Vó Neta. “Eu brincava de barra bandeira no terreno lá de baixo, quando a rua não era nem calçada,

“

Quando não estivermos mais aqui, isso tudo vai continuar. Esse lugar é maravilhoso!

Francisco Ripo

era barro. Aqui onde existe essa praça (ao lado da Casa da Pólvora), era um sítio e nós pulávamos o muro para roubar manga, goiaba, araçá. Eu ficava bem escondidinha pra não apanhar, mas apanhei algumas vezes”, diz a idosa enquanto sorri.

O professor Nildo, toca num ponto que parece ser essencial nesse processo de resistência. “Não adianta ocupar se não tiver a percepção do valor que existe aqui. Então além de ocupar, é preciso promover a educação patrimonial e fiscalizar

o que é feito dos imóveis”, enfatiza o professor.

Francisco está à porta de uma das casas da rua. Com o teto caindo, móveis esquecidos e coberta de poeira e teias de aranha, ele observa o imenso potencial que existe naquele espaço. “Quando não estivermos mais aqui, isso tudo vai continuar. Esse lugar é maravilhoso!”.

Já seu Joab Vicente se emociona quando fala sobre sair dali. “Tive uma conversa com Jesus. Só vamos embora quando for a ‘nossa hora’”.



Nildo Avelino e Francisco Ripo moram na Avenida Duque de Caxias, e na casa, com mais de 200 anos de construção, o porão guarda arcos originais



Espaço de cultura, arte e atividades turísticas

“Falar de Centro Histórico é falar de um lugar de resistência, seja ao observar as estruturas físicas, históricas e tombadas, em abandono e não zeladas, ou por falarmos dos fazedores e protetores de cultura do Centro, aqueles que promovem o lugar de forma alternativa e independente”. A produtora cultural e liderança comunitária Rayssa Holanda, descreve sua própria percepção do que representa o Centro Histórico enquanto espaço de cultura e arte.

Para Rayssa, o Centro Histórico não representa um espaço democrático e acolhedor para quem está no pé das ladeiras. “É preciso um pro-

jeto que nasça num formato multidisciplinar, que precise de gente, de saberes populares, de vivência de pessoas, principalmente pessoas que já vivem, habitam e reexistem no local”, diz.

Um dos prédios mais simbólicos e que resiste à ação do tempo, é o Hotel Globo. “O local se tornou referência ao abrir espaços para novos artistas que nunca tiveram oportunidade de expor e valorizar seu trabalho”, diz Willian Macêdo, gestor cultural do Hotel Globo.

Artista visual que expõe no local, Davi Queiroz enxerga a própria estrutura arquitetônica da Cidade Baixa como um ato de resistência

“

A gente luta muito para preservar nossa história, mas é preciso, também, abrir espaço para novas histórias

Willian Macêdo

cultural. “O próprio espaço de tijolo e calcário, já se coloca como resistência nesse sentido”, afirma o pintor, escultor e ceramista certificado. Ele defende que outras alternativas possam potencializar a cena artística na região. “Uma ação conjunta, que se agregue a todas as áreas, inclusive à arte gastronômica”.

Rayssa Holanda exalta as atividades de turismo de base comunitária, a exemplo do Coletivo de Jovens Garças do Sanhauá do Porto do Capim. “O Coletivo oferece um pacote de serviços e produtos com tour guiado, acolhimento, apresentações culturais, visitas em resquícios arqueológico e passeio de bar-

co, cultivando a tradição indênitória e cultural do povo ribeirinho”, afirma Rayssa.

Willian Macêdo, aponta que o Hotel Globo passou a receber um público de visitas que vai além do turista tradicional. “Os trabalhadores do entorno da região, durante o horário de almoço, passam para apreciar a vista, as exposições, o próprio lugar”, diz Macêdo, que encerra sua fala com uma frase que talvez agregue as intenções e impressões sobre o Centro Histórico de João Pessoa. “A gente luta muito para preservar nossa história, mas é preciso, também, abrir espaço para novas histórias”.

RELAÇÃO TÓXICA

Quando os pais ultrapassam o limite

Psicólogos apontam os sinais e consequências do problema e dizem que o melhor caminho é o autoconhecimento

Juliana Cavaleanti
juliana.ferreiracavaleanti@gmail.com

Tentar controlar o filho, não deixá-lo tomar suas próprias decisões; criticar a forma de ser e características físicas e, inclusive, a forma de se vestir. Estas são alguns sinais que identificam a relação tóxica entre pais e filhos, problema atrelado a uma série de consequências comportamentais desde a infância até a fase adulta. Este debate foi impulsionado devido ao recente caso da atriz Larissa Manoela com os pais, que gerenciavam a sua carreira.

De acordo com a psicóloga clínica, Elisiane Barbosa, as relações tóxicas nesse caso também incluem as seguintes características: afirmar que só a mãe sabe e a filha está errada em tudo que faz, só os pais têm razão e o filho não; humilhação; comparação, comparar seu próprio filho com o filho de outra pessoa ou até mesmo com alguém da família, sempre diminuindo. “Os pais tóxicos criticam todas as escolhas dos filhos, desde parceiro até a profissão. Para os pais tóxicos, os filhos não têm escolha, a escolha é dos pais, pois eles estão certos”.

Inicialmente, as atitudes podem parecer sutis. Porém, com o passar do tempo, os sinais ficam cada vez mais frequentes. Críticas excessivas, depreciação constante, chantagem emocional e cobranças descabidas estão entre os sinais. “De tanto os filhos viverem nesse funcionamento onde a mãe/pai estão sempre certos e não deixam o filho tomar

as suas próprias decisões, o filho vai desenvolvendo a chamada despersonalização, ou seja, ele começa a não identificar qual é a personalidade dele, quais são os próprios gostos, que escolha seria melhor para ele tomar. Ele não sabe com quem vai se envolver, o que vai fazer. Ele fica sempre na dependência emocional daqueles pais e é o que os pais tóxicos querem”, destacou Elisiane Barbosa.

Já a psicóloga clínica, Ingrid Ferreira, aponta que tanto entre pais e filhos como em qualquer outra relação, as tóxicas se tornam presentes através do controle, ou seja, quando se tenta controlar a outra pessoa a partir dos próprios comportamentos. Esse controle pode ser total, em todas as áreas, ou pode ser parcial, em determinados aspectos da vida da outra pessoa. “De um jeito ou de outro é quando envolve o controle. As pessoas que são tóxicas e exercem esse controle são aquelas que geralmente estão no lugar de poder: os pais, por exemplo, notoriamente estão em um lugar de poder nessa relação. É caracterizado o tóxico também quando a gente abusa desse poder, quando esse poder é demais”, detalhou.

Outra questão citada pela psicóloga que pode identificar essa relação tóxica é quando esses erros (quando esse controle, esse abuso de poder) acontece com muita frequência, se tornando um padrão recorrente. Existem sinais já na infância, principalmente na relação entre pais e filhos

Foto: Freepik



Entre as várias características, uma relação tóxica inclui comparação e diminuição

(que é uma relação de poder), e os adultos precisam ter maturidade para não extrapolar esse controle na vida dos filhos.

“Existem sinais comuns e a gente pode ver na infância: críticas muito recorrentes, desprezo, intolerância na escuta, desvalidação de sentimentos, os pais nunca

assumem culpa, nunca assumem erros. E quando a criança vai crescendo, já na adolescência, os pais tóxicos começam a mostrar o quanto eles são essenciais na vida dessa pessoa, deixando ela um pouco mais presa nessa relação. Também há o controle a partir do vitimismo: os pais se diminuem e fa-

zem o filho se sentir culpado”, elencou Ingrid Ferreira.

Para a psicóloga Elisiane Barbosa, os melhores caminhos para ter uma relação saudável na família é entender, através do autoconhecimento, de que forma esse grupo pode funcionar de forma saudável.

“Os pais precisam deixar

os filhos terem a autonomia deles, dar essa liberdade para que os filhos consigam fazer suas próprias escolhas. Você pode opinar, mas não pode querer que seu filho tome uma decisão de acordo com a vontade dos pais. Isso acaba anulando um ser humano que está se desenvolvendo”, declarou.



Foto: Arquivo Pessoal

Os pais tóxicos criticam todas as escolhas dos filhos, desde parceiro até a profissão. Para os pais tóxicos, os filhos não têm escolha, a escolha é dos pais

Elisiane Barbosa

Problemas de autoestima e tendência à ansiedade e depressão

Com um relacionamento afetado pelo comportamento tóxico, o filho pode enfrentar problemas de autoestima, sem segurança em suas escolhas e com tendência à ansiedade e depressão. A análise é do psicólogo Marcos Sueudy, que aponta que esses comportamentos são gerados por conta do estresse de querer agradar os pais o tempo todo.

Além disso, Ingrid Ferreira observa que dependendo do abuso de poder exercido, alguns comportamentos se fazem presentes ao longo da vida. Assim, os filhos se tornam pessoas geralmente inseguras no trabalho e na vida pessoal, pois têm a sensação de que não são suficientes e fazem tudo errado, além de casos de transtornos psicológicos como depressão e ansiedade. E a culpa é um sentimento muito presente em adultos que viveram essas relações tóxicas.

Há muita insegurança nos relacionamentos também. Pode-se encontrar muitas pessoas desconectadas com as emoções e sentimentos porque nunca foram escutadas, validadas, nunca foram vistas de verdade porque os pais eram sempre intolerantes na escuta e sempre desprezavam o que o filho sentia ou falava. São adultos com muitos problemas com a culpa, ou ain-

■ **Para identificar que a relação pais/filhos não está saudável, primeiramente, é preciso entender que quando se tem filhos, eles são uma outra pessoa**

da uma culpa exacerbada ou não conseguem assumir culpa porque nunca teve modelo parental para isso”, pontuou a especialista.

Na busca de atingir as expectativas do narcisista, o filho pode ainda enfrentar ainda dificuldades em estabelecer a própria identidade. Sobre isso, Marcos Sueudy conta que um comportamento comum é a vítima reprimir a própria personalidade e objetivos de vida para satisfazer o genitor abusivo.

Conforme o especialista, o narcisismo é um transtorno de personalidade, que afeta a visão de si mesmo e a visão do outro. Assim, narcisistas não costumam ter empatia ou consideração pelos sentimentos e necessidades dos outros. No caso de pais narcisistas, eles costumam colocar as vontades

acima do bem-estar dos filhos, o que pode gerar situações extremas e desgaste emocional.

Soluções

Sair de um contexto familiar abusivo não é fácil. No entanto, de acordo com o psicólogo Marcos Sueudy, a terapia familiar pode ajudar a organizar a relação. Mas, ele alerta que um narcisista dificilmente procurará ajuda ou reconhecerá as próprias condutas. De acordo com o profissional, se o filho perceber que não há como mudar ou ajudar, é importante ele decidir seguir sua missão, seus objetivos para encontrar o seu sentido de vida e tornar o narcisismo um degrau a ser vivido e vencido.

Além disso, aconselha que se os pais não aceitam ajuda, os filhos precisarão seguir com resistência à manipulação dos pais, fazendo o possível para não dar brecha às cobranças, chantagens e acusações tão presentes nessa relação.

Conforme a psicóloga Ingrid Ferreira, para identificar que a relação pais/filhos não está saudável, primeiramente, é preciso entender que quando se tem filhos, eles são uma outra pessoa. “Os filhos não são uma extensão da gente. Eles são seres humanos com vontades, sentimentos, desejos, pensamentos, valores, crenças, tudo diferente da gente.

Então, é uma outra pessoa que vai ter outra conexão e outro contato com o mundo e outra história de vida”.

Ainda segundo a profissional, é necessário compreender que toda relação tem briga e não se deve desconsiderar isso. Portanto, a relação de pais e filhos também vai ter brigas ou discussões, mas isso deixa de ser saudável quando se torna exagerado e quando essas brigas começam a trazer prejuízos.

“Quando apenas se comunicam através de brigas isso traz prejuízos em outras áreas da vida do filho, seja na escola, nas outras relações sociais, às vezes até nas rotinas de sono e de alimentação. Também, a gente pode perceber mudanças de comportamento em diferentes contextos: quando está com a mãe, o filho fica mais retraído, fechado, mais irritado. A gente começa a perceber que as crianças começam a modular o comportamento dependendo da relação”, comentou.

Sueudy pontua que o segredo para uma relação familiar saudável é saber estabelecer limites e entender o papel de cada um, pois um ambiente de apoio e amor só poderá ser realizado, se durante o processo de criação destes limites houver parceria, equidade e respeito na família. Ainda

conforme o psicólogo, a comunicação, além de aberta, deve ser empática e sensível, respeitando as emoções e necessidades uns dos outros.

No momento da infância, os pais são muito essenciais para a sobrevivência da criança, mas quando os filhos começam a crescer e ganham mais autonomia (inclusive financeira), ao verificar outros tipos de relação, podem perceber que essa não é tão saudável e neste momento podem procurar ajuda profissional, através de psicólogos ou psiquiatras, dependendo da situação.

Caso Larissa Manoela

No dia 13 de agosto, a atriz Larissa Manoela expôs a relação complicada que vem vivendo com os pais, durante uma entrevista na Rede Globo de Televisão. Ela comentou que o acesso ao próprio dinheiro era controlado pelos pais, que a participação nas empresas era menor do que ela imaginava e que vem enfrentando dificuldades durante esse afastamento dos pais da gestão da própria carreira.

Larissa Manoela afirmou que abriu mão de um patrimônio avaliado em R\$ 18 milhões para Silvana Taques e Gilberto Elias (pais de Larissa) e denunciou desconhecer as movimentações financeiras feitas pela mãe e pai em sua empresa.

Após o depoimento, internautas acusaram Silvana Taques e Gilberto Elias de serem narcisistas. O caso, inclusive, impulsionou o debate sobre relação tóxica com os pais.

PRATICIDADE

População solicita serviços on-line

Com apenas alguns cliques, moradores de JP conseguem solicitar e ter demandas atendidas sem sair de casa

Anderson Lima
 Especial para A União

Serviços públicos que antes as pessoas precisavam se deslocar para serem atendidas, agora chegam à residência dos cidadãos. Existem diversos serviços que as instituições governamentais disponibilizam por meios digitais ou híbridos para que as demandas sejam atendidas e, em muitas das situações, apenas usando o acesso da internet, sem precisar sair de casa. Um exemplo é o Banco de Leite Humano Anita Cabral, que oferece atendimento às mães com dificuldades de amamentação. Trata-se de um serviço especializado e distribuído em dois núcleos: a tecnologia de alimentos e a assistência à mãe e ao bebê, com destaque para a promoção e apoio ao aleitamento materno, focando na captação de doadoras do leite materno.

A diretora do Banco de Leite Humano do Estado, Thaise Ribeiro explica que a principal estratégia é a realização do serviço a domicílio, cuja doação pode ser realizada em qualquer fase da amamentação, desde que a mulher esteja saudável e tenha excesso de leite materno. O contato para doar pode ser realizado através do WhatsApp (83) 99103-0059 ou pelo perfil no Instagram @bancodeleite.anitacabral. Uma equipe especializada é enviada ao domicílio da mãe, entrega os materiais necessários, orienta sobre os procedimentos da ordenha, e retorna semanalmente para recolher o leite acumulado.

Para que a doação aconteça, a mulher deve amamentar a criança, apresentar excesso de leite, estar saudável e se disponibilizar a participar voluntariamente do programa. Durante os contatos iniciais a equipe do banco de leite humano realiza a anamnese (uma entrevista que os profissionais de saúde fazem para coletar informações) da possível doadora, além de solicitar a apresentação dos exames do pré-natal. Assim, o parecer de aptidão é liberado para que a doadora seja cadastrada e que haja o devido agendamento da primeira visita domiciliar.

O banco de leite humano conta com um controle de qualidade que consiste na realização da pasteurização do leite humano ordenhado, testes físico-químico e microbiológico, garantindo a inativação de patógenos do produto para posterior distribuição aos receptores internos em leitos de neonatologia. A diretora Thaise Ribeiro destaca que os estoques estão dentro da média de 100 litros por mês, o que vem garantindo a distribuição de leite humano pasteurizado para cerca de 80% dos receptores. A coleta mensal é em torno de 400 litros, que beneficia cerca de 360 mães e 700 bebês hospitalizados. “Esse estoque garante a demanda mensal. Tem-se a necessidade de aumentar os estoques para garantir a oferta de leite a 100% dos bebês durante a internação e ter uma reserva estratégica, caso aumente a demanda de receptores a serem assistidos, sendo necessário um aumento de, no mínimo, 200 litros por mês”.



Foto: Secom-JP

Serviço mantido pela Emlur disponibiliza contato para agendar dia e horário para que a equipe retire objetos como móveis e eletrodomésticos velhos

Cata-treco recolhe objetos nas casas das pessoas

A Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur) conta com os serviços de recolhimento de poda, entulho e o serviço de Cata-treco. A população pode solicitá-los pelos telefones 3213-4237 e 3213-4238, bem como pelo programa Prefeitura Conectada.

O recolhimento é programado para ser atendido em um prazo de até 10 dias úteis, de forma gratuita. O atendimento ocorre de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h (exceto feriados). O solicitante deve informar o item a ser recolhido, além do endereço, com ponto de referência. O usuário pode acompanhar sua deman-

da por meio do número do protocolo gerado no atendimento.

O atendimento para as demandas do Cata-treco é feito por um caminhão-baú que percorre toda João Pessoa, recolhendo sofás, camas, colchões, geladeiras e televisores, entre outros itens de médio porte. Não são aceitos materiais em decomposição. O serviço é exclusivo para materiais que podem ser reaproveitados. Para que o recolhimento seja feito, é importante deixar os objetos em um local de fácil acesso no imóvel para que a equipe possa coletar. Também é preciso que o solicitante es-

teja na residência para atender a equipe.

Os materiais coletados pelo Cata-treco que estiverem em boas condições, passam por uma restauração e são doados para instituições sociais. Aquilo que é sem serventia, é encaminhado ao aterro sanitário.

O superintendente da Emlur, Ricardo Veloso, relata que o principal desafio enfrentado é o descarte irregular de resíduos, que muitas pessoas descartam nas calçadas ou em terrenos públicos, o que causa diversos danos ao meio ambiente. “A coleta de entulho, podas ou do Cata-treco é um serviço gratuito

que a Emlur disponibiliza a toda a população de João Pessoa, evitando até que as pessoas gastem com o serviço de frete privado, o qual não garante o correto descarte, ambientalmente falando”, completa.

O descarte de materiais nas ruas é um ato ilícito e punível com multa, conforme o Código de Posturas de João Pessoa. De acordo com a Emlur, os agentes do órgão realizam fiscalização pela cidade para evitar a criação de pontos de lixo. Quando a população coloca móveis, eletroeletrônicos ou entulhos em uma via pública, isto pode ocasionar a proliferação de roe-

dores e insetos, prejudicando a saúde da população, como também a possibilidade de alagamentos, ao obstruírem bueiros, calhas e canais, sobretudo, em períodos de chuvas.



Pelo QR Code é possível acessar o programa João Pessoa Conectada

Foto: Marcos Russo



Equipe coleta, semanalmente, leite doado na casa das voluntárias

Usuários do SUS dispõem de atendimentos em domicílio

A Secretaria de Saúde do Estado oferta diversos serviços a domicílio, como o programa Remédio em Casa, que facilita a rotina dos cidadãos que possuem mais de 60 anos e necessitam de remédios para hipertensão e diabetes.

Para se cadastrar no programa, é necessário entrar em contato pelo WhatsApp, através dos seguintes números de telefone: (83) 8654-6930 e (83) 8202-4270, ou procurar a Unidade Básica de Saúde (UBS), no setor de farmácia. No momento do cadastro, o paciente deve apresentar: RG, CPF, cartão SUS, comprovante de residência em João Pessoa e receita atualizada há, pelo menos, seis meses.

O Serviço de Atendimento Domiciliar (SAD) é complementar aos cuidados na Atenção Básica e nos serviços de urgência, substituindo ou complementando a internação hospitalar.

O SAD tem por objetivo a desospitalização, a redução da demanda por atendimento hospitalar e da permanência de usuários internados; a humanização da atenção à saúde e a ampliação da autonomia dos usuários. Para ter acesso a este atendimento, o Serviço Social do hospital entra em contato com o SAD solicitando a ficha de avaliação para desospitalização do paciente. Após uma visita à unidade de saúde para avaliar as condições do paciente é realizada a desospitalização. No caso do paciente que for atendido por uma equipe de Saúde da Família, qualquer profissional da equipe poderá acionar o SAD.

Há as visitas dos agentes de saúde e equipe multiprofissional, que engloba com médicos e enfermeiros, que visitam os moradores. Durante as visitas, os agentes de saúde levam orientações

e captam informações, como identificar uma mulher que não fez citológico, um homem com mais de 40 anos que ainda não realizou exame de próstata.

Outro serviço disponibilizado é a vacinação de pessoas acamadas e restritas ao leito, que são do grupo prioritário. Para ter acesso, é necessário fazer o agendamento pelo número: (83) 98645-7727.

Há os agentes de endemias, responsáveis por vistorias nas residências, depósitos, terrenos baldios e comércios para buscar focos endêmicos e aplicar larvicidas e inseticidas. Os agentes orientam a população quanto à prevenção e tratamento de doenças infecciosas, além de outras atividades fundamentais para prevenir e controlar doenças como as arboviroses, que são enfermidades causadas por vírus transmitidos através de mosquitos.

Fotos: Evandro Pereira



Cidade é muito conhecida por conta de seus filhos ilustres como na área política e social, a exemplo de Margarida Maria Alves e, nas artes, do cantor e multi-instrumentista, Jackson do Pandeiro

CAMINHOS DO FRIO

Circuito chega a Alagoa Grande

Cidade do Brejo recebe o festival a partir de amanhã com apresentações culturais e fomento ao turismo local

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

“

**Alagoa Grande
deverá preparar
uma grande
festa para
receber os
visitantes
durante a
semana toda**

Marcelo Félix

Com apenas 26.062 habitantes, segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Alagoa Grande é uma daquelas cidades pequenas cheias de atrativos turísticos. Esse território do Brejo paraibano chegou a produzir mais de 1.100 toneladas de fava por ano, o que a faz ser conhecida como a “terra da fava”, pois o cultivo é um dos maiores do Brasil. Lá, está também o terceiro teatro mais antigo da Paraíba - o Santa Ignez, o Morro do Cruzeiro, e um memorial dedicado ao filho ilustre, Jackson do Pandeiro. É nesse ambiente pleno de cultura e história que a Rota Cultural Caminhos do Frio vai estar a partir de amanhã até 3 de setembro, com uma programa-

ção diversificada, que irá enfocará os cordelistas nascidos no local.

“Alagoa Grande deverá preparar uma grande festa, assim como nossas coirmãs - os outros nove municípios que estão fazendo bonito no Brejo. A cidade deverá ter um trabalho muito bonito de ornamentação para receber os visitantes durante a semana. Em 2022, recebemos cerca de 15 mil visitantes, e a expectativa é que nessa edição o público seja maior”, projetou o secretário de Cultura e Turismo de Alagoa Grande, Marcelo Félix.

Esse ano, todas as 10 cidades incluídas na Rota Cultural estão com foco na literatura de cordel, e Alagoa Grande tem nomes de pioneiros do gênero como Manuel d’Almeida Filho (1914-1995), que tem seu nome inscrito na Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

“Alagoa Grande é berço de grandes cordelistas, como Manuel d’Almeida Filho e, por isso, deverá festejar esse tema de forma bastante intensa. Além disso, teremos várias atividades culturais para apresentar ao visitante, desde a abertura com algumas homenagens a cordelistas da terra, bem como música, teatro, gastronomia e cinema”, disse.

Segundo Marcelo Félix, além do destaque para o nome de Manuel d’Almeida Filho, haverá a homenagem em vida para o alagoa-grandense Antonio Alves Correia Filho, conhecido como “Seu Tareco”, que produziu cerca de 70 folhetos. “Ele é um grande cordelista, tem 66 anos de idade, e será homenageado, em vida, durante o Caminhos do Frio. Na noite de abertura, um pouco da história dele será apresentada e o próprio artista terá

um espaço para fala.”

Durante o ciclo de visitação, o público terá acesso aos cordéis dos homenageados e de poetas de outros gêneros. Na parte literária estará incluído o estande da Editora e Jornal A União, que mais uma vez irá expor obras de autores, incentivando o hábito da leitura. “A leitura ainda é o caminho mais amplo para o conhecimento. Apesar da existência da internet e das mídias sociais. Não existe nada à altura da leitura e A União tem muitas publicações de relevância para a nossa literatura. Sempre é importante apoiar iniciativa como essa, que vem percorrendo todo o Brejo, não só divulgando alguns autores, mas levando conhecimento para a população”. Marcelo Félix frisou que será uma semana intensa, em que a cidade irá exaltar toda sua cultura. “O Caminhos do Frio

é acolhida, pertencimento da população e a criatividade dos nossos artistas”, afirmou.

O visitante que for à cidade terá a oportunidade de conhecer a terra natal do paraibano José Gomes Filho (1919-1982), mais conhecido como Jackson do Pandeiro, cantor, compositor e multi-instrumentista. Nascido no Engenho Tanques, o filho da cantadora de coco Flora Mourão, e do oleiro José Gomes, Jackson teve uma infância pobre e perdeu o pai cedo. A família foi buscar melhores condições de vida em Campina Grande, onde Jackson trabalhou como engraxate e ajudante de padaria. Mas, foi em Campina Grande que ele se encontrou na vida artística e ao longo da trajetória gravou mais de 30 discos, sendo considerado um dos maiores ritmistas da história da Música Popular Brasileira (MPB).

Calendário Atualizado do Caminhos do Frio

-Alagoa Grande - 28 de agosto a 3 de setembro
-Alagoa Nova - 4 a 10 de setembro

- ATRATIVOS TURÍSTICOS

■ Casa Margarida Maria Alves

A casa onde Margarida morou se transformou no museu Casa Margarida Maria Alves. O local está aberto de domingo a domingo, das 8h ao meio-dia, e das 13 às 17h, com entrada gratuita. No local, o visitante poderá encontrar fotos, documentos e utensílios pessoais de Margarida, além de registros históricos em jornais e revistas da época do assassinato, entre outras publicações.

■ Mais sobre o município

Alagoa Grande passou a se destacar pela produção de fava. Entre os tipos mais comuns estão a fava branca e a lavadeira. O cultivo abastece, praticamente, apenas a Paraíba, o que já é um destaque importante para a cidade cuja história iniciou no século 19.

■ **História** - Em meados do século 19, Alagoa Grande era parte integrante do município de Areia. Em 1847 deixou de ser povoado e passou a ser distrito. A emancipação política data de 21 de outubro de 1864, sendo instalada como vila em 26 de julho de 1865. Mas, somente em 27 de março de 1908, foi elevada à categoria de cidade.

Nos primórdios, a região se destacou pela agricultura da cana-de-açúcar, utilizando intensa mão de obra escrava. Por conta da falta de desenvolvimento econômico no decorrer da segunda metade do século 20, muitas famílias se mudaram para outras cidades. O êxodo provocou queda no número de habitantes na época.

OPORTUNIDADE DE PASSEIOS

■ **Morro do Cruzeiro** - Em Alagoa Grande, se destaca o Morro do Cruzeiro, local onde as pessoas costumam acender velas para as almas do purgatório. No morro, também estão as casas de taipa, construídas de barro e habitadas por trabalhadores da cidade.

■ **Memorial Jackson do Pandeiro** - Jackson deixou mais de quatro mil músicas gravadas e quase 40 álbuns. No Memorial Jackson do Pandeiro, erguido em 2008, há vários pertences do ilustre filho de Alagoa Grande. Os restos mortais do artista também estão no Cemitério do Caju, no município.

■ **Teatro Santa Ignez** - Inaugurado em 2 de janeiro de 1905, já foi palco de importantes apresentações. De arquitetura clássica e estilo italiano, enfrentou várias crises econômicas. Devido a fatores como guerra e medidas políticas, perdeu força e ficou fechado por alguns anos. Após restaurações, foi reaberto em 27 de março de 1999.

■ **Igreja Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem** - Fundada pelo primeiro vigário da cidade, frei Alberto Cabral, em 1861, a igreja só foi inaugurada em 1868. Apresenta estilo clássico, mas devido a reformas ganhou traços góticos e barrocos. As duas grandes torres simbolizam a imponência da sociedade escravocrata do passado. Na torre esquerda foi instalado um relógio trazido dos Estados Unidos em 1930, mas já desativado.

■ **Engenho Lagoa Verde** - Alagoa Grande se destaca pela cachaça Volúpia, criada em 1946, no Engenho Lagoa Verde. A produção da bebida é feita de forma artesanal, e com plantação orgânica, para garantir a pureza e a qualidade de um produto 100% natural. O Engenho da Cachaça Volúpia, como é conhecido o Lagoa Verde, possui cinco tipos de cachaças conhecidas no Brasil.



Pandeiro em homenagem a Jackson demarca entrada da cidade



Casarões históricos são atrativos turísticos do município



Foto: Evandro Pereira

Também compõem o arquivo da biblioteca estadual itens raros como o livro 'Pinocchio - Aventuras de um boneco de pau', de C. Collodi, traduzido por Mary Baxter Lee, de 1929

Biblioteca tem acervo com 38 mil obras

No Centro de João Pessoa, a Biblioteca Augusto dos Anjos funciona de segunda a sexta-feira e recebe escolas

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Em tempos de internet, pesquisas virtuais e notícias efêmeras, João Pessoa ainda mantém a tradição das bibliotecas públicas. E se engana quem pensa que os livros – novos, ou nem tanto – estão ali apenas enfileirados. As pesquisas ao acervo são uma realidade e nada mais prazeroso do que folhear uma edição antiga que, por si só, já é parte da história. É assim na Biblioteca Pública Estadual Augusto dos Anjos, nome escolhido em homenagem ao poeta paraibano homônimo. Fundada em 1859, fica localizada na Avenida General Osório, no Centro da capital.

O espaço, com suas mais de 38 mil obras, é celeiro de publicações de todas as áreas do conhecimento envolvendo revistas, jornais, enciclopédias. Também compõem o arquivo itens raros como o livro *Pinocchio - Aventuras de um boneco de pau*, de C. Collodi, traduzido por Mary Baxter Lee, de 1929. Outro exemplar antigo é do jornal *Gazeta Judiciária*, edição comemorativa do centenário de nascimento de Ruy Barbosa, publicada em 1949. Da coleção 'Documentos Brasileiros', escrita por Octavio Tarquinio de Sousa, também faz parte do acervo *A Vida de D. Pedro I*, publicada em 1954.

Só nos primeiros seis meses de 2023, exatas 3.239 pessoas estiveram na biblioteca. Nesse período, foram mais de 2.600 consultas a livros, di-

cionários e periódicos. Também de janeiro a junho, houve mais de mil acessos à internet no local. No mês de julho, em pleno período de férias, 736 pessoas estiveram ali. Os livros mais procurados são de literatura, gramática, artes e História da Paraíba.

Profissional liberal, Hamilton Lopes Mendonça gosta muito de ler e é frequentador assíduo. A biblioteca é, para ele, um local agradável, de informação e conhecimento. "Eu venho todos os dias e passo sempre entre uma hora e meia, duas horas. Acho que a biblioteca é essencial e tem uma importância grande, não só textualmente, mas também para que tenhamos a visão crítica, poética, social, econômica. A biblioteca é agregada a isso", afirmou.

O funcionário público Eduardo Farias vai quase todos os dias porque está estudando para concurso. "É um espaço onde posso vir sempre que quero estudar. Agora estou vindo de parte de História e o período da manhã é melhor. Tem vários livros e atende a necessidade de quem realmente precisa. Sou muito bem acolhido aqui", elogiou.

Há 27 anos à frente do espaço, a coordenadora da Biblioteca Estadual Augusto dos Anjos, Severina Kátia Silva, considera o lugar de grande importância. "A gente termina se apaixonando pela história da cidade. Várias pessoas que passaram por aqui hoje são médicos, professores e até juizes. É a história que não pode ser esquecida. Essa parte da cidade é histórica. E aqui sempre

vai ter pessoas que querem ler, estudar, procurar melhorar e só poderão ter através do estudo, da pesquisa. É isso que esse espaço oferece, estudo, pesquisa no livro de papel que sempre vai existir", declarou.

Foto: Evandro Pereira



A coordenadora diz que a capacidade de atendimento é de até 100 pessoas por dia

A coordenadora ressalta que a biblioteca pública serve de apoio aos estudantes das redes pública e privada, inclusive com conteúdo voltado para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Pesquisadores e professores também estão entre os visitantes que podem, inclusive, levar livros emprestados.

Escolas também visitam o espaço que tem um cantinho especial para as crianças. Ali acontecem sa-

raus poéticos, poesias, contação de histórias, além de rodas de leitura. A capacidade de atendimento da biblioteca é de até 100 pessoas por dia. O horário de funcionamento é das 8h às 16h, de segunda a sexta-feira.

Prédio de 1874

No prédio que hoje abriga a biblioteca funcionou a primeira Escola Normal da Paraíba. A estrutura, que é tombada, foi sede do Tribunal de Justiça da Paraíba e lá também funcionou a redação do jornal *A União*. Construído em 26 de março de 1874 e concluído em 1884, somente em 1939 estabeleceu-se como endereço da biblioteca.

Em 1987, por conta da degradação nas estruturas de alguns prédios, o Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa - Convênio Brasil/Espanha, identificou 26 intervenções como prioritárias, entre elas, o prédio da Antiga Biblioteca Pública. Em 2021, o espaço passou por nova reforma.

A arquitetura da construção segue o estilo neoclássico do final do século 19. O prédio é do tipo térreo com porão alto, com uma mureta para ocultar o telhado, tornando-se uma edificação imponente. A entrada principal é demarcada por uma fachada triangular sustentada por um par de colunas de estilo dórico e ladeada por esquadrias com bandeiras em arco pleno que se repetem na fachada lateral.

O lanternim é outro diferencial. Fica instalado na cumeeira, que é o ponto mais alto do prédio, possuindo

de aberturas estratégicas que favorecem a ventilação natural no ambiente interno. É um dos poucos prédios que ainda possuem essa característica na cidade.

A reforma da biblioteca iniciada em 2021 foi entregue em junho de 2022 pelo governador João Azevêdo. Foram investidos na restauração do prédio mais de R\$ 853 mil. A edificação ganhou reforço estrutural e melhorias na cobertura, revestimento, esquadria, piso e pavimentação, instalações elétricas e hidráulicas, entre outras intervenções. A ação, inclusive, fez parte das ações do Governo do Estado para revitalizar o Centro Histórico de João Pessoa.

Além disso, foram feitas melhorias como a criação de uma sala para a direção, dois salões, um ambiente intermediário entre o térreo e o andar superior, um depósito para material de limpeza, copa, circulação, banheiros masculino, feminino e uma rampa de acessibilidade para pessoas com deficiência.

Na ocasião do evento de entrega da reforma, o governador ressaltou a importância do equipamento. "A biblioteca é um espaço de consulta e, apesar de todos os espaços disponíveis nos meios digitais, esse equipamento é insubstituível porque é um ambiente de troca de conhecimento e de convivência. A educação tem sido nossa prioridade e temos obtido avanços significativos no segmento, desde a primeira infância até a universidade, preparando a nossa juventude para o mercado de trabalho".

Fotos: Evandro Pereira



Pesquisadores e professores estão entre os visitantes que podem, inclusive, levar livros emprestados. Escolas também visitam o espaço, que tem um cantinho especial para as crianças

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Futebol e infância

A técnica mais usada para deixar as bolas dente de leite pesadas era colocar óleo queimado pelo buraco do pito. Elas já foram unanimidade no passado, hoje estão praticamente extintas. Com o tempo a borracha ressecava, escurecia, encorpava e amadurecia como vinho em barril de carvalho. Precisava-se de algumas peladas, jogadas em campinhos de areia e vários chutes de pés descalços para completar o processo.

A vida da bola dente de leite estava sujeita a graus elevadíssimos de incerteza. Podia durar o ano inteiro, mas também uma única partida. Isso dependia de espinhos, pneus de carros, grampos de muros e até de unhas afiadas! Lembro que meu amigo Lu, meio de campo clássico, certa vez meteu um bicudo que tirou um tampão da pelota. Ele atribuiu o incidente ao Biotônico Fontoura que sua mãe, Dona Aidê, lhe receitava antes das refeições. Desde então se ouviu histórias folclóricas sobre unhas tão duras que entortavam tesouras, alicates e furavam sapatos. Cansados dos prejuízos, seus pais decidiram cortá-las mensalmente numa serralharia – acho que, no fundo, isso não passa de uma lenda urbana.

As peladas geralmente aconteciam com jogadores descalços. Não há consenso sobre se jogar descalço contribuiria para o desenvolvimento técnico. Creio que sim, mas faço ressalvas. É que já observei excelentes jogadores desaparecerem em campo quando colocavam chuteiras. Mesmo assim, a adaptação não costumava ser tão difícil.

As bolas dente de leite imprimiam dinâmica diferente ao jogo, porque não eram tão grandes como as de futebol de campo, nem tão pesadas como as de futsal. Permitiam bons lançamentos pelo alto, chutes mais fortes, facilitavam dribles em espaços curtos. Mostravam-se as mais adaptáveis a terrenos irregulares, esburacados e cheios de pedras. A prática de futebol em tais circunstâncias exigia ainda pensamentos mais rápidos, passes e domínio de bola mais apurados.

No geral, as desvantagens produzidas pelo jogo com bolas dente de leite se assemelham as do jogo sem chuteiras. Basta saber que muitos jogadores quando saem das peladas para o futebol de campo e futsal estranham as bolas de couro, peso e tamanho. O que leva, no primeiro momento, para baixo os desem-

penhos. Mas tudo é uma questão de readaptação.

Estou convencido de que parte da singularidade, refinamento e destreza dos futebolistas brasileiros se devem a essas condições atípicas da prática esportiva. Sou tentado a pensar, nesse caso, como o antropólogo Marvin Harris, que tenta explicar características culturais através de adaptações ao mundo material. O materialismo cultural estabelece conexões entre fatores físicos e a cultura. Segundo Harris, o tabu indiano da proibição do consumo de carne de vaca teria origem num período de seca prolongado que levou à morte milhares de animais. A proibição de comer carne de vaca significava garantir a proteção dos animais de tração, indispensáveis para a agricultura, mas ameaçados com o estio e a escassez de alimentos. A partir daí se criou a crença na sacralidade do animal.

Raciocinando por analogia, diria que a forma como jogamos futebol na várzea, nossas adaptações às condições físicas do terreno, ao tipo de bola, entre outras coisas, reúnem alguns dos aspectos mais importantes para a criação do estilo de futebol brasileiro.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A energia dos
começos

Línguas fecundas me atraem, “que produzem frutos em abundância”. Vejam bem: os maldébios não se dão com os ferôncios, os quais há séculos fazem guerra contra os tervinos. Não é hilário? Saudades de Hilário Vieira, que morreu antes do Jangada Clube ir ao chão.

Quem me falou dos maldébios, foi Henri Michaux, um escritor, poeta e pintor belga que tem as pinturas estranhas, mas estranhos somos nós seres dos trópicos, tubarões, trans, pré-underground, poderosos, babys e héteros.

Esse estranhamento intensifica e chega até as cozinhas e botecos, que têm língua própria e se estendem na transformação das quimeras, seus limites, ampliando horizontes almiscarados. Por favor, não fala comigo pegando em mim.

Na verdade, nunca precisamos tanto, mas das fontes, agora que uma nuvem pesada encobre perspectivas mundiais. Talvez traduzir face a face o canto de Nina & Simone daqui - um modo de contribuir para a desconstrução, quando me parece tarde demais. “A dor querendo que eu morra, o amor querendo que eu mate”

Eu prefiro a arca utópica de Noé, que nos ajude a atravessar os dilúvios e prisões urbanas que neles e por eles, decifremos as línguas que se desencontram tão fecundas, como bundas. Adoro bundas.

A transa dos começos, iniciada por Henri Michaux (Namur, 1899-Paris, 1984) começo do homem, de um pensamento, da escrita - um traço na parede significava o waze, o brotar de palavras e signos juntas, a Pedra de Ingá, mas separadas pela cultura de cada um.

Eu fico besta com as pessoas dizendo que sabem tudo e não sabem nada e se deixam fascinar pelas origens distanciadas, gente que tem medo de tudo, de dividir, até as palavras não como depositárias de um saber mais verdadeiro; um filho legítimo pela metade, chegando para reinvidicar e mais um pequeno escândalo contra a estabilidade do nada. Tá difícil.

A ‘Fábulas das origens’ de Henri Michaux são fecundas, não que o cara seja o Tao a tratar de uma obsessão pelas origens, quando origens hoje não valem nada, se a pessoa não se fizer rogada, estudiosa, como fonte de um prazer perdido.

Ao contrário do que se diz quem só entende a arte, como pintura ou escultura, perde na escrita e no visual, quando se arte está no diálogo.

Eu adorei conhecer a arte de Michaux de vê-lo assumir a liberdade da fábula e implicar com a razão na criação de alianças com a infância e com a pré-história. Ele se interessa igualmente pelo brilho das imagens contidas nas descrições, mas não precisa a viva toda na discrição. Será que alguém me entende. O Henri é um guia.

Pra vocês, um poema do Henri Michaux.

Deus, a providência

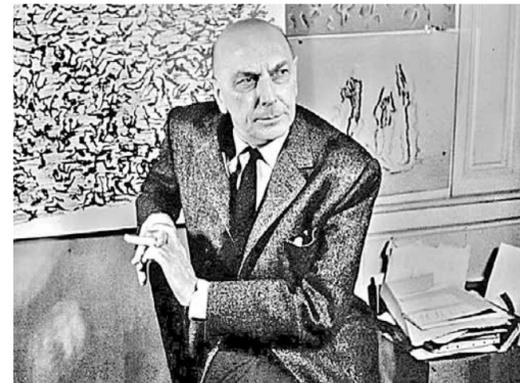
Deus sabe fazer qualquer coisa. Daí o seu tédio. Daí que ele deu falta de um ser que só soubesse fazer pouca coisa. É a causa da criação. Ele fez as pedras. Mas depois de rolarem até o fundo das ravinas, não fizeram mais nada.

Kapetadas

1 - Tem boas ideias mas sabe ser inconveniente e eventualmente não conhece seu lugar. Quem?

2 - Só jogo conversa fora se o papo estiver furado.

Foto: Reprodução



Henri Michaux (1899-1984), escritor, poeta e pintor belga

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Educação pela arte

Foto: Reprodução



Poeta e crítico de arte Herbert Read

Este texto é dedicado à Escola Integral Técnica Estadual de Arte, Tecnologia e Economia Criativa Poeta Juca Pontes.

No início do século 20, havia conflitos tanto nacionais quanto internacionais, cujos objetivos eram definir territórios e impor o nacionalismo nos países. As consequências desses conflitos eram a ocorrência de revoltas sociais sangrentas. A discriminação determinava as relações humanas, e as nações estavam doentes de ódio, resultando em guerras mundiais. Com o intuito de construir a paz entre os povos, o livro *Educação pela Arte* (1943), escrito pelo poeta e crítico de arte e literatura britânico Herbert Edward Read (1893-1968), apresenta a arte como a base da educação para desenvolver a sensibilidade, a percepção, o sentimento, o respeito e a criatividade. Essa proposta engloba todas as formas de expressão artística, incluindo a literatura e a poesia recitativa, bem como a música e a audição, e constitui uma compreensão da realidade. Levando isso em consideração, a produção artística é a manifestação dos sentimentos interiores que se reflete no exterior, expressando o senso de pertencimento do indivíduo.

A formação estética dos sentidos gera as consciências que salvaguardam a dignidade humana; também fomentam juízos críticos e estimulam as capacidades intelectuais dos indivíduos. Esse contributo ocorre na medida em que a consciência estabelece uma relação harmoniosa e constante com o mundo exterior, resultando numa personalidade integrada. Segundo o poeta e crítico de arte britânico: “O objetivo da educação, portanto, só pode ser o de desenvolver, juntamente com a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo. Como resultado das infinitas permutações da hereditariedade, o indivíduo será inevitavelmente o único, e essa singularidade, por ser algo que ninguém mais possui, será de valor para comunidade. Ela pode ser uma maneira única de ver, pensar, inventar, expressar a mente ou a emoção – e, neste caso, a individualidade de um homem pode constituir um incalculável benefício para toda a humanidade. Mas a singularidade não tem nenhum

prático quando isolada. Uma das mais acertadas lições da moderna psicologia e das recentes experiências históricas é que a educação deve ser um processo não apenas da individualização, mas também de integração, que é a reconciliação entre a singularidade individual e a unidade social” (READ, 2001, p. 6).

Nos textos de Read, observa-se que a arte participa ao longo de toda a existência humana e está presente em tudo, satisfazendo os sentidos e fornecendo as bases teóricas para uma educação libertadora, baseada na experiência, intuição e individualidade. Ele apresenta a necessidade de uma formação do sensível, em prol de reformas educacionais em todas as áreas do conhecimento. A “Educação pela Arte” foi formulada por Pitágoras (séc. VI a.C.) e pelos seus seguidores. Os pitagóricos encaravam o mundo como um cosmo, isto é, como um todo ordenado. Para eles, a harmonia, regularidade, homogeneidade, uniformidade e ordem do universo são expressas na harmonia dos números, que estabelece uma conexão entre o mundo e a matemática e expandida à harmonia espiritual do homem.

Herbert Read explora a arte no ambiente escolar como uma forma criativa de expressão. Sua proposta, conhe-

cida como “a educação pela arte”, busca valorizar nos indivíduos os aspectos intelectuais, morais e estéticos, despertando sua consciência individual e integrando-os ao grupo social ao qual pertencem. O trabalho de Read é fortemente embasado em psicologia e filosofia. Segundo ele, existem três atividades que devem ocorrer na educação através da arte: I) *autoexpressão*, que envolve a necessidade inata de comunicar pensamentos, sentimentos e emoções aos outros; II) *observação*, que é o desejo de registrar impressões sensoriais, aprofundar o conhecimento conceitual, construir a memória e criar objetos que auxiliem as práticas do dia a dia; III) *apreciação*, que é a resposta do indivíduo às diversas formas de expressão dirigidas a ele por parte de outras pessoas, e geralmente, a resposta aos valores presentes no mundo.

Herbert Read não tinha a intenção de postular que a educação através da arte deveria formar artistas, nem mesmo críticos ou teóricos do fenômeno estético, com habilidade para refletir sobre estilos, escolas e tendências, ou discorrer sobre a história da arte. No entanto, em seus escritos, demonstrou preocupação no sentido de que a arte poderia ser um instrumento ideal para a educação do sensível, ao estabelecer conexões entre o conhecimento sensorial proporcionado pelos sentidos e a capacidade abstrata e simbólica do ser humano. Além disso, Read realiza uma análise profunda e abrangente das relações entre arte e educação, sintetizando ideias e textos que fundamentam filosoficamente a educação, a arte e até mesmo a educação matemática.

Sinta-se convidado à audição do 433 Domingo Sinfônico, deste dia 27, das 22h às 00h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105,5 ou acesse através do aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei algumas peças eruditas que contribuem para o ensino da música nas escolas e apresentam o pan-regionalismo, os ritmos do folclore e as identidades da cultura do povo brasileiro.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O cinema “artesanal” estaria retornando?

Qualquer informação publicada sobre a nossa cultura – especialmente a do cinema, cujas raízes datam de mais de um século –, mesmo que seja por meio de uma simples notícia de jornal, por dever de ofício, deve-se mencionar suas origens e aqueles que a deram vida; e continuam a fazê-lo. Mais ainda, sobre a Cinematografia paraibana dos anos de 1970/80, construída com a criatividade e o esforço de uma geração “faminta” de boas ideias. Realização da qual fiz parte, honrosamente. Inclusive, produzindo alguns documentários premiados nacionalmente.

Agora, bem posta essa ideia de se retomar, com o Super-8, aquele ciclo de ‘Cinema Independente’, inventivo, que concretizamos há quase cinquenta anos atrás. Afirmando isso, em razão de recente matéria jornalística publicada, porque hoje, dizem, o suporte em película de 8 milímetros voltou a ser usado como autêntico recurso de filmagem, com banda magnética em 24 quadros por segundo. E que a antiga construção da “montagem” narrativa (não de simples “edição digital”, método atual) premia mais uma vez a categoria de “Montador” – verdadeiros artesãos de um cinema considerado “autônomo”, que realmente gerou escolas de filmagens.

A “bitola nanica”, como a conhecíamos à época, foi realmente um grande instrumento ao nosso aprendi-



Foto: Arquivo pessoal

Assis Gabriel, projetorista e montador paraibano de Super-8

dizado na arte de FILMAR; não de simplesmente gravar imagens, o que vem sendo uma prática inovadora, contemporânea, e muito mais fácil de realizar um audiovisual. O quadro-a-quadro, em película, sempre foi o nosso grande desafio, naquela época. A montagem consistia em dar sentido (lógica) a um assunto “juntando pedaços” de películas e colando-os para se conseguir o que chamo de “nexo narrativo de um discurso fílmico”.

Lembro bem da nossa ansiedade, ao terminar cada etapa de filmagem, pelo resultado obtido com as imagens. Cada rolinho de filme, que durava três minutos, era revelado fora, muitas vezes nos laboratórios da Líder, em São Paulo. Levava alguns dias para chegar até nós a cópia reversível (positivo). E essa demora mantinha-

nos sempre numa expectativa, embora interessante os debates sobre os nossos “curtas”, ainda em realização. Essa demora dava margem a um refinamento das ideias. Tempos interessantes de experiências e de produção fílmica!

O Super-8 sempre foi uma atividade compartilhada. Lembro do velho amigo Assis Gabriel (foto), um exímio montador superoitista, que também me acompanhou em alguns audiovisuais que realizei, nas digitalizações de hoje. Assis, parceiro que, em tempos idos, foi projetorista nos cinemas de meu pai. Coisas assim, me trazem um saudoso “amarcord” do meu pai Alexandre, um dos pioneiros da nossa cinematografia. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexantos.com.br



APC reúne-se com integrantes da FCJA

A presidência da Academia Paraibana de Cinema, então representada pelo vice-presidente João de Lima Gomes e pelo acadêmico Mirabeau Dias, do Conselho Diretor da APC, reuniu-se na quarta-feira passada com alguns integrantes da Fundação Casa de José Américo, em Cabo Branco, para ratificar os acordos de cooperação entre as duas entidades.

Na ocasião, foram preservados os termos originais de continuidade da APC nas dependências da fundação. A reunião contou com as presenças de Milton Dornelas da Secult, Lúcio Guerra da FCJA e técnicos da entidade.

EM cartaz

ESTREIAS

BESOIRO AZUL (Blue Beetle. EUA. Dir.: Angel Manuel Soto. Aventura. 12 anos). Jovem mexicano Jaime Reyes (Xolo Maridueña), recém-formado, volta para casa cheio de aspirações para o futuro. Em meio a uma busca por seu propósito no mundo, ele acha uma antiga relíquia de biotecnologia alienígena, que o escolhe para ser seu hospedeiro simbiótico. **CENTERPLEX MAG 3** (15h30 (dub.) - 18h15 (dub.) - 21h (leg.)); **CINÉPOLIS MANAÍRA 7**: 14h30 (dub.) - 17h15 (dub.) - 20h15 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE**: 13h45 (dub.) - 16h30 (leg.) - 19h15 (dub.) - 22h (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** (leg.): 15h15 - 18h15 - 21h15; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub.): 13h45 - 16h30 - 19h15 - 22h; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 17h30; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 14h05 - 18h20; **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub.): 16h15 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 14h05 - 18h20; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 16h15 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (leg.): 17h30.

FALE COMIGO (Talk to me. Austrália e Reino Unido. Dir.: Danny Philippou e Michael Philippou. Terror. 16 anos). Grupo de amigos descobre uma mão embalsamada que lhes permite conjurar espíritos. Viciado na emoção, um deles vai longe demais e abre a porta para o outro mundo. **CINÉPOLIS MANAÍRA 5**: 14h45 (dub.) - 17h (dub.) - 19h30 (dub.) - 21h45 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 6**: 14h15 (dub.) - 16h15 (leg.) - 18h30 (dub., exceto sáb.) - 20h45 (leg., exceto sáb.) - 21h10 (leg., sáb.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub.): 14h45 - 17h - 19h30 - 21h45; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 15h40; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 16h30 - 20h45; **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub.): 14h25 - 18h40; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 16h30 - 20h45; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 14h25 - 18h40; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (leg.): 15h40.

METALLICA M72 WORLD TOUR (EUA. Dir.: Gene McAuliffe. Musical. 14 anos). Show da turnê da banda de Rock Metallica. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (leg.): 17h30 (sáb. e seg.) - 21h (sáb. e seg.).

TEMPOS DE BARBÁRIE - ATO I: TERAPIA DA VINGANÇA (Brasil. Dir.: Marcos Bernstein. Suspense. 14 anos). Durante uma tentativa de assalto, a filha de uma advogada (Cláudia Abreu) é baleada e fica em estado grave. Sem respostas, a mãe tenta seguir a vida buscando ajuda em grupos de apoio. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1**: 16h20 - 21h (exceto sex. e sáb.).

VAI TER TROCO (Brasil. Dir.: Maurício Eça. Comédia. 10 anos). As domésticas Tonha (Evelyn Castro) e Zil-

dete (Nany People) armam um plano para ter os pagamentos atrasados pelos patrões, que, mesmo alegando estarem falidos, ainda frequentam festas da alta sociedade. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1**: 14h10 - 19h; **CINE SERCLA TAMBIA 1**: 16h30 - 18h20 - 20h10.

PRÉ-ESTREIAS

GRAN TURISMO: DE JOGADOR A CORREDOR (Gran Turismo: Based On a True Story. EUA e Japão. Dir.: Neill Blomkamp. Aventura. 12 anos). Um jovem (Archie Madekwe) vence uma série de competições do videogame, promovidas por uma grande empresa automobilística, e ganha a chance de se tornar um piloto profissional. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6** (dub.): 18h30 (sáb.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 18h50 (sáb.).

RETRATOS FANTASMAS (Brasil. Dir.: Kleber Mendonça Filho. Documentário. 12 anos). Centro do Recife é revisitado através dos grandes cinemas que serviram como espaços de convívio durante o século 20. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1**: 21h (sex. e sáb.).

CONTINUAÇÃO

BARBIE (EUA. Dir.: Greta Gerwig. Comédia e Fantasia. 12 anos). Em Barbieland, todas as versões da boneca Barbie vivem em completa harmonia. Porém, uma delas (Margot Robbie) começa a perceber que talvez sua vida não seja tão perfeita assim. **CENTERPLEX MAG 2** (dub.): 15h15; **CINÉPOLIS MANAÍRA 4** (dub.): 15h - 17h30 - 20h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 8**: 19h40 (dub., exceto sex., sáb. e seg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 15h (exceto seg. e ter.) - 17h45 (exceto seg. e ter.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 16h20 (seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 15h55 - 18h05 - 20h15; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 15h55 - 18h05 - 20h15.

ELEMENTOS (Elemental. EUA. Dir.: Peter Sohn. Animação. Livre). Em uma cidade onde os habitantes de fogo, água, terra e ar convivem, uma jovem mulher flamejante e um rapaz que vive seguindo o fluxo descobrem o quanto eles têm em comum. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 17h20 (dub., exceto sex., sáb. e seg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 14h; **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 15h45 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 15h45 (sáb. e dom.).

GATOS NO MUSEU (Koty Ermitazha. Rússia. Dir.: Vasily Rovenskiy. Animação. Livre). Um gato chamado Vincent, na companhia do rato Maurice, escapa de uma enchente e é recolhido por marinheiros. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 15h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 13h (sáb.) - 14h (dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 14h (dom.).

RA 3 (dub.): 13h (sáb.); **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 14h (sáb. e dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 14h (sáb. e dom.).

MEGATUBARÃO 2 (Meg 2: The Trench. EUA. Dir.: Ben Wheatley. Suspense e Ação. 14 anos). A equipe de Jonas Taylor (Jason Statham) parte em uma nova exploração nas profundezas do oceano, e acaba novamente, em uma batalha pela sobrevivência em meio a predadores colossais de sangue frio. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3**: 13h15 (dub., sáb. e dom.) - 16h (dub.) - 20h30 (dub.) - 21h20 (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 16h20 (exceto seg. e ter.) - 18h50 (exceto sáb.) - 21h30; **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 17h50 - 20h; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 17h50 - 20h.

OPPENHEIMER (EUA. Dir.: Christopher Nolan. Drama histórico. 16 anos). Durante a Segunda Guerra Mundial, J. Robert Oppenheimer (Cillian Murphy) é um físico teórico da Universidade que tinha a missão de desenvolver e construir as primeiras bombas atômicas. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (leg.): 13h (sáb. e dom.) - 16h45 - 20h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP** (leg.): 14h - 17h45 - 21h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 20h30 (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 20h; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 20h.

CINE BANGUÊ (JP) - AGOSTO

CAPITU E O CAPÍTULO (Brasil. Dir.: Júlio Bressane. Drama. 14 anos). **CINE BANGUÊ**: 28/08 - 20h30; 31/8 - 18h30.

MESMO QUE TUDO DÊ ERRADO, JÁ DEU TUDO CERTO (Brasil. Dir.: Laís Chaffe. Documentário. 12 anos). **CINE BANGUÊ**: 30/8 - 18h30.

RETRATOS FANTASMAS (Brasil. Dir.: Kleber Mendonça Filho. Documentário. 12 anos). **CINE BANGUÊ**: 29/8 - 18h30; 30/8 - 20h40; 31/8 - 20h30.

SOBRADINHO (Brasil. Dir.: Cláudio Marques e Mariana Hughes. Documentário. Livre). **CINE BANGUÊ**: 29/8 - 20h30.

O ÚLTIMO ÔNIBUS (The Last Bus. Reino Unido. Dir.: Gillies MacKinnon. Drama. 12 anos). **CINE BANGUÊ**: 28/8 - 18h30.

OS UNDER-UNDERGROUNDS: O COMEÇO (Brasil. Dir.: Nelson Botter Jr. Animação. Livre). **CINE BANGUÊ**: 27/8 - 16h.

Letra
 Lúdica
 Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Essa gente não morre!

Tem gente que não morre!

Me dizia o meu amigo, Bebê de Natércio, numa elástica, íntima e saborosa prosa no Bar de Baiano.

Claro, tem gente que não morre!

Decerto não é o meu vizinho do lado direito, que já morreu, faz tempo, e cuja morte me deu o prazer de comemorar, soltando fogos de artifício no meio da rua. Como Graciliano Ramos, não sou chegado a vizinhos, reunião, música cacete e muito menos a mau caráter.

Não é aquela primeira professora que me dava bolos de palmatória e tinha uma crespá verruga no nariz. A maldade e o castigo juntos, numa didática doentia que muitas seqüelas me deixou.

Não é aquele tio que nos surripou a todos. Mentiroso, cafajeste, perdulário. Nem aquela velha tia, desarvorada, caquética, um poço de amargura e ressentimento. Tia que padecia o mofo do caritó. Velha branca e seca, parecia uma anja às avessas, despudorada, revoltada com o mundo e com as criaturas, pessoa tóxica, pura peçonha, lacraia pura, puro escorpião, pura inveja, paranoia pura!

Ainda bem que tem gente que não morre!

Camões, por exemplo, nunca morreu nem nunca morrerá. Ontem mesmo, declamei seus sonetos numa mesa de bar. Quem me ouvia sabia da existência do poeta, de sua presença real nessa república da mentira, nesse país de gente simples e de elites perversas. Afinal, quem é que não sabe que o amor é fogo que arde sem doer, ferida que dói e não se sente? Como Camões está vivo!

Essa gente não morre!

Fernando Pessoa morreu? Claro que não. Fernando se multiplica na biografia de seus heterônimos e sempre reparte, comigo, o sabor do vinho, seu desassossego, a teosofia, o sal e a lágrima de Portugal.

Tenho absoluta certeza de que Augusto dos Anjos, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Eulajose Dias de Araújo, Lúcio Lins, Magno Meira, Marcos Tavares nunca morreram.

Essas pessoas não morrem!

Todo dia, ou toda noite e toda madrugada, Augusto faz ponto na esquina de quem tem um coração dilacerado. Faz questão de dividir um trago com o bêbado mais anônimo nas ruas da cidade, só para falar da solidão das moneras no espaço cósmico, citar Herbert Spencer e costurar a cesura do remorso por ter furtado o leite à ama Guilhermina.

Jorge de Lima escreveu o mais luminoso poema da língua brasileira, Invenção de Orfeu, e nos deu, de bandeja, o denego e o mistério da Nega Fulô. Misturou catolicismo com candomblé, espiritismo com negritude, os podres caranguejos dos maceióis com os úmidos cabelos da Serra da Barriga.

Manuel Bandeira, que viveu se preparando para a morte, não morreu. Tocou o ritmo dissoluto, se evadiu na libertinagem, degustou a glória na sombra de um beco, cantou a estrela da manhã, a estrela da tarde e a estrela da vida inteira.

Eulajose pesquisou a maresia dos poemas e proseava com os fantasmas peripatéticos da Rua da República. Magno era visível no silêncio. O mudo idioma. Lúcio se perdeu no eco dos búzios e fez do Cabo Branco um mágico trampolim para os naufrágios. Marcos desenhou as cores do pavão misterioso e fez do ditador um eu lírico, a dançar o foxtrote nos desvios e desvão da história, nos lombos da Ladeira da Borborema.

Clarice Lispector não morreu. Cecília Meireles não morreu. Katherine Mansfield não morreu. Não morreu Virginia Woolf, Silvia Plath, Emile Dinkson, Anna Akhmátova e tantas mais que sangraram nos órgãos da palavra. Essa gente está mais viva que muitas e muitos semimortos que andam por aí.

Essa gente, sim, não morreu. Nem morre. Nem nunca morrerá.

Bebê de Natércio tem razão. Ele também é gente que não morre!

(Em tempo: A Letra Lúdica de hoje é para Bebê de Natércio)

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

ARTES VISUAIS

Fernando Pina expõe na Estação

Mostra 'E depois do adeus' resgata em nove obras memórias pessoais e da geração dos anos de 1960

Foto: Arquivo pessoal



O artista Fernando Pina diz que a exposição fala, entre outros temas, de amor, das pessoas que se perderam e da guerra

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

O artista visual português Fernando Pina está expondo pela primeira vez na cidade de João Pessoa. Trata-se da mostra *E depois do adeus*, que tem curadoria de Amanda Costa e vai permanecer aberta na Estação Cabo Branco – Ciência, Cultura e Artes, no bairro do Altiplano, até o dia 26 de outubro. Realizada pela Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Educação e Cultura (Sedec), a exposição individual resgata histórias, memórias pessoais e familiares do próprio autor, numa narrativa que as transcende, lança um olhar sobre a geração dos anos 1960, época em que 90% da população jovem masculina foi mobilizada para a guerra colonial, e é integrada por nove obras, entre as quais o público vai observar a inédita peça denominada *224/61 – vigília*, assim como a versão final de *Factor Rhesus*. As visitas são gratuitas e podem ser feitas de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 16h.

“Tenho um grande carinho pela cidade de João Pessoa e surgiu esse convite para realizar a exposição, o que me deixou muito orgulhoso”, confessou Fernando Pina, que é natural da cidade de Lisboa, onde reside atualmente. Ele veio à Paraíba participar da abertura da individual, que aconteceu ontem. Na ocasião, ele fez uma visita guiada com o público e informou que ainda pretende repetir tal atividade outras vezes, até o final do mês de setembro, quando planeja regressar a Portugal. Ele disse que trouxe de seu país

de origem apenas a obra *factor Rhesus*, pois as demais foram impressas na capital paraibana, que começou a visitar a partir de 2016 e onde possui apartamento desde 2020.

A exposição é formada por nove obras, sendo seis de fotografias, dois vídeos e uma de som. “O título da mostra eu resgatei de uma música que foi vencedora, em 1974, de um festival de música muito famoso em Portugal. Essa canção tem importância muito grande, porque foi o primeiro sinal do que viria a ser a conhecida como Revolução dos Cravos, resultante de movimento político e social ocorrido em 25 de abril de 1974, que depôs o regime ditatorial e iniciou um processo democrático”, explicou Fernando Pina. O artista visual conta que relaciona esses fatos históricos com a sua existência: “O obscurantismo político, a pobreza e as feridas deixadas pela guerra, travada pela geração anterior à minha, são confrontados com a liberdade, a paz e a prosperidade que se seguiu a 1974. A geração seguinte pôde respirar sabendo que não seria mobilizada para uma guerra”.

Amor e adeus

Fernando afirmou que “a exposição fala de amor, de pessoas que se perderam, mas fala, também da Guerra Colonial na África, que acabou em 1975. Uma das obras da mostra se intitula *224/61 – vigília*, que é uma peça com 150 imagens feitas a partir de um álbum de fotografias de um paraquedista de Moçambique. O 224 é o que se chama, em Portugal, de número mecânico que ele tinha e dado a quem

entra no serviço militar, como se fosse o cartão militar, e o 61 refere-se ao ano da incorporação do militar. Produzi essa obra em 2020 e a palavra vigília tem o sentido de vigiar, observar e estar atento, o que é algo que um militar tinha que ficar”.

O artista visual também explicou o conceito de outra obra que o público pode contemplar na exposição, a *Factor Rhesus*, formada por quatro imagens, cada uma com 16 fotos de momentos da família. “A partir da minha família, faço uma regressão para tentar compreender as pessoas que ainda existem, compreender a relação com o meu pai, que tinha perdido há muito tempo. Esta exposição é, essencialmente, uma história de vida e de morte; de liberdade, de redenção e amor. É um tributo à minha família e para aqueles que lutaram pela liberdade e pela paz no meu país”, disse ele.

O artista visual

Fernando Pina desenvolve projetos de cunhos documental e autoral, numa relação discursiva entre áreas das artes, a exemplo da fotografia, design gráfico, instalação, vídeo e som. Ele é assistente convidado em Arte e Multimídia da Escola Superior de Educação de Lisboa – Instituto Politécnico de Lisboa. cursou Licenciatura de Design de Comunicação e Licenciatura de Arte Multimídia na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, pela qual é mestre em Museografia e Museologia e, desde 1988, trabalha como designer, consultor, formador e professor em diversas áreas do design gráfico, comunicação e de arte multimídia.



Livraria
A UNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/



COTAS DE GÊNERO

Fraudes já levaram a 40 cassações

Tribunal Regional Eleitoral registrou 27 processos em relação às últimas eleições por causa de irregularidades

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@tjpe.pb.gov.br

O Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) registrou 27 procedimentos relativos a fraudes à cota de gênero que já foram julgados envolvendo as eleições municipais. Conforme dados do órgão, as decisões que reconheceram essas irregularidades e determinaram novas eleições atingiram, desde 2019, cinco cidades e em três delas o novo pleito já foi realizado: Monte Horebe (nove vereadores); Gado Bravo (prefeito e vice-prefeito) e Boa Ventura (nove vereadores).

Nas outras duas cidades as eleições ainda vão ocorrer, mas a fraude já foi reconhecida pelo TRE-PB: Boqueirão (11 vereadores) e Mãe D'Água (nove vereadores). Assim, ao todo foram 40 perdas de mandato, sendo 38 vereadores cassados, além de prefeito e vice-prefeito. Este número não inclui os suplentes.

De acordo com a desembargadora e presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba, Fátima Maranhão, a maioria dos processos envolvendo as cotas de gênero foi julgada procedente, alguns com perda de mandato e novas eleições e outros deles com perda de mandato e recontagem de votos (retotalização de votos), assumindo os suplentes. E em raras situações, foi identificado que não houve a intenção de burlar a cota de gênero, mas sim uma situação, impeditiva e justificada.

Atualmente, o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba é uma das cortes que mais julgam processos de fraude à cota de gênero e por isso esse número de ações de candidaturas femininas fictícias pode, inclusive, ser atualizado pelo órgão futuramente. Até agora os processos revelados envolvem apenas as Câmaras Municipais e uma Prefeitura paraibana e não atingem a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB).

A burla à cota de gênero representa a candidatura de mulheres apenas para cumprir a cota dos partidos políticos. No entanto, elas não chegam a fazer campanhas e muitas sequer votam nelas mesmas. De acordo com a desembargadora Fátima Maranhão, estes processos propostos no Tribunal e julgados correspondem a municípios onde uma ou mais pessoas solicitaram o reconhecimento de fraude à cota de gênero com aplicação de inelegibilidade e novas eleições.

Segundo a desembargadora, além dos 27 processos julgados, aproximadamente 10 processos ainda estão tramitando, mas como eles ainda não foram a julgamento, não é possível revelar seus resultados.

A magistrada acrescentou ainda que desde 2019, quando foi julgado o caso de candidaturas fictícias nas eleições de Valença (PI), relativas às eleições de 2016, o TSE fez algumas definições, entre elas a de que a comprovação da fraude



Foto: Roberto Guedes

Fátima Maranhão: maioria dos processos foi procedente

derruba toda a coligação ou partido, ou seja, compromete todo o DRAP (Demonstrativo de Regularidade de Atos Partidários) do partido naquela localidade.

Por essa razão, as irregularidades no cumprimento da cota de gênero alteram a composição política nas cinco cidades paraibanas onde foi determinada a realiação de novas eleições no Plenário do TRE-PB. No que se refere às decisões de cassação por

fraude à cota de gênero que importaram em retotalização dos votos (e não em nova eleição), o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba não divulgou o número do total de vereadores atingidos.

Nas cidades de Monte Horebe e Boa Ventura as eleições suplementares já aconteceram e foram destinadas à ocupação de nove vagas na Câmara Municipal em cada uma destas cidades, já que a cassação dos vereadores não atin-

ge apenas a mulher, mas todo o DRAP. Conforme a desembargadora, alguns vereadores, inclusive, foram reeleitos. Em Gado Bravo o novo prefeito e vice já foram escolhidos.

Já nos municípios de Boqueirão e Mãe D'Água, as eleições suplementares estão previstas para ocorrer no dia 12 de novembro, mesmo dia da segunda prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem 2023) em todo o Brasil. Tanto a prova como as urnas eletrônicas utilizam o espaço das escolas dos municípios, fato que já foi comunicado ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), órgão que define as datas das eleições suplementares. Este último órgão elabora um calendário definindo que as eleições suplementares neste segundo semestre podem ocorrer nas seguintes datas válidas para todos os Tribunais Regionais, incluindo a Paraíba: 6 de agosto, 3 de setembro, 1º de outubro, 12 de novembro e 3 de dezembro.

Atualmente o TRE-PB aguarda uma posição do TSE sobre uma possível alteração da data para as eleições suplementares. “12 de novembro é a previsão porque todo esse processo eleitoral é bem trabalhoso e temos que seguir prazos. Temos que acompanhar a resolução da Corregedoria Geral de Justiça do Tribunal Regional Eleitoral.

A Corregedoria já nos enviou uma resolução sugerindo esse prazo de 12 de novembro para fazer a eleição”, informou a presidente do TRE-PB.

Legislação prevê estímulo à presença feminina na política

O estímulo à participação feminina através da cota de gênero está previsto na legislação brasileira desde 1997, no artigo 10, parágrafo 3º, da Lei das Eleições: a Lei nº 9.504/1997. Ela define que cada partido ou coligação deve preencher o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo, nas eleições para Câmara dos Deputados, Câmara Legislativa do Distrito Federal, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais. Subentende-se, portanto, que os partidos precisam lançar 30% de candidaturas femininas, regra que passou a ser obrigatória a partir de 2009.

Segundo a secretária judiciária e de informação do TRE-PB, Andreia Gouveia, a fraude é constatada a partir de certas características: mulheres que se candidatam, mas que têm uma votação zerada ou com um ou dois votos; que não gastam recursos com propaganda; que tem um membro da família muito próximo que está sendo candidato adversário, mas é do gênero masculi-

no e que está fazendo campanha como se fosse “adversário”; a contabilidade da campanha é um pouco “maquiada”, dentre outros aspectos.

Já a desembargadora Fátima Maranhão observa que a lei que estabelece regras para as eleições não estava sendo totalmente respeitada e, por isso, os Tribunais têm tomado a seguinte posição: identificada a burla à cota de gênero, isto é, identificado que não foram cumpridos os 30% destinados às mulheres, essa eleição estaria nula, prejudicando os candidatos eleitos e todo o DRAP (aquele partido/ coligação que envolve determinados vereadores). Desta forma, burlam a lei as mulheres que se mantêm candidatas e nas urnas suas votações são zeradas ou suas votações são consideradas insignificantes. “O Tribunal teve que ter uma posição muito rígida. A exceção são as mulheres que se candidatam e, após todo um trabalho de campanha, precisam se afastar por uma doença grave. Outro caso seria a candidata que de-

sticiu formalmente. Em nenhum destes últimos dois exemplos não se pode dizer que a lei foi desobedecida”, ressaltou a presidente do TRE-PB.

Conforme a desembargadora, em vários processos julgados no órgão, é verificado que as candidatas não tiveram sequer um voto, o que significa que elas não votaram nem em si próprias. “Em outras situações, algumas mulheres votaram no irmão, no pai, no amigo, no compadre e sendo candidata, tendo seu nome no registro deferido pelo TRE como candidata a vereadora. É lamentável que as mulheres se candidatam só para cumprir tabelas, que as mulheres se candidatem tão somente para preencher aquela faixa de cota, mas não façam campanhas”, comentou.

Inclusive, nas cidades que tiveram vereadores cassados na Paraíba desde 2019, alguns mesmo não participando da fraude, também foram atingidos com a perda do mandato, sendo cassados devido à irregularidade cometida pelo partido.

Diferentes ilícitos podem anular o pleito eleitoral

De acordo com a secretária judiciária e de informação do TRE-PB, Andreia Gouveia, uma eleição pode ser anulada devido a diferentes tipos de ilícitos que podem implicar em uma cassação dos eleitos como abuso de poder econômico, abuso de poder político, captação ilícita de sufrágio, conduta vedada, desinformação do processo eleitoral, dentre outros crimes previstos na Legislação Eleitoral, a exemplo da fraude à cota de gênero.

No caso das eleições proporcionais do Poder Legislativo (para vereadores e deputados) se a fraude for comprovada e os candidatos comprometidos tiverem mais do que 50% dos votos válidos da população, os candidatos são cassados em plenário e a eleição suplementar deve ser realizada. Quando existe a cassação pelo plenário, um acórdão é mandado para publicação. Depois, o processo vai para a Corregedoria Regional Eleitoral para que esta elabore uma resolução que vai definir a data do novo pleito. De acordo com esta data, é que todo o calendário para registro de candidaturas, propaganda e prestação de contas é definido.

Por outro lado, se o partido envolvido na fraude à cota de gênero eleger políticos cujos votos receberam menos do que 50% dos votos válidos, esses votos são anulados e os Tribunais Eleitorais fazem o reprocessamento da eleição. Neste caso, não há necessidade de eleições suplementares, pois aquela quantidade de votos foi menor do que 50%. “Se a fraude ocorrer em um partido que de nove vereadores, seis estão envolvidos, por exemplo, certamente a quantidade de votos válidos foi mais do que 50%. Neste caso, não é possível reprocessar a votação e a lei manda fazer nova eleição. Mas, às vezes, a fraude é cometida por um partido que recebeu menos votos (só elegem duas pessoas por exemplo) e só aqueles votos são anulados, isto é, retirados do sistema do TRE para que seja feita a recontagem e o partido envolvido é desconsiderado”, diferenciou Andreia Gouveia.

Assim, na Paraíba, três municípios já realizaram suas eleições suplementares: Monte Horebe, Gado Bravo e Boa Ventura. Já as cidades de Boqueirão e Mãe D'Água realizam o novo pleito no dia 12 de novembro (previsão). Porém, em Santa Rita, por exemplo, houve a recontagem de votos. “Destes 27 processos julgados, alguns não foram acolhidos pelo Tribunal porque a maioria destes processos são propostos pelo parti-

do político que não se saiu bem na eleição, candidatos que ficaram na suplência e é preciso que se prove que realmente houve essa burla: que tivemos uma candidata, que essa candidata não deu atenção às regras da eleição e não se candidatou para valer”, pontuou a desembargadora Fátima Maranhão.

Conforme a magistrada, as eleições suplementares acontecem da mesma forma que as outras eleições para as Câmaras Municipais. Mas resguardam-se aqueles que não foram atingidos pelo DRAP, e os que não foram afetados pela condenação ficam em seu mandato. “Mas, existem situações tão sérias em que toda a Câmara é cassada, porque todos estão envolvidos nessa fraude. Foi o que aconteceu com Monte Horebe, onde a Câmara ficou tão esvaziada que ficou sem condições até do prefeito votar a Lei Orçamentária Anual (LOA). Então, ficamos preocupados em dar celeridade a esse cumprimento para que o Executivo Municipal não sofra consequências graves”.

Fátima Maranhão conta que, inicialmente, pensou-se na possibilidade de manter os candidatos que foram cassados em seus cargos até que os novos eleitos fossem diplomados para evitar o fechamento da Câmara. No entanto, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em suas resoluções determinou que a cassação é imediata. Se a perda de mandato é imediata, o TRE-PB precisou reconsiderar essa decisão para seguir o TSE.

A secretária judiciária TRE-PB reforçou ainda que a eleição suplementar tem como única diferença levar para as urnas apenas os cargos que tiveram políticos cassados. Mas, do ponto de vista operacional, envolve a mesma estratégia de servidores, combustíveis, gastos, além de prazos definidos para registro de candidatura, propaganda, prestação de contas, dentre outros itens. Os custos de uma nova eleição são do TSE e, assim, como a quantidade de servidores mobilizados e número de urnas utilizadas são itens que variam de acordo com o tamanho do município. Na eleição de Boa Ventura (com cerca de cinco mil habitantes), por exemplo, a previsão do TRE-PB para a remessa de verba alcançou aproximadamente R\$ 100 mil para organizar o pleito.

“Estão envolvidos todos os servidores das zonas, todos os mesários porque todas as sessões eleitorais daquele município vão ter que ter urnas, além de o suporte do Tribunal”, disse

Memórias

A União

Antônio David

A arte de transformar um clique em imagens fortes, maravilhosas e definitivas

Influenciado pelo pai, repórter fotográfico começou em A União e logo descobriu como unir a necessidade de informação com os detalhes técnicos que poderiam transformar uma fotografia em referência estética

Luiz Carlos Sousa
luisjcp@gmail.com

Antônio David levou a arte da fotografia para as páginas de **A União**, ainda no início da sua carreira. Foi no **Jornal A União** onde desenvolveu ainda mais a profissão, iniciada de forma amadora, sob a influência do pai, um fotógrafo que iniciou a carreira nos anos de 1930. Em entrevista ao **Memórias A União**, David compartilhou o conhecimento sobre o tema, acumulado ao longo de mais de 30 anos de carreira. Antônio David falou, ainda, sobre como tem sido acompanhar o desenvolvimento tecnológico, que passou do analógico ao digital e hoje vive os dilemas dos limites da influência que a Inteligência Artificial pode ter sobre a fotografia. Segundo ele, a arte e o olhar apurado do artista permanecem, independente da forma como a foto é realizada.

Entrevista

■ *Como é que você chegou n'A União, David?*

Eu nasci em Taperoá e sou filho de fotógrafo. Sou o terceiro de uma família de cinco. Meu pai morava em São João do Cariri e trabalhava na agricultura. Ele tinha vontade de sair daquela vida da agricultura e colocou o nome Nanci em uma rifa para ganhar uma máquina fotográfica. Isso aconteceu nos anos de 1930. Depois ganhou essa máquina, ele saiu batendo na porta de um, batendo na porta de outro, para aprender o ofício da fotografia, que era muito difícil naquela época. Ele terminou aprendendo e ficando em Taperoá. Conheceu minha mãe e casou. A minha primeira irmã foi Lucinha, depois veio Ana Lúcia, ele queria botar o nome Nanci, mas minha mãe não permitiu porque tinha um negócio de promessa com o nome, e terminou sendo a mais nova a Nanci. Eu terminei o Científico em Taperoá, fui para Campina Grande na época, então minha mãe falou que minha irmã estava em João Pessoa, fazia Letras, e que era melhor ir para João Pessoa. Então eu vim. Fiz teste primeiro para o jornal O Norte - os grandes jornais eram O Norte, Correio e **A União**. Todos eles estavam mudando de parque gráfico. Eu fiz o teste, peguei uma câmera, que eu já tinha intimidade, e sai para fotografar. Quando eu chego da lagoa, estava sendo cortada a grama, estava belíssima, tinha chovido também e quando João Pessoa chove a lagoa fica aquele espelho, aquela coisa bem cristalina, cintilante. Eu fotografei os garis, tinha uns quatro garis, que estavam na Lagoa. Fui para o laboratório e revelei. Ai, no outro dia, o editor, era Evandro Nóbrega, quando eu chego eu vejo a foto na capa: "Cidade se prepara para receber o novo governador", que eu acho que era Ivan Bichara. A partir desse momento eu já fiquei integrado. Passei um ano e meio no Norte. Comecei a conhecer a turma todinha. Arion Carneiro era de **A União** e estava saindo, porque ele fazia muito freelance para fora. A Redação era em cima de Cherry Calçados, na Duque de Caxias, na 1817, porque o prédio dela já tinha se destruído para construir a Assembleia. Eu vim conversar com José Souto, Agnaldo também já me conhecia, e o parque gráfico estava sendo mudado. Eles queriam

fazer umas boas edições de segundo caderno, de esporte, então eu vim para cá. Ele perguntou quanto eu ganhava em O Norte e tudo. Vim para **A União** em 1979, fiquei e aqui a gente começou. Era um ambiente, uma coisa maravilhosa. Eu tinha um escritório no Centro, mas tive que vir para cá porque o laboratório de fotografia era aqui, no Distrito Industrial. Foi onde eu conheci a qualidade dos profissionais que tinha vontade e tinha o brilho de crescer. Minha escola foi o viaduto, eu tinha que estar lá 5h, 6h da tarde, olhando os jornais do Sul que chegavam. O Globo, O Estádio, Folha e o JB, e o JB, sempre ganhou de todos em produção de foto e de texto também. **A União** começou a fazer escola aqui também depois da implantação do curso de Jornalismo e **A União** sempre enveredou muito pelo lado da cultura. Dava espaço no primeiro caderno de página inteira. Você comprava outros jornais no final de semana para se inteirar dos assuntos políticos e **A União** você sempre teve muita responsabilidade. Com a denúncia que a gente fazia, se a gente ia fazer uma denúncia de um buraco, a gente pegava o ângulo que pegasse a rua para mostrar. Nós tínhamos uma ética muito grande em tudo e principalmente com matérias policiais. Eu me lembro uma vez que um cara tinha se enforcado. Tinha que dar na primeira página, eu fotografei a mão dele que estava com um bilheteinho. Outra coisa, quando tinha um atropelamento, a gente mostrava mais o carro e a rua.

■ *Você se lembra qual foi a primeira máquina que você trabalhou?*

Eu me lembro, foi em Taperoá, meu pai tinha uma Yashica. Ai depois quando eu chego no jornal O

Norte me deram uma Canon, que eles tinham comprado, uma máquina de 35 MM e era completamente diferente da que eu trabalhava. Mas eu sempre fui muito curioso, sempre procurei estudar e peguei a câmera, botei o filme e deu tudo certo. Nós tínhamos muito trabalho porque a gente saía para reportagem, ia para a Câmara, Assembleia, depois dizia que tinha que levar algo do cotidiano. A gente chegava, entrava no laboratório e revelava o filme. Era uma mão de obra muito grande. Era quase do mesmo jeito do repórter, que chegava, tinha que preparar o texto todinho, colocava o papel na máquina e tirava um papel e jogava no coleira.

■ *Você também foi um fotógrafo que enveredou pelos caminhos do interior. Você registrou a seca, conflito de terra, os cuidados com os animais. Fale um pouco dessas idas e vindas para Paraíba?*

Nosso interior sempre foi muito carente de tudo e a seca agrava muito mais. E eu, como tinha vindo do Cariri, sentia na pele aquele sofrimento, daquelas pessoas de não ter o que comer, porque não tem como plantar, não tem como lavar a terra, porque não tinha chuva. Toda cidade no interior foi construída onde não tinha nada. Construí uma casa, depois uma igreja. Então, todas as cidades eram formadas em cima disso e quando vem o período de estiagem, que acaba a água, acaba a vida da cidade, acaba tudo. A gente era preocupado com isso porque ia depender do Governo Federal, da Sudene, Dnocs. Me lembro que na época de Burity, ele mandou até um trem com água. Então, o nosso povo paraibano sempre foi muito sofrido com a seca e eu me lembro mesmo. Quando era adolescente, na minha terra, Taperoá, o inverno era regular todo ano. Todo ano tinha safra de frutas, de todo tipo de verdura. Eu me lembro, era feijão, milho ou algodão. A indústria produziu muito. Eu acho que faltou uma política de conscientização para que as pessoas comessem a plantar para permanecer em seus municípios. A Paraíba come-



Para David, pegar as cores do arco-íris em preto e branco, pegando as nuances, é uma arte



David revela que sua escola foi o viaduto, onde chegava às 5h, 6h da tarde, para olhar os jornais do Sul e aprender

çou numa desertificação com a mudança do tempo, com o efeito estufa, mas faltou muito aos técnicos olharem esse lado para evitar a migração que era muito grande.

■ *Como consegue sobreviver da fotografia no interior?*

Sobrevivia porque você completava 18 anos, tinha que tirar título de eleitor. Era foto para identidade, foto para carteira profissional, foto para carteira de motorista. E outra coisa, para conseguir sobreviver os pais tinham que viajar para Rio, São Paulo e deixavam os filhos, a mulher grávida. Então o menino nascia, ia para igreja, fazia o batizado, e a fotografia acompanhava o crescimento da família. Eles mandavam o dinheiro, vinha dentro de uma carta, era inviolável. Eu sou de um tempo em que a honestidade existia.

■ *Mas você se lembra de alguma reportagem que você fez, uma fotografia que lhe chamou atenção nessas viagens para o interior. Você fez um trabalho todo em preto e branco, não foi?*

Você pegar todas essas cores do arco-íris e transformar em preto e branco, pegando as nuances e degradações é uma arte. Na fotografia, o verde e o vermelho se confundem, são quase as mesmas cores. Então quando foi descoberta a fotografia o correto seria ser descoberto em cores que era muito mais fácil. Sou brasileiro e a fotografia foi descoberta no Brasil, por Florence, professor da USP, e o imperador Pedro II, tinha uma grande equipe de pesquisa. Agora, quando foi anunciado foi na Academia de Ciência de Paris. Louis Jacques Mandé Daguerre já tinha anunciado. Ai depois quando a gente vê, é por isso que o Brasil tem essa efervescência de grandes fotógrafos, de grandes músicos, de grandes artistas. Porque quem começou a manusear fotografia no Brasil foram os artistas nos seus próprios ateliers. Eu tenho um conhecimento de uma dupla famosa que foi David Nasser

e Jean Manzon, da parceria do fotógrafo com o texto. Eu brincava dizendo que o repórter roubava o acontecimento com o olho do fotógrafo e o fotógrafo fazia o seu trabalho com apoio do jornalista. Então existe sempre muito esse entrosamento entre a arte e eu tive depois o grande aprendizado no cinema. Eu sempre trabalhei em jornal e em João Pessoa havia duas sessões de cinema de arte, terça-feira no Municipal e quinta no Hotel Tambaú. Eu ia assistir aos filmes. E eu dizia, Barretinho, eu não entendi. E como ele tinha a sinopse, ele me dava uma aula. Ai você vê a imagem, você tem aquela curiosidade. A minha educação do olhar é do cinema, que educa todo mundo, porque eu não assistia filmes, eu estudava os filmes, é uma diferença muito grande. É como uma orquestra sinfônica, você não vê, você tenta escutar e para ter ouvido absoluto é muito difícil.

■ *Você ainda trabalhava no jornal no advento da digitalização. Ou você já tinha saído do fotojornalismo diário quando as câmeras passaram a ser digitais?*

Eu estava aqui no **Jornal A União**. Esse advento da internet, ele foi muito interessante e ele tinha acontecido como aconteceu com o videoteipe. **A União** foi pioneira na Paraíba em publicar foto colorida. Começou na coluna de Ivonaldo Correia, porque dava tempo de preparar tudo na época que Domicio Córdula estava aqui, ia para Recife, para fazer a policromia, a seleção de cores. Depois começou a se expandir, aí chegou o período digital. A vantagem que tinha, apesar da qualidade péssima, era de suprir a necessidade de publicar *in loco*, porque quando a gente vê a evolução da tecnologia ela aparece depois, mas na Segunda Guerra, a gente recebia foto através de sinal de rádio, era a telefoto. Com esse sinal de rádio as agências transmitiam de São Paulo e outros cantos, tudo através de sinal telefone, principalmente as fotos internacionais. Quan-

do chega o avanço do digital, que a gente sabe que veio para ficar, mas tinha um problema muito sério que era a resolução, a qualidade da imagem. Como o jornal tudo é informativo então a fotografia é importante fato, era melhor colocar ela com pouca qualidade, mas na hora. Uns portais, por exemplo, com uma diagramação feia, porque não podia botar a foto nem retangular, nem vertical, porque esteticamente para o portal não era bom, aí foi se modernizando para aceitar isso. Eu fazia muito "frela" nesse tempo. Eu fiz uma matéria grande sobre Burity. Queriam saber como ele, sendo governador da Paraíba, conseguia dar aula, quer dizer, porque ele gostava disso. Eu fiz essa matéria acompanhando ele na sala de aula e tudo a gente mandava. Mandava para São Paulo para sair na outra edição da Veja.

■ *Como foi a sua relação com os veículos de comunicação de fora da Paraíba?*

Seguinte: a Paraíba sempre foi muito importante na política, sempre teve grandes políticos. José Américo de Almeida, na literatura tinha José Lins do Rego, José Américo, Celso Furtado. Então chegava Celso Furtado na Paraíba, convidado pela Universidade para receber um título, ou alguma coisa nesse sentido, ou fazer uma palestra, e isso era um negócio que o Brasil inteiro se interessava. A Paraíba nunca ficou atrás dos grandes centros. A Paraíba já venceu até o Flamengo dentro do Maracanã.

■ *Como foi que você, um profissional que se inspirou no seu pai que era fotógrafo, que usava a câmera de rolo, de repente precisou se adaptar à máquina digital?*

Nós sempre na fotografia que o princípio básico é a regra dos terços, que foi usado no início da fotografia, até hoje é usado pelo cinema, pela televisão. Você divide a imagem e você pega os pontos altos, com isso você tem um equilíbrio estático e estético na fotografia. A educação da linguagem fotográfica, que essa linguagem

eu aprendi com o cinema, trouxe isso para cá. Tem no cinema, tem na pintura e na fotografia, que o Fineart, e isso veio da arte da pintura, que nós herdamos da Renascença dos mestres Caravaggio, Velasques, com toda aquela iluminação que tem na pintura. Tudo ali influenciou também muito o cinema. Essa é uma educação que vem passando de geração para geração. Ai quando você vê tudo o que foi feito de bom, do antepassado, nós absorvemos isso de graça. E tentamos dar. Qual é o momento moderno da fotografia agora? É o Fineart, porque é uma fotografia que fala por si, só porque ela tem a arte, ela tem luz, tem sombra, tem espaço perspectiva, tem composição textura e tem a estética e hoje nós estamos vivendo um momento que eu tô transformando em fotos não fungíveis. A imagem tem o poder em si, não vai se acabar o princípio. Isso é o mesmo olho do fotógrafo para perceber as nuances do detalhe, a informação que a fotografia vai ter, que é transmitir o mesmo, sendo analógica, digital, a gente analisa como se fosse a Grécia antiga, o berço de tudo. Ai quando você vê a origem etimológica da palavra foto, luz, grafia, na parte oriental é como se fosse sentir reflexo da realidade enquanto na Grécia a fotografia era a arte de escrever com a luz. Quando você junta o reflexo da realidade com a arte de escrever você tem a comunicação visual, você tem a arte visual, aí quando você consegue ler, estudar para absorver, você cria seu estilo.

■ *Como adaptar todo esse conhecimento? Todo esse arcabouço teórico que há por trás fotografia e que dá a ela a substância técnica e a profundidade do conhecimento para aplicar aqui, em algo que você precisa ter agona, você não pode perder o momento, como você fez n'A União?*

Você tem que ter um disciplina-mento muito grande. A gente pegava uma câmera, olhava, regulava o diafragma, a velocidade e o foco para fotografar, mas hoje é tudo automatizado, você aponta e fotografa. Quando você analisa uma fotografia



Segundo David, uma cor, um detalhe é como na pintura, que o artista quer chamar atenção

para concurso, por exemplo, eu ganhei o prêmio da Laika e eles analisam primeiro esteticamente a luz, o espaço, perspectiva da fotografia e o equilíbrio estético. É diferente de uma fotografia Fineart que você vai lá prepara, bota o tripé, espera. É por isso que eu admiro muito o amador. O amador faz aquilo por amor, sem espírito de maestria ou de competitividade, ele pode esperar pelo belíssimo pôr do sol, chegar a hora e fotografar, o profissional nunca faz isso. Também nunca tem tempo para fazer isso. Então, eu respeito muito o amador, porque ele começa a gastar seu tempo e vai encurtando seu tempo e vai fazendo coisas belíssimas até adquirir o seu estilo próprio.

■ *E o celular que hoje está cada dia mais moderno, é mais máquina de fotografia do que equipamento para fotografia?*

Porque não é um só celular, é um computador dotado de memória, de aplicativo, de tudo. Chegou a um ponto da evolução que nós temos hoje uma grande guerra entre marcas. *iPhone* e *Xiaomi*. E pelo que eu vejo o celular veio para ficar. Você não precisa mais sair com uma câmera pesada, e com medo porque fica exposto com aquilo. A pessoa hoje vai preferir fazer uma fotografia com o celular, ele tem um equilíbrio de luz muito perfeito, *software* se modernizando de uma maneira que você tem todo o equilíbrio de luz. Você não tem que entender da técnica para poder chegar e fotografar, é simples da forma que é feito pelo celular.

■ *O celular transformou todo o mundo em um fotógrafo?*

O problema todo está em cima disso. Nós temos uma diversificação grande e não temos uma diversificação da imagem, não tem uma coisa unificada e muita gente está aprendendo errado, infelizmente. O que precisamos fazer é reeducar o olhar, condicionar o olhar. Digo para as pessoas que olham fotografia e não sentem o que eu transmiti no momento, para condicionar o olhar e se reeducar. E ensinar tudo, ensinar a ver como uma criança. O nosso volume de imagem é tão grande que a gente não tem mais percebido a coincidência poética e isso tem que ser reeducado. Então, o que é que eu poderia dizer para essa nova juventude? Digo para olhar os sites de fotógrafos profissionais de arte, olhar os pintores, principalmente porque ali tem o que aprender, e ler o que é da nossa literatura.

■ *Você falou do prêmio que ganhou. Que prêmio foi esse? A foto, foi jornalística?*

Eu fui escalado para fazer uma cobertura lá na Pedra da Boca onde foi inaugurado o Santuário. Fui até com o jornalista José Nunes, nós fomos à inauguração e eu fiquei em cima do palco que o governador José Maranhão ficou, e começou a chover. Quando começou a chover todo mundo saiu abrindo a sobrinha e tinha um senhor que não tinha nem guarda-chuva, nem sobrinha, com chapéu de feltro ele bem místico, as-

sim importante, e eu fotografei. Peguei só ele levando chuva e todo mundo com as sobrinhas em volta e ganhei o concurso Laika, que era de uma revista fotográfica, uma das melhores revistas de publicação da América Latina. É uma tecnologia alemã e foi quem produziu as melhores objetivas e ainda produz.

■ *Agora voltando para A União, quais foram as principais dificuldades que você enfrentou?*

Nós não tínhamos teleobjetiva. Ai você tinha que se aproximar fisicamente falando. Eu operava o diafragma, a velocidade, e ficava esperando o repórter enquanto ele conversava com o entrevistado. Quando eu olhava que era o exato momento, um instante eu virava e fotografava, e era só um clique e tinha que estar esteticamente perfeito, porque eu já tinha o olho condicionado. Toda fotografia que eu faço já foi imaginada por mim ou então eu já vi, no cinema, ou em alguma coisa. É a mesma coisa do pessoal de uma grande televisão que vai fazer um seriado no Lajedo de Pai Mateus e quer que a cena final seja um pôr do sol com um casal se beijando. Então o diretor de fotografia vai com a equipe toda. Ele olha e diz: "Eu quero assim, vocês se aproximem com a câmera. Quando chegar, vocês se beijam e encerra". Se você der uma câmera, ele não sabe operar, mas ele tem um olho educado.

■ *A União te ajudou nessa formação?*

É porque você fotografa muito n'A União. De manhã, eu estava fotografando no Palácio do Governo, de tarde estava num treino de futebol, no outro dia, em uma favela. Na orquestra, por exemplo você não podia usar *flash*. Na fotografia tudo tem uma forma e quando você se aproxima do detalhe, tem outra. Se você tem uma praia, você tem gente, você tem vida, tem humanidade ali, então, você aproveita essa humanidade e não pode ser coisa melhor do que à humanidade, uma mulher bonita para você embelezar muito mais a foto.

■ *Você começou inspirado no seu pai, numa máquina analógica antiga, depois foi para 35 mm, depois testemunhou a chegada da digital, sem qualidade, depois a digital foi melhorando a qualidade e hoje a digital é espetacular. Nós estamos diante de uma nova revolução que é a inteligência artificial. Como é que você está trabalhando com isso? Como é que você está vendo essa possibilidade?*

Eu mexo um pouquinho, estou fazendo uma experiência com a inteligência artificial e o NFT. Um fotógrafo norte-americano ganhou um prêmio com inteligência artificial, aí depois, foi tão realista, que ele teve que dizer que era inteligência artificial e devolver o prêmio. Mas o que nos preocupa em cima dessa inteligência artificial é que o mundo hoje vive numa violência com a inteligência artificial, posso clonar a sua voz e mandar mensagem para alguém aqui. A discussão que nós estamos hoje com a inteligência arti-

ficial, é porque esses grandes sites fazem uma busca em todas as imagens que têm no universo. Que é de domínio público e que não é, e depois vai aparecer problema de direitos autorais em cima disso.

■ *Que leitura você faz da importância histórica de A União no fotojornalismo e o que é que você acredita que espera o amanhã no fotojornalismo?*

A moda se renova a cada século. Daqui a 100 anos vai voltando tudo o que era antigamente e, com isso, você pode fazer uma análise no material antropológico que você tem, que são as fotografias, as imagens. Você pega uma imagem de 1930, ali no Ponto de Cem Réis, as pessoas com o chapéu e o jornal debaixo do braço, naquela época era mais frio, você vê uma foto do Rio de Janeiro, tudo é diferente e você vê a moda vai mudando. A moda vai buscando mudar, e ela busca aonde? No antepassado. Ai você sempre tenta ouvir um pouco e eles estão ouvando muito em cores também. Porque sabe que uma cor, um detalhe, o olho bate em cima e é como na pintura, que o artista quer chamar atenção, sabe como fazer da esquerda para a direita, e de baixo para cima. O artista sabiamente ele faz muito isso através da cor da fotografia. A gente também faz muito isso e é por isso que existe o espaço perspectivo da fotografia, que é a profundidade para você olhar uma fotografia e você sair com o olhar procurando o ponto que Roland Barthes usou muito e tudo é aquele ponto de interesse. Mas **A União** é história. O arquivo tem uma importância grande, fundamental, porque tem a história da Paraíba ali. **A União** tem 130 anos de história do Brasil nas suas páginas. E isso é uma coisa fundamental para a futura geração, porque **A União** tem história de um povo, de memória, um momento. E a cultura sempre esteve presente também. Tanto é que temos grandes escritores: José Lins do Rego, leu as melhores literaturas do mundo, então o mundo sempre tem esse ciclo. **A União** se encaixa dentro desse lado cultural porque levou a cultura para todo o Brasil e até para fora com o Correio das Artes, que foi exemplo. A gente nunca viu tantos poetas como nós, temos tantos bons dramaturgos, ainda estamos exportando gente para novelas, então a Paraíba é muito rica e **A União** descobriu isso e incentivou. É de uma importância fundamental para a cultura paraibana.

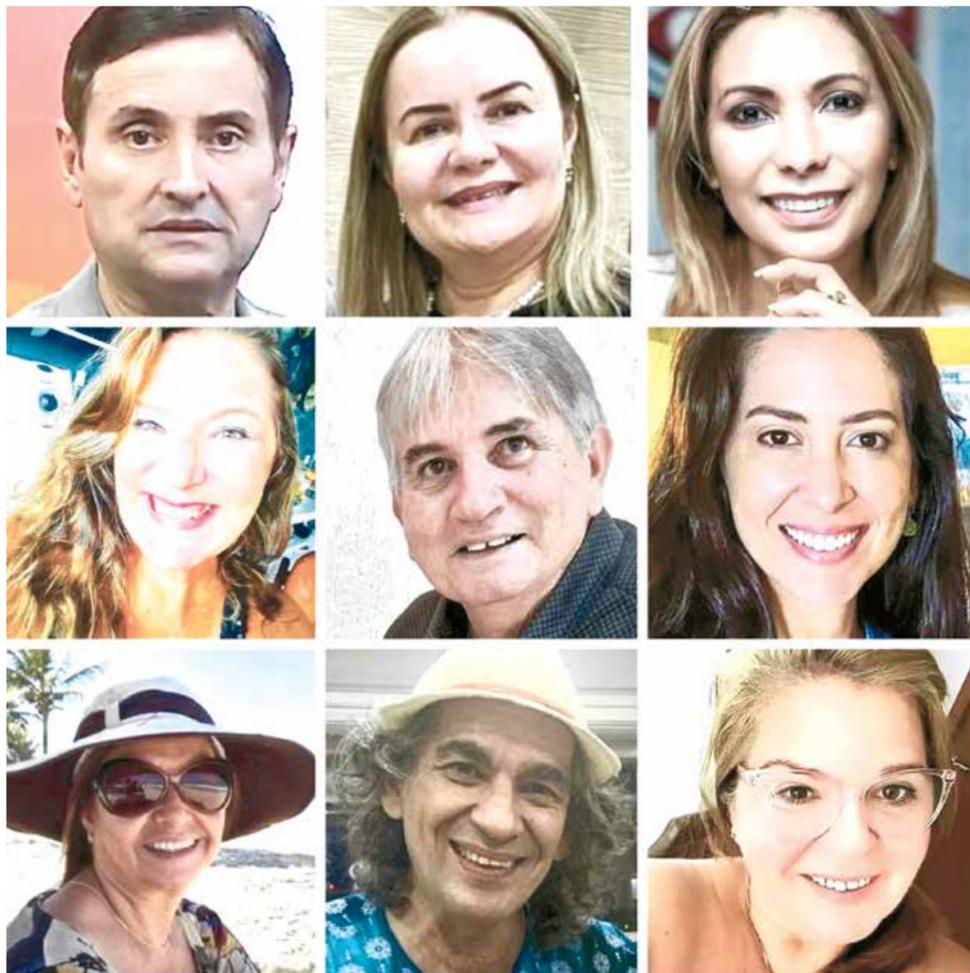


Aponte a câmera do celular e veja a entrevista na íntegra





Messina Palmeira



Saete Porto, Wanicleide Leite, Ediliane Marinho, Rômulo Soares, Maria Helena Rangel, Graça Moura, Isabele Trigueiro, Eduardo Fuba e Adenilson Maia (União) são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

SAO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.



Na noite de 16 de agosto de 2023, uma quarta-feira, o jurista, ex-juiz do TRE-PB, professor, escritor e poeta Everaldo Dantas da Nóbrega foi empossado como o mais novo Imortal da Academia Paraibana de Poesia, João Pessoa. Tomou assento na Cadeira nº 40, que tem como patrono o poeta e repentista Inácio da Catinqueira. Foi conduzido ao recinto pelos acadêmicos Ricardo Bezerra e Sebastião Aires. Sua apresentação foi feita pelo acadêmico Jairo Targino. O diploma de membro da APP foi-lhe entregue pelo filho Nicolas Augusto e pelo enteado Mário Augusto, enquanto que a Medalha da Academia foi-lhe colocada pela poetisa Stephany Lee. O evento foi presidido por Francisca Vânia Rocha, presidente da APP, e teve a participação do grupo teatral Poética Evocare. Presentes, Ferdinando Lucena (representando o governador do Estado), Eitel Santiago de Brito Pereira (presidente da APL), Severino Ramalho Leite (presidente da APL), Antônio Carneiro Arnaud (diretor da FNL), Luís Augusto Paiva (presidente da UBE-PB), José Adalberto Targino Araújo (presidente do IHG-RN), além familiares e amigos do empossando. Os outros empossados como novos acadêmicos foram Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti e Wellington da Costa Machado.



No último dia 19, a bordo de confortável ônibus, promovemos, Rose Costa e eu, um bate e volta à cidade de Areia e Remígio. Em setembro já estamos organizando outro passeio ao Engenho Corredor e ao Engenho Maravilha. Para mais informações, entre em contato comigo.



No último dia 21, um grupo de jornalistas, a convite do presidente da PBTur, Ferdinando Lucena, vivenciaram a festividade de abertura do município de Bananeiras na Rota Cultural Caminhos do Frio. Na ocasião, registrei Ferdinando Lucena, a secretária de Turismo de Bananeiras, Karina de Leon; a secretária de Turismo e Desenvolvimento da PB, Rosália Lucas e o secretário executivo Delano Tavares.



A Paraíba, todo mundo sabe, é terra fértil de eventos culturais e sociais. Desta maneira, idealizei e criei o Chá da Tarde Litero-Musical, objetivando interagir e reunir amigos que desejem passar momentos especiais, culturais e divertidos. No primeiro encontro, realizado em minha residência, realizamos uma tarde festiva que teve a participação dos músicos Gilberto e Rosânea Dória. Claro que a festividade foi recheada de muita descontração, amizade e harmonia.

A semana que se encerrou marcou a data comemorativa da cidade de Cajazeiras (160 anos). Foi uma oportunidade de reencontro de cajazeirenses e cajazeirados, que trazem a cidade/mãe na cabeça e, sempre que possível, não perdem a ocasião para abraços e confraternizações. Parabéns ao atuante professor e escritor cajazeirense Francelino Soares.

O empresário André Penazzi, CEO do Setai Grupo GP, foi um dos palestrantes do maior evento do mercado imobiliário do Nordeste, que aconteceu nessa quinta-feira (24), no Centro de Convenções de João Pessoa, quando falou sobre inovação e oportunidades no mercado de luxo. O 11º Fórum Regional do Mercado Imobiliário (FRMI), reuniu os maiores players do setor, que discutiram tendências, desafios e oportunidades do mercado. No palco principal, ele dividiu a cena com Eduarda Dubeux, líder do departamento comercial, marketing e CX da Moura Dubeux, e João X. Fiuzza, responsável por posicionar a Diagonal & Victa Engenharia no segmento de alto padrão em Fortaleza.

Gilvan Cabeleireiros, empresa dirigida pelo profissional Gilvan Pinheiro e que é um nome referência quando o assunto é cabelo e maquiagem para eventos especiais, vai promover evento para apresentar seu novo espaço no badalado Hotel BARA, na noite da próxima segunda-feira (28). O ambiente, que teve a assinatura das arquitetas Isabelle di Paula e Lidiane Donato, da Grafitto Arquitetura, está um deslumbramento. Claro que marcarei presença!

Gente! O saboroso Mundo de Baco está com uma novidade pra lá de bacana: os premiadíssimos vinhos franceses Chemins de Bassac chegam diretamente em João Pessoa, com custo/benefício da melhor qualidade. Rótulos como Sagarana Tinto 2019, Roussanne Branco 2022 e Lincandescente *Rosé 2022 podem ser adquiridos sem custo de frete.

Depois de adquirir um fusquinha 1963, um sonho que acalento há alguns anos, fui convidada pelo presidente do Clube do Carro Antigo da Paraíba, Sérgio Teixeira, para fazer parte deste seleto grupo. Claro que adorei e aceitei o convite.

A mostra Luxo Decor Brasil (LXDB), marcada para iniciar em outubro deste ano, terá como tema "Arquitetura Viva". O evento, que vai acontecer na antiga residência do casal Austregésilo e Eleonora Freitas, no Cabo Branco, vai reunir profissionais ligados à arquitetura, designers de interiores e paisagistas.

Selic

Fixado em 2 de agosto de 2023

13,25%

Sálário mínimo

R\$ 1.320

Dólar \$ Comercial

-0,09%

R\$ 4,876

Euro € Comercial

-0,11%

R\$ 5,267

Libra £ Esterlina

+0,01%

R\$ 6,136

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Julho/2023	0,12
Junho/2023	-0,08
Mai/2023	0,23
Abril/2023	0,61
Março/2023	0,71

Ibovespa



MODA UNISSEX

Mercado aposta em peças neutras e amplia público

Tendência é minimizar a diferença de gêneros e agradar consumidores diversos

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

A moda não está mais definida em uma dicotomia entre masculino e feminino. Há uma tendência de peças “sem gênero” ou “unissex”, isto é, que podem servir às pessoas de gêneros diferentes e às que não se identificam com um. A ampliação das possibilidades de uso confere uma característica de sustentabilidade, ao reduzir o consumo de outros produtos. Os modelos podem servir a uma diversidade de consumidores, mas seu acesso nem sempre é fácil, podendo ser encontrados mais facilmente na *internet*.

O diretor-executivo da Associação Brasileira do Varejo Têxtil (ABVText), Edmundo Lima, afirma que a ideia de moda sem gênero não é

uma novidade no setor, mas que vem ganhando adeptos da indústria e dos consumidores, sobretudo, os mais jovens, que buscam as mudanças e estão mais abertos a elas.

“Temos uma proposta de moda sustentável, ética e humana. Os varejistas têm uma visão de que moda é uma questão de expressão. Você dá várias indicações para a sociedade e para o seu entorno sobre sua personalidade ou estado de espírito, independente de questões de gênero ou sexualidade”, afirma Edmundo Lima.

Ele destaca a amplitude da moda, que abraça vários corpos, com perfis distintos. “Com uma modelagem fluida, uma mesma peça pode vestir pessoas com vários perfis corporais, isto porque tem havido a ampliação da grade de ta-

manho, incluindo pessoas de baixa estatura, bem magras, bem como as com sobrepeso”, comenta o executivo.

Edmundo Lima indica que a *internet* é uma importante plataforma para encontrar os modelos de tamanhos maiores, que não têm venda massiva. As grandes varejistas não colocam tantos produtos nas lojas físicas para não ter o risco de colocar em liquidação ou de não vender. “A pandemia de Covid-19 facilitou as compras *on-line*. Então, aumenta a assertividade de disponibilidade na *internet*”.

Multicores

As cores das roupas não estão mais atreladas à sexualidade ou orientação sexual, e sim à cartela de cores escolhida pelas lojas para definir as coleções por estações do ano,

comenta Edmundo Lima. “Normalmente, as grandes varejistas têm inspiração na mesma cartela de cores, mas há mudanças quanto aos tons ou uso de estampas, o que pode estar ligado também a uma questão regional”.

O executivo ressalta que as grandes varejistas, por atenderem mais consumidores, estão mais abertas a desenvolver os produtos “sem gênero”. Ele opina que tudo depende da forma como a marca se comunica com o público consumidor. A geração jovem está mais aberta à mudança, discute mais o tema e se posiciona sobre ele. “Os jovens se adaptam ao que querem expressar naquele momento. Em outro podem optar por uma cor específica, a exemplo da onda Barbie. A moda permite fluidez e alternância”.

Metade dos calçados vendidos não tem gênero

Aproximadamente metade dos calçados produzidos no Brasil não tem identificação de gênero. A Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados) classifica os itens como identificados – que inclui as categorias feminino, masculino e infantil – e não identificados, que é relativa aos calçados adultos sem gênero. Conforme a entidade, a última categoria corresponde a 49,7% dos calçados vendidos em 2022,

incluindo calçados unissex, ortopédicos e de segurança.

A produção de calçados sem gênero foi de 422,1 milhões de pares, em 2022. A representatividade da categoria vem crescendo nos últimos anos, com índices de 43,2%

em 2020 e 46,5% em 2021. De acordo com o presidente-executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira, os calçados unissex são, em sua maioria, chinelo, seguidos por tênis esportivos e de alta performance. Já os de segurança são os calçados utilizados como equipamento de proteção individual. Quanto aos ortopédicos, são os utilizados em tratamentos de saúde.

A indústria calçadista brasileira ainda caminha a passos lentos quando o assunto é adaptação às demandas da

sociedade e abertura à diversidade humana. Mulheres ou homens transgênero podem ter dificuldade para encontrar o sapato de seu gosto e no tamanho de seus pés.

“Não temos pesquisas por grade de numeração. O fato é que empresas possuem estratégias comerciais distintas. Hoje existe, sim, uma tendência de o mercado olhar com mais atenção para as questões referentes à diversidade, o que certamente acarreta mudanças nas estratégias das empresas”, afirma Haroldo Ferreira.

Indústria ainda falha na proposta de inclusão

A estudante de Direito, Clarisse Mack, de 25 anos, aponta que ainda falta um olhar da indústria sobre a população trans. Ela se identifica como uma mulher travesti e iniciou a transição em 2020. “A transição é um momento muito pessoal. Para mim, foi antagônico. Havia um sentimento de magia, ao mesmo tempo em que havia angústia por viver no país que mais mata travestis no mundo”.

Entre as angústias, estava o questionamento se estaria confortável com outras vestimentas e calçados. A numeração

de Clarisse Mack varia de 40 a 42, a depender da forma do fabricante, o que causa a ela dificuldade em encontrar calçados adequados para seus pés.

“Quando eu encontrei uma loja com sandálias rasteirinhas e percatas que cabiam os meus pés, eu comprei todo o estoque, uns sete pares. Fiquei com medo de não encontrar outras lojas com produtos disponíveis”, relembra. Contudo, há problema para encontrar calçados fechados, como botas e sapatos de salto alto. Para adquirir os produtos, Clarisse procura na *internet* e, muitas vezes, paga bem mais caro.

O problema é inverso para homens trans, como o namorado da estudante. Ela conta que, muitas vezes, ele compra calçados nas seções infantis e infantojuvenis. “Mas são produtos com outra estética, que não condizem com a realidade de um adulto”, lamenta.



Foto: Freepik

Roupas, acessórios e calçados rompem, cada vez mais, as regras que foram criadas na concepção de produtos femininos e masculinos

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaoboscoferraz@gmail.com | Colaborador

Como planejar a viagem dos seus sonhos de forma econômica e divertida

Olá, amigos! Hoje eu vou abordar a economia pelo lado da educação financeira. O final de ano está chegando e algumas famílias já devem estar pensando nas férias de fim do ano ou no recesso escolar dos filhos. Para as que querem viajar, sejam viagens nacionais ou internacionais, o momento é agora para iniciarem o planejamento.

Planejar a viagem dos seus sonhos pode parecer complicado, mas, com algumas dicas simples, você pode transformar esse desejo em realidade. Tudo começa ao considerar o que você gosta e o quanto está disposto a gastar. Vamos dar uma olhada nas etapas-chave para organizar a viagem perfeita levando em conta o seu orçamento e suas preferências?

1. Decida o tipo de viagem que deseja. Antes de escolher o destino, pense no que você gosta. Praia ou campo? Cidade cheia de vida ou tranquilidade da natureza? Cultura rica ou emoções de aventura? Esse passo é importante, pois vai ajudar você a focar nas opções que realmente vão te encantar.

2. Pesquise sobre destinos possíveis. Depois de entender o que você quer, pesquise lugares que se encaixem nesse perfil. Descubra as atrações de cada lugar, os custos de hospedagem, alimentação e transporte, e considere fatores como a segurança e o clima. Saber a melhor época para visitar cada destino é fundamental para aproveitar ao máximo. O fator clima influencia, inclusive, no tamanho da bagagem, pois você poderá otimizar o tipo de roupa que precisará levar.

3. Coloque as finanças em ordem. Planeje quanto dinheiro você pode gastar e quanto precisará economizar. Considere passagens, estadia, comida, passeios e imprevistos. Aplicativos de controle financeiro podem ajudar você a acompanhar seus gastos e encontrar maneiras de economizar, como usando milhas, comparando preços e buscando promoções. Caso você vá fazer uma viagem internacional, considere também o fator câmbio presente e futuro, já que você poderá precisar usar o cartão de crédito e sua fatura será convertida pelo câmbio em uma data futura e sofrerá incidência de IOF (6,38%).

4. Crie um roteiro personalizado. Com base nas informações que você reuniu, escolha os lugares que mais te interessam e determine quantos dias pretende ficar em cada um. Planeje suas atividades para otimizar o tempo e evitar deslocamentos desnecessários. Existem aplicativos e sites que facilitam a criação do roteiro, mostrando distâncias e horários dos locais escolhidos. Muitas vezes os roteiros alternativos conciliam lugares bem agradáveis e mais baratos do que as rotas turísticas tradicionais. Para quem não se incomoda com o frio, as viagens fora da estação turística também ofertam menores preços.

5. Faça reservas com antecedência. Para evitar problemas e garantir sua viagem dos sonhos, é essencial reservar com antecedência. Passagens, hospedagem, ingressos para atrações, carro alugado e seguro viagem devem ser organizados previamente. Isso não apenas assegura sua vaga, mas também ajuda a distribuir os gastos ao longo do tempo.

Seguindo essas dicas simples, você estará mais próximo de realizar a viagem dos seus sonhos. A chave está em conhecer suas preferências, pesquisar bem antes de decidir, cuidar das finanças, planejar o roteiro e garantir as reservas necessárias. Isso não apenas tomará a viagem mais tranquila, mas também mais econômica e, acima de tudo, memorável.

Lembre-se de que você pode adaptar essas etapas de acordo com suas necessidades e desejos. Seja flexível, esteja aberto a ajustes e não tenha medo de explorar novas opções. Com determinação e organização, você poderá criar uma viagem inesquecível sem comprometer suas finanças. Então, comece agora mesmo a transformar seu sonho em um plano concreto e prepare-se para a aventura da sua vida!

LEITE DE CABRA

Paraíba tem maior produção do país

Cerca de 95% da produção leiteira caprina são provenientes de sete usinas de beneficiamento em 17 cidades do Cariri

Valdivia Costa
Especial para A União

O Cariri da Paraíba produziu mais de 500 mil litros de leite caprino no mês de junho deste ano, o que rendeu quase meio milhão de reais ao estado, maior produtor da caprinocultura do Brasil. De acordo com dados da Associação Paraibana de Criadores de Caprinos e Ovinos (Apacco), aproximadamente 95% da produção leiteira caprina é proveniente de 17 cidades do Cariri. São sete usinas de beneficiamento, que compram o leite para ser pasteurizado e envasado. A quarta maior cidade neste contexto é Prata, que por sua genética campeã, incentivos e produtividade, é a “Capital da Cabra Leiteira”.

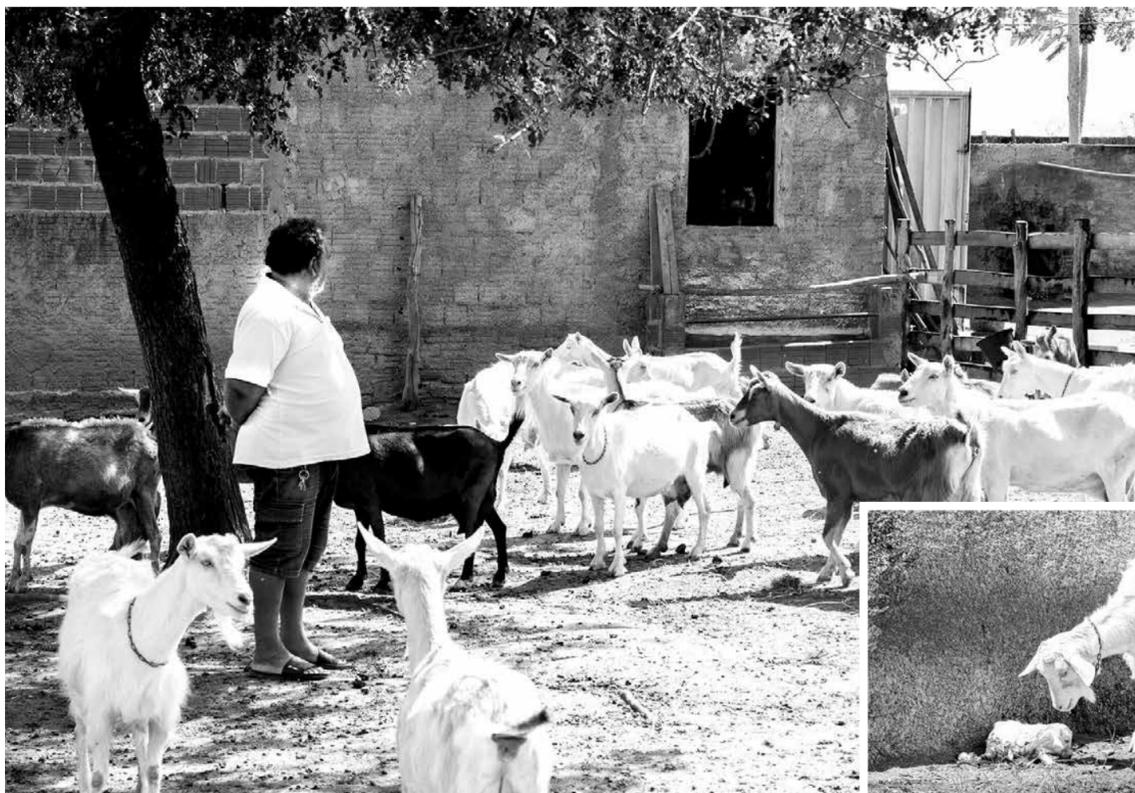
A Apacco contabilizou 27 mil litros de leite saindo das cabras do Cariri nos dias de maior produtividade. Provavelmente um desses dias bons teve a colaboração do produtor Marcos Antônio Costa, de Prata, o que mais entregou leite à usina da cidade. As cabras dele produziram 1.315 litros em junho e já estavam na frente também na primeira quinzena de julho, com 621 litros. Seu empenho e dedicação são exemplos do impacto positivo que a usina trouxe para os pequenos produtores locais.

Cidade de quase quatro mil habitantes, Prata fica a 291km da capital, João Pessoa, e produziu 45.170 litros de leite neste mês de julho, o que rendeu R\$ 51.042,10 para a administradora da usina, a Associação de Criadores de Caprinos e Ovinos de Prata (Accop). Ao todo, 98 caprinocultores estão cadastrados na Usina de Prata, sendo 78 da cidade, 15 de Ouro velho, três de Sumé e dois de Monteiro. A quantidade de produtores depende da lactação caprina, já que, ao parir, a produção de leite para temporariamente no animal. Segundo dados da Accop, em janeiro deste ano, a produtividade estava em alta, com 63.535 litros de leite.

De acordo com dados da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano, o leite de cabra permanece no cenário econômico da Paraíba projetando o Estado como o maior produtor do Brasil há mais de 20 anos. Há um trabalho intenso que une poder público, instituições parceiras, cooperativas e produtores numa cadeia produtiva que estimula as criações, melhora a genética do animal e faz circular um leite puro e nutritivo por muitas cidades.

Incentivo de governos

Numa dessas pontas, na administração de Prata, que se orgulha do slogan de “Capital da Cabra Leiteira”, o prefeito Genivaldo Tembório afirma que tem investido na agropecuária. A gestão atual incentiva a produção de leite caprino pagando R\$ 0,20 por cada litro de leite. Somando o valor de dezenas de litros de leite e outros incentivos, a renda é atrativa e tem mantido 200 produtores recentemente cadastrados num sistema da Secretaria de Agricultura. Isso permite a organização do fornecimento de leite de cabra e outros produtos agrícolas, como milho, feijão, hortaliças e verduras para a merenda escolar.



Marcos Antônio é um dos criadores que garantem, ao município de Prata, a grande produção de leite de cabra no município, contribuindo para os resultados positivos obtidos no estado

Fotos: Leonardo Vasconcelos/Divulgação

■ Há mais de 20 anos, o estado é primeiro lugar em produção no país, por conta de um trabalho que une criadores, instituições e governos



Incentivos e capacitação promovem a atividade

Para atuar com o cenário geral da agropecuária atual, outros incentivos têm sido oferecidos e aproveitados. O secretário de Agricultura de Prata, Haron Salvador, elencou os programas de Aração de Terra e de Silagem como exemplos. Mais o forte do município é a caprinocultura, segundo ele.

“O nosso maior incentivo é o de 20 centavos por litro de leite produzido a cada produtor do município. Acrescentar 20 centavos no valor total do leite caprino fez com que rebanhos aumen-

tassem e novos produtores entrassem na caprinocultura. Nosso mais novo programa é o Registra Prata, realizado em julho em parceria com a Apacco e Acoop, registrando os caprinos e ovinos do município. Neste programa, é possível o produtor conseguir uma logomarca para o seu capril”, comentou.

Alguns projetos da Secretaria de Agricultura estão em planejamento para continuar esse apoio municipal. Este ano foi realizada a 9ª Exposição de Caprinos e Ovinos de Prata (ExpoPra-

ta), que começou no dia 23 e termina hoje, com investimentos de mais de R\$ 80 mil em prêmios e expectativa de mais de R\$ 3 milhões em negócios. Logo após o evento, o secretário continuará na busca pelos orçamentos, tanto de emendas parlamentares quanto de parcerias com outras instituições de apoio ao desenvolvimento.

Usina de Prata

É num ambiente amplo e bem estruturado, logo na entrada de Prata, que fica a Usina de Beneficiamento de

Leite de Cabra. Um outro local onde há incentivos aos caprinocultores e caprinocultoras. Ocupando pela primeira vez a presidência da Accop, uma mulher administra tudo. Paula Tassyana notou aumento de 36,4% na produção de leite depois de uma pequena queda durante a pandemia de Covid-19. Segundo ela, houve um acréscimo de mais de nove mil litros de leite, comparando junho de 2022 (24.783 litros) ao mesmo período deste ano (33.793 litros).

O valor do litro de lei-

te de cabra, atualmente, no estado sai a R\$ 3,54 para o produtor. Neste valor está incluso R\$ 2,74 do valor principal, R\$ 0,60 do subsídio estadual e R\$ 0,20 do subsídio municipal. Para a Usina, o mês de julho rendeu 45.170 litros e a Accop recebeu R\$ 1,13 do Governo Estadual pelo litro de leite caprino beneficiado. O total do mês de junho deu R\$ 53.302 para a associação. Esse preço justo incentiva os produtores, a usina e contribui para a estabilidade financeira da região.

Modelo de negócio atrai parcerias e investimentos

Segundo Telma Virgínia, da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano, o Cariri paraibano possui usinas de beneficiamento de leite de cabra em mais da metade do território na caprinocultura. Somente no mês de junho deste ano, as usinas produziram 445.861 litros de leite, fechando em quase meio milhão de reais todos os arrecadamentos.

A Accop ficou em quarto lugar neste mês, em volume e valores, devido à baixa entrega de leite. Segundo Paula, grande parte dos produtores estão com as cabras paridas, o que faz a produ-

ção diminuir. A ideia é fazer os proprietários dos animais criarem dois rebanhos para garantir produtividade leiteira o ano inteiro, como faz Marcos Antônio, o campeão em entrega de leite.

Ele possui dois rebanhos desde que começou a criar cabras, há 14 anos. Possui 30 cabras das raças Saanen e Toggenburg ou Toggen e dois reprodutores que têm garantido o sustento da família. Mas três pessoas do Capril Amara Prata - que tem esse nome em homenagem à avó dele, que já era caprinocultora - fazem a lida com os animais: a esposa, a filha e o genro.

“O que me levou à caprinocultura foi a sobrevivência pela renda do leite. Foi uma das melhores rendas que eu achei enquanto agricultor. Nós temos um incentivo municipal muito bom e trabalhamos com um animal rústico, que não requer muito trabalho com ele nem tão pouco grandes investimentos. Sobrevive na seca e sempre produz leite, é só aprender um pouco o manejo. O Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) também nos ajuda muito com isso, ensina sobre ração e saúde do animal, com os zootecnistas que nos visitam”, concluiu.

ExpoPrata

No cenário dos eventos agropecuários da Paraíba, a ExpoPrata tem sido um incentivo e este ano trouxe uma novidade: entre os prêmios de R\$ 80 mil, duas motos Honda zero quilômetro.

O prefeito de Prata, Genivaldo Tembório, destacou as visitas de prefeitos de outros estados para conhecer o evento. Para fortalecer a economia municipal, parceria com empresas foram firmadas visando ampliar os negócios no município. “Representantes da Leбом, vieram assinar um termo para o recebimento do incentivo de R\$ 0,10 por litro

de leite de vaca, outro segmento da agropecuária que terá investimento. Aproveitamos este momento de entrega ao moradores da cidade para dar essas boas notícias”, pontuou o prefeito.

Segundo Tembório, no ano passado, o evento recebeu mais de 800 animais, teve mais de quatro mil pessoas por dia, turistas de todo o Nordeste, e rendeu mais de R\$ 3 milhões em negócios. Isso tudo para sair de uma cidade pequena é a prova de que os caprinocultores e caprinocultoras sempre estão evoluindo e crescendo.

Ranking das Usinas em Julho

- 1º - Cooperativa dos Produtores Rurais de Monteiro (Capribom - Monteiro e Camalaú) - 91.055 litros | R\$ 104.323,86;
- 2º - Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos do Município de Cabaceiras (Ascomcab - 18 cidades) - 99.858 litros | R\$ 112.839,54;
- 3º - Condomínio Agroindustrial de Amparo - 53.426 litros | R\$ 60.371,38;
- 4º - Accop - (três cidades) - 45.170 litros | R\$ 51.042,10;
- 5º - Associação Gestora da Usina de Beneficiamento de Lácteos (Agubel - sete cidades) - 36.513 litros | R\$ 41.259,69;
- 6º - Associação dos Produtores Rurais (Cap-Mor - São Sebastião do Umbuzeiro e São João do Tigre) - 25.892 litros | R\$ 29.257,96;
- 7º - Associação de Criadores de Caprinos e Ovinos de Zabelê (Accoza - Zabelê) - 22.040 litros | R\$ 24.905,20.

ATRAVÉS DO PEIEX

Empresas da PB miram exportação

Programa já conta com 15 empreendimentos do setor de confecção e moda qualificados para o comércio exterior

Renato Félix
Ascom Secties

O núcleo do Programa de Qualificação para Exportação (Peiex) na Paraíba está instalado desde em 2021 e este ano superou a meta inicial de atendimento a 100 empresas. Entre as já qualificadas para exportação, 15 são do segmento de confecção e moda. Elas receberam um treinamento para que possam disputar mercado no exterior com conhecimento das regras locais e com estratégia para chegar lá. Os núcleos Peiex são oferecidos e geridos pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil), sendo implementados em todo o país por meio de parcerias com universidades, parques tecnológicos, fundações de amparo à pesquisa e federações da indústria brasileira. Na Paraíba, a parceria é com o Governo do Estado por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado (Fapesq-PB), instituição vinculada a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties).

“O Peiex na Paraíba tem tido um êxito muito grande, buscando construir pontes e preparar pessoas para o trabalho de exportação a partir de produtos paraibanos”, comenta Rangel Junior, presidente da Fapesq-PB. “Isso vem acontecendo com a cadeia produtiva da cachaça e outros setores, como o de calçados e o de confecções. O projeto Peiex tem uma validade, mas o Governo da Paraíba está discutindo manter esse núcleo permanentemente funcionando na Paraíba de modo a estimular a ampliação dessa ação de exportações a partir das diversas cadeias produtivas da Paraíba”.

“A edição atual do Peiex-PB, em execução desde julho de 2021, tem atendido um total de 24 empresas dos setores de têxtil”, explica Márcia Paixão, professora do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba e coordena-

nadora do núcleo operacional do Peiex Paraíba. “Tomando-se como parâmetro a procura por qualificação para exportação na primeira edição do Peiex na Paraíba, realizada de 2016 a 2018, tem-se que um total de 13 empresas do setor de confecções aderiram ao programa naquele período, correspondendo a cerca de 8% do total de empresas inscritas naquela edição do programa. Na edição atual, e até o momento, o percentual de adesão de empresas de confecções é de 16%, ou seja, o dobro do observado na edição anterior”.

Ou seja: um aumento na procura deste segmento pela qualificação em busca do comércio exterior, algo que exige a implantação de uma cultura exportadora nas empresas, com preparação e adequação na sua produção e estrutura de organização interna.

Para a coordenadora, a organização entre as empresas – com a concorrência se tornando uma colaboração mútua – está diretamente relacionado a esse crescimento nos números. “No âmbito específico da edição atual do Peiex no estado, uma explicação do maior interesse por qualificação para exportar passa pela união de empresas na forma de associação”, analisa. “Hoje o estado conta com a Apavest, a Associação Paraibana dos Atacadistas do Vestuário, que corresponde a um conjunto de empresas que, há cerca de um ano, se organizou e vem se ampliando com o objetivo de desenvolver a indústria de confecções do estado e, consequentemente, contribuir em maior grau para a geração de emprego e renda”.

Atualmente, a Apavest é composta por 30 empresas e, destas, 10 já aderiram ao Peiex. “Nesse caso, observamos o efeito próprio da atuação conjunta de empresas de um mesmo setor na forma de associação: identificação e aproveitamento de novas oportunidades tecnológicas e de aumento da competitividade”, afirma Márcia Paixão.

Qualificação conjunta e poder de negociação

“Na prática, as empresas consideram que a qualificação conjunta com foco na exportação, além de proporcionar maior poder de negociação com potenciais compradores e instituições de fomento e crédito para exportar, induz o compartilhamento de recursos, investimentos e tempo nessa qualificação, permite uma combinação ainda melhor de mix de produtos na oferta e o partilhamento de riscos e custos próprios da venda para o mercado externo”, analisa Márcia Paixão.

Para ela, o interesse em aproveitar as novas tendências de mercado no pós-pandemia também é propulsor desse movimento. “Nota-se que o mix de produtos das empresas qualificadas no Peiex passa pelo critério da sustentabilidade, originalidade, pre-

servação cultural, exclusividade”, diz. Isso está refletido nas empresas que atingiram a qualificação no programa. No último dia 9, o Peiex celebrou a qualificação de seis empresas de confecção: Arcatex Confecções, alfaiataria masculina de algodão orgânico; Ternurinha, moda infantil de algodão orgânico com crochê; Amábilis Espaço Gestante, roupa íntima pós-parto; Le Forme, moda praia; Giu Magliano, moda resort; e Chrys Vilhena, vestuário feminino em fibras sustentáveis.

“Esse conjunto de empresas busca expandir suas operações e conquistar os mercados-alvo selecionados por elas: EUA, Uruguai e Colômbia”, conta Márcia Paixão.

A edição atual do Peiex também já havia qualificado outras nove empresas do se-

Na Paraíba, a parceria é com o Governo do Estado por meio da (Fapesq-PB), instituição vinculada à Secties



Programa de Qualificação para Exportação na Paraíba este ano superou a meta inicial de atendimento a 100 empresas

Algodão orgânico é diferencial paraibano

O empresário Syrio Solano é o atual presidente da Apavest e também o proprietário da empresa Arcatex, uma das qualificadas para exportação pelo Peiex. Segundo ele, essa adesão crescente do setor também está relacionado a uma estratégia que envolve a produção a partir do algodão orgânico paraibano. “São produtos que envolvem a economia circular, a inser-

ção do artesanato na moda”, diz ele. “Só com o tecido sintético você não consegue concorrer com o mundo”.

Esse processo envolveu também um treinamento do Senai para os produtores paraibanos e um objetivo próximo é a participação em uma feira de economia criativa que será realizada pelo Sebreae no Espaço Cultural, de 6 a 8 de outubro. “Nessa feira, vamos

consolidar o mercado nacional para, depois, ir para o exterior”, aponta Solano. “Um objetivo nosso é o primeiro semestre do ano, que é nosso período de baixa, por ser inverno. A estação do verão é ‘mais compradora’”. Por isso ele acredita que o comércio na Europa e nos EUA para os produtos paraibanos feitos a partir do algodão orgânico será mais promissor nesse período.

Para ele, a experiência com o Peiex tem sido excelente. “O programa dá toda a orientação possível para entender os processos da exportação. É um passo importante para entrar na Apex”. E o empresário afirma que a tendência do setor paraibano de confecção na busca pelo comércio exterior é forte. “A associação está organizada com este objetivo comum”.

Peiex atende empresas de mais seis estados

A Fapesq-PB participou do processo de seleção para o convênio com a Apex Brasil para a instalação do núcleo Peiex na Paraíba em dezembro de 2020 e foi escolhida em janeiro de 2021. A cifra para o investimento foi de R\$ 1 mi-

lhão, com o Estado entrando com 30% do valor (R\$ 300 mil).

De lá para cá, o núcleo Peiex na Paraíba alcançou relevância além das divisas do estado, já que não são atendidas apenas empresas parai-

banas, mas também de outros seis estados nordestinos.

Além do setor têxtil e de confecções, outros 13 são envolvidos pelo núcleo: cachaça; alimentos e bebidas; mineração e construção; móveis; têxtil e confecção; uten-

sílios domésticos; máquinas e equipamentos; produtos oftalmológicos; químicos; aeronáutica; TI e games; carnicultura; preparação de couro; e artesanato. Para as empresas deste setor, abraçar o mundo é um objetivo real.

“

Esse conjunto de empresas busca expandir suas operações e conquistar os mercados-alvo selecionados por elas: EUA, Uruguai e Colômbia

Márcia Paixão

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REUNIÃO DE SÓCIOS DA CLÍNICA RADIOLÓGICA DR. AZUIR LESSA LTDA.
CNPJ n. 09.136.540/0001-71
NIRE (JUCEP) n. 25200071506

Por este edital, a CLÍNICA RADIOLÓGICA DR. AZUIR LESSA LTDA. (doravante “Sociedade”), inscrita no CNPJ sob n. 09.136.540/0001-71 e registrada na Junta Comercial do Estado da Paraíba sob NIRE n. 25200071506, ora representada conforme seu contrato social pelo sócio e administrador Sr. FLÁVIO EXPEDITO NOTARO LESSA (CPF n. 277.161.554-15), convoca todos os demais sócios para se reunirem presencialmente em reunião específica que ocorrerá no dia 26 (vinte e seis) do mês de setembro do ano de 2023 (dois mil e vinte e três), na sede da Sociedade na Av. Mal. Deodoro da Fonseca, n. 134, Anexo B, Centro, CEP 58040-140, João Pessoa - PB.

A reunião terá início às 14:00h (quatorze horas), em primeira chamada, com a presença dos sócios que representem, no mínimo, ¼ (três quartos) do capital social, ou às 14:30h (quatorze horas e trinta minutos), em segunda chamada, com qualquer número de sócios.

A ordem do dia da reunião consiste em ratificar as prestações de contas da Sociedade do período de 2018 a 2022.

Qualquer sócio da Sociedade poderá comparecer e votar pessoalmente ou se fazer representar por procurador constituído de acordo com o artigo 1.074, §1º, da Lei n. 10.406/02.

Sem mais para o momento, a Administração da Sociedade fica à disposição de todos os sócios para apresentação de quaisquer documentos ou esclarecimentos que se façam necessários, inclusive informa que os demonstrativos contábeis se encontram na sede da administração para análise.

João Pessoa - PB, 24 de agosto de 2023.

Atenciosamente,
CLÍNICA RADIOLÓGICA DR. AZUIR LESSA LTDA.
CNPJ n. 09.136.540/0001-71
(Flávio Expedito Notaro Lessa - sócio administrador - CPF n. 277.161.554-15)

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REUNIÃO DE SÓCIOS DA DIAGNOSON DIAGNÓSTICO EM ULTRA SONOGRAFIA E MEDICINA FETAL LTDA.
CNPJ n. 00.149.703/0001-86
NIRE (JUCEP) n. 25200261518

Por este edital, a DIAGNOSON DIAGNÓSTICO EM ULTRA SONOGRAFIA E MEDICINA FETAL LTDA. (doravante “Sociedade”), inscrita no CNPJ sob n. 00.149.703/0001-86 e registrada na Junta Comercial do Estado da Paraíba sob NIRE n. 25200261518, ora representada conforme seu contrato social pelo sócio e administrador Sr. FLÁVIO EXPEDITO NOTARO LESSA (CPF n. 277.161.554-15), convoca todos os demais sócios para se reunirem presencialmente em reunião específica que ocorrerá no dia 26 (vinte e seis) do mês de setembro do ano de 2023 (dois mil e vinte e três), na sede da Sociedade na Av. Mal. Deodoro da Fonseca, n. 134, Centro, CEP 58040-140, João Pessoa - PB.

A reunião terá início às 13:00h (treze horas), em primeira chamada, com a presença dos sócios que representem, no mínimo, ¼ (três quartos) do capital social, ou às 13:30h (treze horas e trinta minutos), em segunda chamada, com qualquer número de sócios.

A ordem do dia da reunião consiste em ratificar as prestações de contas da Sociedade do período de 2018 a 2022.

Qualquer sócio da Sociedade poderá comparecer e votar pessoalmente ou se fazer representar por procurador constituído de acordo com o artigo 1.074, §1º, da Lei n. 10.406/02.

Sem mais para o momento, a Administração da Sociedade fica à disposição de todos os sócios para apresentação de quaisquer documentos ou esclarecimentos que se façam necessários, inclusive informa que os demonstrativos contábeis se encontram na sede da administração para análise.

João Pessoa - PB, 24 de agosto de 2023.

Atenciosamente,
DIAGNOSON DIAGNÓSTICO EM ULTRA SONOGRAFIA E MEDICINA FETAL LTDA.
CNPJ n. 00.149.703/0001-86
(Flávio Expedito Notaro Lessa - sócio administrador - CPF n. 277.161.554-15)



Fotos: Instituto Peixes da Caatinga/Divulgação

Peixe canivete está ameaçado Aspidorais Rochai é outra espécie Jacundá que possui várias cores Cará se destaca pela beleza Peixe das nuvens exibe imponência Espécie representa riqueza biológica

BIODIVERSIDADE

A Caatinga também possui peixes

Instituto paraibano foi criado com intuito de realizar pesquisas e defender as espécies que aparecem nas bacias do NE

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Existem peixes na Caatinga? Esta é uma pergunta que os biólogos nordestinos recebem com frequência e foi a partir dela que o Instituto Peixes da Caatinga nasceu com o objetivo de demonstrar para a população a existência de peixes nas bacias do Nordeste. Paraibana, a organização atua em defesa da biodiversidade e luta para a conservação dos peixes da Caatinga, realizando denúncias contra crimes ambientais, evidenciando a destruição dos habitats em que vivem espécies ameaçadas de extinção e espalhando conhecimento para a sociedade civil.

Nativo digital, o instituto nasceu como um simples projeto criado durante a pandemia de Covid-19. Antes de ser referência nacional na luta pela conservação dos peixes de água doce, o Peixes da Caatinga era apenas um perfil de Instagram com a intenção de responder a tão constante pergunta sobre a

existência de peixes no bioma. O coordenador do projeto, Telton Ramos, conta que, na rede social, a equipe também expôs (e ainda expõe) suas expedições de coleta dos peixes do bioma. “Mostramos nossa luta pela conservação dos peixes, fazendo denúncias contra crimes ambientais, como as introduções de espécies de peixes exóticos na Caatinga, tais quais a Tilápia, o Tucunará, o Pangá; e denúncias mostrando destruição dos ambientes em que vivem espécies de peixes ameaçadas de extinção no bioma”, conta.

Hoje, o projeto cresceu, se expandiu para fora das redes (onde conta com mais de 8,9 mil seguidores) e se tornou oficialmente um instituto com identidade visual e reconhecimento por sua contribuição à preservação da fauna do principal bioma nordestino. Se nas redes a associação tem mostrado a diversidade de peixes de água doce do Nordeste, as espécies ameaçadas de extinção e direcionando as pessoas

para ajudarem na conservação dessas espécies, fora delas o trabalho é ainda maior.

Telton, que é doutor em Ciências Biológicas com ênfase em Zoologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que a atuação do Peixes da Caatinga vai além das expedições realizadas com o pequeno grupo de pesquisadores envolvidos no estudo, descrição e monitoramento dos ambientes e espécies de peixes do Nordeste. “Ainda atuamos na educação ambiental em eventos ligados ao meio ambiente, mostrando para o público algumas das espécies de peixes que vivem na Caatinga, assim como conscientizamos as pessoas para conservação desses animais e dos ambientes em que eles vivem, como rios, riachos, lagos, lagoas, poças, etc.”, diz o coordenador do projeto enquanto explica que, muitas vezes, essa parte do trabalho só acontece por causa da contribuição dada pelas populações ribeirinhas que vivem perto destes ambientes.



Instituto agrega 10 pesquisadores e outros voluntários que contribuem com as ações ambientais

Ações ambientais no bioma

Com cerca de 10 pesquisadores atuando diretamente no projeto e outros que contribuem para o desenvolvimento, manutenção e fortalecimento do instituto, Telton Ramos se aventura com frequência em expedições caatinga e dentro para entender melhor o funcionamento dos microcosmos aquáticos do bioma. E a doutoranda em Ciências Biológicas pela UFPB, Vitória Lima, é uma das pessoas que o acompanha nesta jornada. Integrante do Peixes da Caatinga desde o fim da graduação, Vitória conta que sua chegada ao projeto coincidiu com a descoberta de seu interesse pela ciência e pesquisa, bem como o entendimento da importância da biologia para a sociedade.

“No doutorado, o Instituto Peixes da Caatinga tem agregado à minha formação em diversos níveis, desde amplificar os alcances da produção científica local e regionalmente, quanto a buscar que essa comunicação se torne cada dia mais simplificada e atinja o maior número possível de pessoas, dentro e fora das universidades e institutos de pesquisa. Socialmente, a importância vai além da educação ambiental”, relata a futura doutora.

A porta de entrada do

Alerta

Pesquisadores ressaltam a importância de discutir a conservação da Caatinga e as frequentes ameaças ao meio ambiente

biólogo Lucca Sorrentino no instituto foi a universidade. “Ao me inscrever no mestrado, tive contato com o professor Telton para que ele fosse meu orientador. A partir daí, comecei a trabalhar com peixes de água doce, da Caatinga. Tive contato com o projeto e a colaborar, primeiramente nas expedições

e posteriormente em eventos”, explica.

Para Lucca, o projeto é interessante porque propõe discussões a respeito da necessidade da conservação dos peixes e do bioma como um todo. Segundo ele, a conservação da Caatinga é pouco discutida pela população e os peixes, acabam sendo negligenciados pela sociedade. “O projeto também leva conhecimento sobre produções científicas para um grande público, se utilizando de humor e de uma linguagem acessível a todos. O Peixes da Caatinga é um projeto de grande função social, trazendo a população para discussões fundamentais sobre nosso bioma, exclusivamente brasileiro e extremamente rico”, comenta.



Equipe se reveza nas ações de captura e pesquisa das espécies

Falta de recursos é obstáculo

Ainda que as expedições realizadas pela equipe do projeto já tenham, atualmente, sua importância reconhecida pela comunidade, o Peixes da Caatinga permanece lutando para existir. É que, sem financiamento, o projeto não conta com quaisquer fontes de recursos. O veículo utilizado para as expedições do grupo, por exemplo, é do próprio coordenador, Telton Ramos. Junto da equipe, ele e siriguela (apelido carinhoso dado à caminhonete L200 que, neste ano, completa 15 anos na ativa), percorrem toda a Caatinga para descobrir novas espécies de peixes e lutar pela conservação desse grupo de animais sem aportes financeiros fixos.

“Sem recursos para fi-

Iniciativa

Instituto Peixe da Caatinga foi criado para formalizar as atividades e facilitar a captação de recursos para garantir a manutenção das pesquisas

nanciar nossos esforços, resolvemos montar o Instituto Peixes da Caatinga para formalizar nosso trabalho e assim facilitar a busca de recursos financeiros para nossa luta”, explica o especialista em Zoologia ao contar que, geralmente, as expedições são financiadas pelos seguidores das redes sociais

do projeto. Na tentativa de arrecadar fundos para as incursões da equipe, o instituto conta com canais para doações. É o caso das chaves PIX: peixesdacaatinga@gmail.com e 8398168-1394.

Dois das expedições realizadas pela equipe tiveram a intenção de coletar duas novas espécies de peixes até então desconhecidas pela ciência. “As espécies foram descobertas através das redes sociais do projeto. Uma espécie do Ceará e uma outra do Rio Grande do Norte. Para essas expedições, foram realizadas vaquinhas nas redes para conseguir recursos destinados à compra de combustível e material para coletar os peixes novos e trazer para serem estudados”, relata Telton.

Diante das dificuldades enfrentadas pela equipe para continuar desbravando a Caatinga, Vitória Lima relembra a importância do Peixes da Caatinga, na esperança de alertar que, além de reconhecimento, é necessário ter, também, meios para existir: “Hoje, o nosso grupo de pesquisa é um dos únicos a tentar entender os impactos da transposição do Rio São Francisco nos peixes do nosso estado, possibilitando que esses resultados possam ser considerados em projetos futuros por todo o mundo”.



Instituto tem tido papel fundamental em estudos na Caatinga

DE OLHO EM 2025

Galo admite priorizar disputa do Paraibano na próxima temporada

Diretor de futebol, Josimar Barbosa, já trabalha na formação do elenco a ser comandado por De Mattia

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Quando iniciou a disputa do Campeonato Paraibano, a única competição de seu calendário nesta temporada, o Treze teria a missão de chegar à final para retornar à disputa nas principais competições esportivas no calendário esportivo de 2024. O Galo foi além e o clube não apenas alcançou o objetivo, como de quebra, conquistou o título estadual e garantiu um calendário extenso na próxima temporada.

Apesar de ter um calendário completo na próxima temporada, o clube admite priorizar a disputa do Campeonato Paraibano, por entender que a competição dá suporte para estender o calendário da temporada de 2025.

De acordo com Josimar Barbosa, gerente de futebol, o primeiro objetivo é formar um elenco capaz de oferecer con-

dições para que o Galo novamente desponte como finalista, como forma de garantir o clube na representação do futebol paraibano na disputa das principais competições regionais e nacionais.

“Pela situação de calendário que existe no futebol da Paraíba, entendemos que o Campeonato Paraibano passa a ser a competição mais importante para o clube. O Estadual da próxima temporada terá um nível de investimentos dos clubes bem superior ao deste ano. Então temos que elevar o nosso patamar e formar um elenco competitivo, dentro de nossas limitações financeiras. A meta é voltar a fazer uma boa competição para garantir presença nas principais competições do calendário esportivo”, finalizou.

O alvinegro da Rainha da Borborema vai disputar todas as competições possíveis de 2024, totalizando quatro torneios - Campeonato Paraibano, Copa

“

O Campeonato Estadual da próxima temporada terá um nível de investimentos dos clubes bem superior ao deste ano. Então temos que elevar o nosso patamar

Joba Barbosa



Josimar Barbosa está sondando jogadores para o Estadual 2024

do Nordeste, Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro da Série C. Já pensando em 2024, a diretoria do clube tem se movimentado na montagem do elenco, com o objetivo de preparar o clube para a maratona de disputa e com a ideia de iniciar os trabalhos a partir do mês de dezembro.

“De fato, já iniciamos os trabalhos nos bastidores desde o mês de julho, com avaliações do que podemos melhorar internamente para a próxima temporada. Na formação do elenco, propriamente dito, alguns dos jogadores que foram campeões paraibanos estão aptos a retornar ao clube. A partir do mês

de setembro teremos algumas definições com relação às contratações, estamos monitorando alguns atletas que estão disputando competições, mas por questões de ética e estratégias não podemos sondá-los. A nossa ideia é finalizar a montagem até o mês de outubro, para iniciarmos os trabalhos no início de dezembro” revelou Josimar Barbosa “Joba”, diretor executivo de futebol.

O dirigente também confirmou que William De Mattia, campeão paraibano com o clube, deve se apresentar junto com a sua comissão na segunda metade do mês de novembro.

Campinense vai realizar as eleições gerais em outubro

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Campinense Clube publicou o edital de convocação para a assembleia geral para eleições gerais para o Conselho Diretor, Conselho Deliberativo e Fiscal. O pleito está agendado para o próximo dia 22 de outubro, no Estádio Renatão, em Campina

Grande. O edital foi assinado pelo presidente atual do clube, Danylo Maia.

De acordo com o edital, têm direito a voto na assembleia geral os associados do clube com mais de 18 anos de idade, que sejam sócios há mais de um ano e que estejam quites com o clube, em pleno gozo dos direitos estatutários.

Dentro de campo, a tempo-

rada de 2024 da Raposa será marcada apenas pela disputa do Campeonato Paraibano. O clube precisará ao menos chegar à final do torneio estadual para retomar vagas nas competições regionais e nacionais em 2025.

Ano de fracassos

O clube teve uma temporada para esquecer este ano com

eliminações no Campeonato Paraibano, sequer chegando às semifinais, uma campanha pífia na Copa do Nordeste e ainda não conseguindo a classificação para a segunda fase do Campeonato Brasileiro da Série D. Esse desempenho obriga o clube a apenas disputar o Campeonato Paraibano, quando vai buscar vaga para as disputas nacionais.

■ A Raposa fracassou no Paraibano, na Copa do Nordeste, na Copa do Brasil e no Campeonato Brasileiro



Enquanto o Campinense teve um ano de muitos fracassos nas competições em que disputou, o Treze fez a festa de seu torcedor com a conquista de mais um título estadual

NO BRASIL

Futebol feminino ainda é amador

Diagnóstico é de um estudo feito pelo Ministério do Esporte para a elaboração de uma estratégia nacional

O futebol feminino ainda é uma modalidade predominantemente amadora no Brasil. Essa é uma das conclusões às quais se pode chegar a partir do Diagnóstico do Futebol Feminino do Brasil, que faz parte do planejamento construído para elaboração da Estratégia Nacional para o Futebol Feminino, do Ministério do Esporte.

Segundo a sondagem (que pode ser considerada um passo inicial do programa do Governo Federal, cujo decreto de criação foi assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva no fim de março), apenas 19,2% das atletas possuem vínculo profissional, enquanto 4,9% têm contrato de trabalho temporário e 1,2%, contrato de formação.

Outros fatores que indicam a necessidade de se buscar ampliar a profissionalização da modalidade no território brasileiro são, primeiro, o alto percentual de jogadoras que não recebem qualquer valor a título de salário ou ajuda de custo. A análise indica que 47,9% de atletas da categoria adulta estão nesta situação. Em segundo lugar chama atenção o fato de que cerca de 70% das profissionais que atuam no futebol feminino fazem dupla jornada, dedicando-se também a outras atividades para complementarem seus vencimentos.

"O Governo Federal prioriza o desenvolvimento amplo do futebol feminino no Brasil. Para isso, é preciso estabelecer um retrato real da condição e do tamanho da modalidade no nosso país. O diagnóstico realizado pelo Ministério do Esporte mostra resultados importantes para orientar políticas públi-



Foto: Adriano Fontes/CFB

Alguns clubes tratam o futebol feminino de forma profissional, e as atletas têm contrato de trabalho, enquanto a maioria não tem vínculo profissional

■ Apenas 19,2% possuem vínculo profissional, 4,9% têm contrato de trabalho temporário e 1,2%, contrato de formação

cas, estratégias e ações necessárias a serem implementadas nos próximos anos. Demonstra também os principais gargalos e demandas regionais prioritárias", declarou a ministra do Esporte, Ana Moser, sobre o Diagnóstico do Futebol Feminino do Brasil.

Medidas

A Estratégia Nacional para o Futebol Feminino, sob responsabilidade do Ministério do Esporte, prevê medidas de promoção do desenvolvi-

mento do futebol profissional e amador no país, ampliação dos investimentos e formação técnica para meninas e mulheres no mercado da bola.

"A estratégia é uma iniciativa transversal, que aborda princípios da agenda social deste governo: a equidade de gênero, o combate ao racismo e a redução das desigualdades. Essa abrangente agenda encontra no esporte, e em particular neste Ministério do Esporte, uma ferramenta importante. No caso do fute-

bol feminino, contamos sempre com a parceria da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e das federações estaduais", afirmou Ana Moser, quando foi assinado o decreto de criação do programa.

Entre as ações, a iniciativa pretende fomentar a participação das mulheres em posições de gestão, arbitragem e direção técnica de equipes, além da instalação de centros de treinamento específico para mulheres, com metodologias próprias e diretrizes

pedagógicas adaptadas a necessidades femininas.

O desenvolvimento do futebol feminino também é uma bandeira da CBF. "Receber a Copa do Mundo faz parte do nosso projeto de desenvolver cada vez mais o futebol feminino pelo país", declarou o presidente da entidade, Ednaldo Rodrigues, na ocasião em que oficializou junto à Federação Internacional de Futebol (Fifa) a candidatura do Brasil para sediar a Copa do Mundo de futebol Feminino de 2027.

Ações por maior participação das mulheres no paradesporto

As ações e propostas da Secretaria Nacional do Paradesporto do Ministério do Esporte (MEsp) foram apresentadas na última quarta-feira (23/8) na Câmara dos Deputados, durante audiência pública na Comissão do Esporte. O secretário nacional do Paradesporto, Fábio Araújo, abriu sua apresentação destacando que a elaboração do Plano Plurianual para a pasta do Esporte foi construída sob os valores de inclusão, diversidade, inte-

gridade, equidade, participação e cultura de paz, para ampliar a prática esportiva em todo o país.

Ao citar a Constituição de 1988, que estabelece o esporte como direito social, Fábio descreveu o ordenamento jurídico que fundamenta as políticas do setor no MEsp.

"Não podemos esquecer nunca que o esporte está no mesmo patamar que a educação e a saúde básica, que temos ainda a Convenção Internacional dos Direi-

tos da Pessoa com Deficiência, da ONU (2006), e a Lei nº 13.146/2015, a Lei Brasileira de Inclusão, que considera o esporte valor essencial para as pessoas com deficiência, bem como seu acesso preferencial à prática esportiva", explicou.

Dois recortes que adquiriram prioridade na atual gestão foram expostos, que são o aumento do número de praticantes mulheres, de todas as idades, no paradesporto, e o fomento às atividades esportivas não paralímpicas para

as pessoas com deficiência.

Além do trabalho para manter o Brasil entre os países com mais medalhas paralímpicas em Paris 2024, o secretário ressaltou os principais desafios apontados como prioridades pela gestão da ministra do Esporte, Ana Moser.

"Dividimos em quatro eixos: o conceitual é muito importante, por diferenciarmos o paradesporto do esporte paralímpico, já que temos 193 modalidades que não estão

entre as 22 do programa paraolímpico, e que devemos contemplar nos nossos programas", disse.

O eixo institucional visa superar o índice de 75% de municípios brasileiros que não têm programas destinados ao atendimento de pessoas com deficiência no esporte. Sobre a complexidade do eixo social, o objetivo inicial parte de mudar a falsa percepção do público, de que pessoas com deficiência não praticam esportes. Já no eixo

financeiro, a disputa pelos recursos que tornam os programas possíveis, seja via orçamento, emendas parlamentares ou patrocínios.

Mudar o olhar

Mais do que à prática esportiva, o maior desafio é a inserção do indivíduo na sociedade, lembrou a diretora de Projetos Paradesportivos de Lazer e Inclusão Social da Secretaria Nacional de Paradesporto, Nayara Falcão, que também compôs a mesa. "O esporte acaba funcionando como um meio de inserção dos praticantes do paradesporto ao reconhecimento do público, assim como praticantes de atividades não tão divulgadas", comentou.

Para Nayara, um ponto de chegada satisfatório é substituir a visão predominante sobre pessoas a partir da sua deficiência, para uma visão a partir da capacidade realizadora de cada indivíduo, considerando a deficiência apenas como característica. "A deficiência é nossa oportunidade de pertencer a um grupo para cobrar acessibilidade arquitetônica, comunicacional, instrumentais, programáticas em todas as dimensões da vida para chegarmos a uma sociedade inclusiva de fato", concluiu.



Foto: Renato Araújo/Câmara dos Deputados

Reunião na Câmara dos Deputados com o secretário nacional do Paradesporto tratou de ações e propostas para inserir mais as mulheres no esporte

BRASILEIRÃO

Marca histórica de estrangeiros

Campeonato supera edição de 2022 e bate recorde, com 130 profissionais de fora do país, sendo 117 jogadores e 13 técnicos

Agência Estado

Atualmente, a Série A do Campeonato Brasileiro conta com 130 estrangeiros. Este é o maior número já registrado na história do torneio. No total, os 20 times da elite do futebol nacional apresentam 669 atletas, com 117 nascidos em outras nações, o que representa 17,48%. Entre os treinadores a porcentagem é ainda maior, com 65% dos comandantes advindos do exterior.

Com 41 profissionais atuando no Brasileirão, entre técnicos e jogadores, a Argentina é o país que mais cede talentos para o principal torneio nacional. Além dos "hermanos", outros 15 países possuem representantes no campeonato organizado pela CBF: Uruguai, Portugal, Colômbia, Paraguai, Chile, Equador, Itália, Venezuela, Espanha, Bolívia, Bulgária, Argélia, França, Estados Unidos e Nicarágua.

Um dos times com mais estrangeiros no elenco, o Internacional faz jus ao nome e conta com nove atletas nascidos fora do Brasil em seu plantel. "Historicamente, o nosso clube sempre foi muito receptivo com jogadores internacionais. É algo que entendo não ser somente por questões financeiras, mas também como parte de nosso DNA", afirma Alessandro Barcellos, presidente do clube de Porto Alegre.

Após o sucesso de treinadores estrangeiros, como Abel Ferreira, no Palmeiras, Jorge Jesus, no Flamengo, e Juan Pablo Vojvoda, no Fortaleza, diversas equipes brasileiras decidiram apostar em comandantes internacionais. Nesta temporada, 13 dos 20 técnicos do Brasileirão nasceram no exterior, número nunca antes visto na história do campeonato. A condição também fez amadurecer a decisão de ter um treinador estrangeiro no comando da seleção. Carlo Ancelotti é o escolhido. Ele viria em junho do ano que vem.

Vojvoda

No caso do Fortaleza, o argentino Vojvoda está há dois anos no comando e já é o segundo treinador com mais jogos pelo time tricolor. "Desde que ele começou a trabalhar no Fortaleza, já percebemos que havia algo de diferente nele. Com grande intensidade das atividades e atletas confortáveis com a metodologia seguida, estabelecemos um estilo de jogo que nos proporcionou resultados históricos", destaca o presidente Marcelo Paz.

Júnior Chávare, executivo de futebol da Ferroviária, que atuou em várias equipes do Brasil e trabalhou ao lado de técnicos estrangeiros, como Jorge Sampaoli no Atlético-MG, avalia também o suporte necessário para esses treinadores. "O tempo para a adaptação é essencial e, por isso, é fundamental que a comissão estrangeira que venha a trabalhar no Brasil receba respaldo para que possa se desenvolver e ter sucesso", pontua.

Foto: Alexandre Vidal/Flamengo



Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense



Foto: Daniel Ramalho/Vasco da Gama



O uruguaio De Arrascaeta, do Flamengo; o colombiano Arias, do Fluminense; e o francês Payet, do Vasco da Gama, são alguns dos estrangeiros que desfilam no Campeonato Brasileiro desta temporada

Técnicos estrangeiros dominam o Campeonato

Palmeiras (Abel Ferreira), Botafogo (Bruno Lage), Cruzeiro (Pepa), Bahia (Renato Paiva), Red Bull Bragantino (Pedro Caixinha), Cuiabá (Antônio Oliveira), Goiás (Armando Evangelista), Fortaleza (Juan Pablo Vojvoda), Flamengo (Jorge Sampaoli), Vasco (Ramón Díaz), América-MG (Fabián Bustos), Internacional (Eduardo Coudet) e Santos (Diego Aguirre) contam com técnicos estrangeiros.

No caso do Cuiabá, o vice-presidente Cristiano Dresch avalia as valências do atual comandante do conjunto mato-grossense, o português Antônio Oliveira. "Ele e a sua comissão técnica trabalham de

uma maneira muito intensa, e isso casa muito bem com aquilo que o clube deseja. O futebol nacional demonstrou uma evolução tática muito grande, e por isso, também fomos atrás de um comandante com essa capacidade. Entendemos que estamos disputando uma competição difícil e nivelada, mas acreditamos muito em seu trabalho", afirma.

Já o presidente do Goiás, Paulo Rogério Pinheiro, relembra os motivos que levaram o clube a acertar com o português Armando Evangelista, que conseguiu a inesperada 5ª colocação na última edição do Campeonato Português com o "modesto" Arouca.

"O Armando vinha realizando um ótimo trabalho e já estávamos monitorando sua situação há algum tempo. Sua vontade de buscar um novo desafio e seu entendimento de futebol nos deu a certeza de que ele seria o comandante ideal para nós", conta.

Luis Suárez

Entre os grandes nomes estrangeiros do futebol brasileiro, destaca-se Luis Suárez, atacante uruguaio de 36 anos. O ex-jogador do Liverpool e do Barcelona tem sido o destaque da equipe gaúcha na temporada, com 23 participações diretas em gols. Marcas buscam se associar a grandes estrelas do futebol para se promo-

ver junto ao apoio dado aos clubes. No Grêmio, o Esportes da Sorte é patrocinador *master* do clube e contribuiu para a manutenção do astro.

"Para nós, é um grande orgulho contribuir com o crescimento do futebol brasileiro. Temos a intenção tanto de incentivar o desenvolvimento de nossas equipes parceiras, quanto de participar desse processo. No caso de atletas internacionais, como o Luis Suárez, eles causam grande diferença dentro e fora das quatro linhas, e por isso entendemos que era de grande relevância ajudar o clube nesta aquisição", avalia Darwin Filho, CEO do Esportes da Sorte.

Nesse cenário, Alexandre Vasconcellos, *head* de clubes da End to End, empresa que realiza ativações com torcedores, entende que a presença dos estrangeiros nos elencos é importante para a internacionalização do futebol brasileiro.

"Nosso mercado nacional tem o interesse em consolidar-se como provedor de conteúdo para audiências do exterior, e por isso é importante a presença desses estrangeiros na liga de nosso país. Hoje, já há um movimento em que o futebol brasileiro vende direitos para emissoras de outros países, em que os atletas de renome internacional despertam grande prestígio", diz Alexandre.

“

Para nós, é um grande orgulho contribuir com o crescimento do futebol brasileiro. Temos a intenção tanto de incentivar como participar desse processo

Darwin Filho



Foto: Cesar Creco/Palmeiras/By Canon

O português Abel Ferreira, do Palmeiras, é o técnico mais renomado no futebol brasileiro e com grandes conquistas

BRASILEIRÃO

Vasco joga contra o Palmeiras, em SP

Mais sete partidas estão confirmadas para hoje, no complemento da 21ª rodada do Campeonato Brasileiro

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

O complemento da 21ª rodada do Campeonato Brasileiro acontece neste domingo com a realização de mais oito jogos, com destaque para o clássico Palmeiras x Vasco, na Arena Allianz Parque, a partir das 18h30. O Verdão segue na caça ao Botafogo e tenta se aproximar ainda mais. No meio de semana conquistou uma importante vitória pela Libertadores ao golear o Pereira, na Colômbia, por 4 a 0, abrindo uma grande vantagem para o jogo de volta.

Vasco

Já o Vasco vem de uma vitória importante sobre o Atlético Mineiro e com os novos reforços tenta embarcar e se livrar da zona do rebaixamento nas próximas rodadas. Mas, a rodada de hoje começa mais cedo, a partir das 11h, quando o Bragantino recebe o Cuiabá, no Estádio Nabi Abi Chedid. O time paulista foi eliminado da Copa Sul-Americana e faz campanha regular no Campeonato Brasileiro, estando entre os 10 melhores, o mesmo acontece com o Cuiabá.

Botafogo x Bahia

O líder Botafogo atua em casa, no Engenhão, diante do Bahia. O alvinegro tropeçou na Copa Sul-Americana ao empatar em casa com o Defensa y Justicia em 1 a 1 e se complicou para o jogo da volta. Já o time baiano corre o risco de entrar na zona de rebaixamento, caso não pontue e o Santos vença o seu jogo contra o Atlético Mineiro. O Peixe joga às 16h, na nova Arena MRV, em Belo Horizonte.

Athletico x Fluminense

Já o Fluminense, embalado depois da vitória de 2 a 0 sobre o Olímpia, no Maracanã, pela Copa Libertadores, enfrenta o Athletico-PR, às 18h30, na Arena da Baixada. O tricolor vai muito bem no Brasileirão e figura no G4, dois pontos a mais que o seu adversário. Quem tem uma tarefa difícil é o América Mineiro, último colocado com apenas 10 pontos. Joga em casa contra o São Paulo, no Estádio Independência, a partir das 16h. Os outros jogos deste domingo são Fortaleza x Coritiba, às 18h30, no Castelão; e Grêmio x Cruzeiro, às 19h, no arena gremista.

América

Time mineiro faz uma campanha decepcionante no Brasileirão e em 19 jogos soma apenas 10 pontos com duas vitórias, quatro empates e 13 derrotas



Foto: Mourão Pando/América-MG

O América Mineiro é o clube com pior campanha no Brasileirão e neste domingo terá mais um jogo complicado, no Independência, contra o São Paulo

LIBERTADORES

Final pode acontecer outra vez entre times brasileiros

A Libertadores e a Copa Sul-Americana tiveram seus jogos de ida pelas quartas de final nesta semana. Após as primeiras partidas da fase eliminatória, os times brasileiros continuam com a chance de fazer duas finais continentais 100% nacionais na temporada de 2023. Veja como está a situação de cada uma das equipes após o primeiro jogo.

Semifinalista nas últimas três edições da Libertadores, o Palmeiras está virtualmente garantido entre os quatro melhores times da competição deste ano mais uma vez. Na última quarta-feira, dia 23, mesmo fora de casa, a equipe de Abel Ferreira não tomou conhecimento do Deportivo Pereira e contou com uma grande atuação de Rony para vencer por 4 a 0 fora de casa.

Na próxima semana, o Palmeiras recebe o adversário no Allianz Parque e pode perder por até três gols que se classifica para as semifinais e terá pela frente o rival que avançar do duelo argentino entre Racing e Boca Juniors. No primeiro confronto houve empate sem gol.

Internacional

Nem mesmo os 3.600 metros de altitude de La Paz pararam o Internacional nesta rodada. Com um gol de Enner Valencia no início de jogo, o time gaúcho venceu o Bolívar por 1 a 0 na partida de ida das quartas de fi-

nal da Libertadores. Agora, atuando no Beira-Rio, os comandados de Eduardo Coutet podem até empatar que estarão na semifinal.

Com mais de 55 mil pessoas no estádio do Maracanã, o Fluminense abriu vantagem na disputa das quartas de final da Libertadores. Com gols de André e Cano, o time de Fernando Diniz venceu o Olimpia em casa e largou na frente. Agora, na próxima quinta-feira, a equipe carioca pode perder no Paraguai por um gol que avança de fase e continua na busca pelo título inédito.

Sul-Americana

Na Copa Sul-Americana, o Brasil continua vivo com cinco representantes e todos com boas chances de se garantir na semifinal, apesar das dificuldades. São Paulo, Corinthians, Botafogo, América e Fortaleza tentam fazer com que o país volte a uma final pela segunda vez seguida e conquiste o terceiro título do torneio.

Jogando na Neo Química Arena, o Corinthians teve dificuldade, mas venceu o Estudiantes na partida de ida das quartas de final. O placar magro de 1 a 0 pode ser pequeno. Na próxima terça-feira, o time paulista vai até a Argentina e pode empatar que estará na semifinal da competição pela primeira vez na história. O problema é seguir o bom adversário em sua

casa, diante de sua gente, e precisando fazer apenas um gol para deixar tudo igual. A sensação de parte dos corinthianos é que o resultado em Itaquera foi pouco.

Assim como aconteceu nas oitavas de final da Copa Sul-Americana, o São Paulo perdeu a partida de ida fora de casa. Jogando na altitude de Quito, o time de Dorival Junior foi derrotado por 2 a 1 pela LDU na última quinta. Apesar de um primeiro tempo muito ruim, a equipe conseguiu crescer na segunda etapa e marcou com Lucas. Com o resultado, o time do Morumbi precisa vencer por

dois gols de diferença. Caso a vitória seja por apenas um gol, a definição da classificação ficará para as penalidades. O empate é da LDU. Mais uma vez o time de Dorival vai precisar correr atrás de outra virada, como também aconteceu diante do Corinthians na Copa do Brasil.

No único duelo brasileiro das quartas de final da Sul-Americana, o Fortaleza venceu o América-MG, fora de casa, por 3 a 1, e praticamente se classificou para a semifinal. Com grande atuação do atacante Guilherme, o time de Vovoda agora vai atuar na Arena Castelão po-

dendo perder por até um gol que estará entre os melhores times da sul-americana.

Botafogo

Líder isolado do Brasileirão, o Botafogo recebeu o Defensa y Justicia, da Argentina, e empatou no Nilton Santos por 1 a 1. Apostando em um time alternativo na Sul-Americana, o técnico Bruno Laje agora precisa ganhar na Argentina para se classificar para a semifinal. Em caso de novo empate, a definição fica para as penalidades. Se for derrotada, a equipe carioca estará eliminada.



Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense

O Fluminense conseguiu furar a retranca do Olimpia e abriu uma vantagem de 2 a 0

Comércio transatlântico paraibano

Empresa privilegiada e de caráter monopolista, a Companhia Geral de Comércio de Pernambuco e Paraíba, criada pelo Marquês de Pombal e fundada em 13 de agosto de 1759, controlava e fomentava a atividade comercial no Nordeste brasileiro

Da Redação

A Companhia Geral de Comércio de Pernambuco e Paraíba foi uma empresa privilegiada, de caráter monopolista, criada pelo Marquês de Pombal, na segunda metade do século 18, em Portugal. Fundada em 13 de agosto de 1759, destinava-se a controlar e fomentar a atividade comercial com as capitanias de Pernambuco e Paraíba. Maria I, rainha de Portugal tirou esse monopólio no início da década de 1780, no contexto da chamada "Viradeira".

A "Viradeira" é a designação que se dá ao período de reação antipombalina que se iniciou em 13 de março de 1777, após a aclamação de Dona Maria I, alicerçada, segundo dados da Wikipédia - Enciclopédia Livre, pela argúcia jurídica do juiz-desembargador José Ricalde Pereira de Castro, fundamentando-a nas Cortes de Lamego (assembleia de Cortes que ocorreu em Portugal, na cidade de Lamego) e a posterior nomeação de novos secretários de Estado e outros mais cargos, em substituição do Marquês de Pombal e seus seguidores.

Na prática, a Companhia de Comércio de Pernambuco e Paraíba foi uma empresa monopolista responsável por, entre 1759 e 1780, realizar todo o comércio transatlântico entre a capitania de Pernambuco e suas adjacentes (as capitanias da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e parte de Alagoas). Ou seja, numa área total de mais de 2,2 mil léguas (algo em torno de 13,6 a 14,5 mil quilômetros).

Nessas regiões, suas principais atribuições eram a compra de insumos agrícolas de exportação, como açúcar, tabaco, algodão e couro, que eram vendidos mediante preço pré-estipulado e fixo, fixados pela Mesa de Inspeção; a venda, em espécie ou em mercadorias, de produtos manufaturados; o financiamento, em dinheiro, em mercadorias de consumo ou instrumentos de trabalho dos produtores; o fornecimento de mão de obra, por meio da venda de escravos vindos de Angola; comércio de gêneros necessários à região de seu monopólio; e construção de navios.

A Companhia e seus membros gozavam de certos privilégios, como o juízo privativo em ações que lhes diziam respeito, como lucros e dividendos, além de questões relativas à sua administração; o monopólio

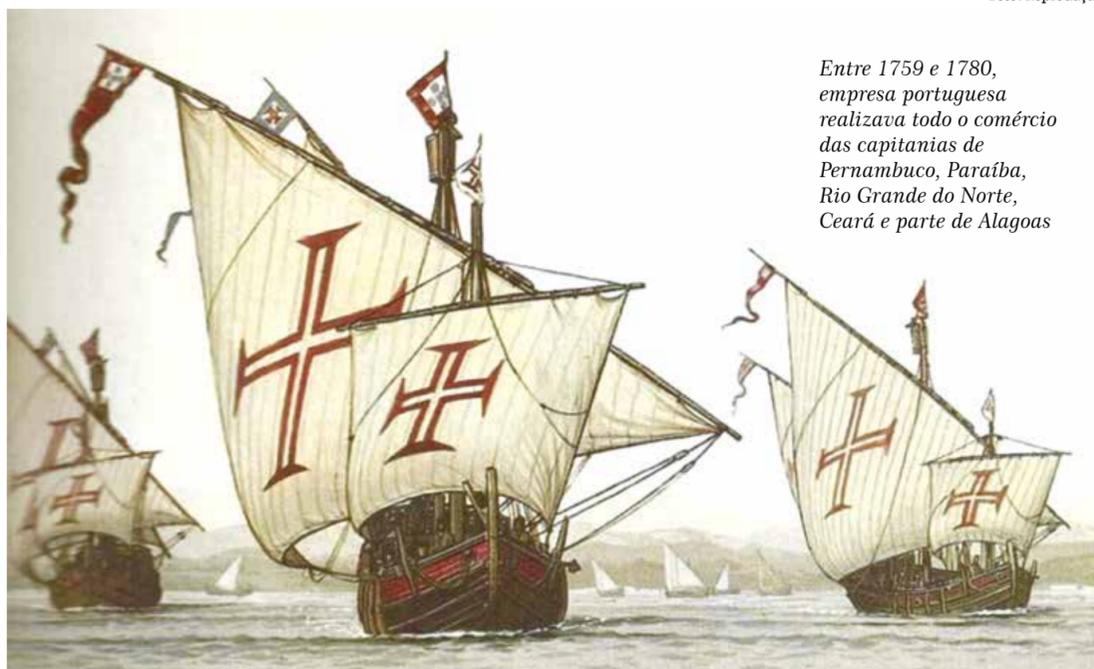


Foto: Reprodução

Entre 1759 e 1780, empresa portuguesa realizava todo o comércio das capitanias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e parte de Alagoas

Insumos como açúcar, tabaco, algodão e couro eram vendidos mediante preço pré-estipulado e fixo, definido pela chamada Mesa de Inspeção

comercial por 20 anos dos negócios; e seus empregados não poderiam ser convocados a serviços públicos obrigatórios. Também seus membros acionistas dispunham do chamado "Privilegio de Nobres", sendo isentos de alguns impostos e podendo receber "Hábitos de Ordens Militares".

A junta administrativa ficava sediada em Lisboa, tendo como subordinadas uma no Porto e outra em Recife, capital pernambucana. A junta de Lisboa era constituída de um provedor, 10 deputados, três conselheiros e um secretário. Já suas contrapartes tinham a mesma constituição: um intendente e seis deputados. Também haviam representantes da companhia instalados em Angola, no Rio de Janeiro, na Bahia e nas Ilhas Faial e São Miguel, nos Açores.

Para ascender aos cargos de Lisboa, Recife e no Porto, era necessário serem comerciantes, residentes nessas cidades, serem portugueses (seja continental, do ultramar ou naturalizado), além de serem acionistas com o mínimo de 10 ações da companhia. Os eleitores por sua vez eram acionistas com no mínimo cinco ações. Nas juntas subordinadas, seriam eleitos dois candidatos, sob escrutínio dos administradores de Lisboa. Todos os administradores deveriam ser sancionados por resolução régia.

Regiões abrangidas, produtos comercializados e parcerias

A área de circulação da companhia perpassava a Europa, Ásia e África. A Inglaterra, principal parceira comercial de Portugal no período de existência da companhia, era a grande fornecedora dos produtos manufaturados (tecidos de algodão) e bens para o refino e produção do açúcar. Da Holanda advinham panos, cabos diversos para a marinha, amarras, fios, lonas (produtos relacionados à navegação fluvial).

Alguns outros importantes parceiros comerciais foram Hamburgo, Gênova, Trieste, Veneza, Marselha, Rouen e Madrid, além das Ilhas dos Açores: Faial e São Miguel, fornecedoras de linhos e brins de vela. De Goa, vinham tecidos diversos da Ásia. Assim, esses bens constituíam-se de bens de consumo para a própria companhia, bem como para a venda na colônia.

A empresa buscava a criação de um mercado de consumo para os bens manufaturados em Portugal. Desse modo, vendiam-se principalmente panos e louças aos senhores de engenho pernambucanos e na Paraí-

ba. Esses produtos eram de produção mais cara, mas se tornavam mais atraentes na medida em que se sobretaxava os concorrentes estrangeiros: 12% para os tecidos nacionais e 45% para os de fabrico estrangeiro.

A companhia era responsável pela importação dos escravos africanos para Pernambuco e região. A Coroa buscava a dinamização do tráfico dentro dos domínios portugueses, principalmente do Congo e de Angola. Dessa última, vieram 85% dos escravos, de um total de

41.324 trazidos no período de 1761 a 1779.

O principal produto de comercialização da Companhia de Pernambuco e Paraíba era o açúcar. Na década anterior à instalação da Companhia, a média anual de caixas produzidas nem sequer chegava a 6,1 mil caixas, enquanto que na vigência do monopólio a média foi de 8,1 mil. Já na década de 1770, iniciaram-se conflitos entre os senhores de engenho e a mesa de inspeção quanto aos preços cobrados sobre o produto.

Na vigência do monopólio, foram realizados apenas três aumentos no preço pago pelo açúcar: 1765, 1770 e 1777. A preocupação dos administradores, mesmo quando no mercado de Londres o açúcar se valorizava, era mantê-lo competitivo em relação a outras regiões produtoras. O açúcar brasileiro era refinado principalmente na Europa (Londres e Hamburgo). O refino leva à duplicação do valor do açúcar, com lucros de 250% (lucro esse que não era feito nem pelos senhores de engenho, nem pela própria companhia).

"Sócia"

A Inglaterra era a grande fornecedora dos produtos manufaturados, como tecidos de algodão, e bens para o refino e produção do açúcar

Foto: Reprodução



Uma das bandeiras mercantes de Portugal



Marquês de Pombal foi um nobre, diplomata e estadista português

Gradativo fim da Companhia e o comércio livre

O período de 1769 a 1770 foi determinante para a Companhia, pois a queda brusca dos lucros ocorre nesse momento. O governo, com base na experiência da Companhia, manifestava-se favorável ao comércio livre e não concordava com a alegação da junta de que o comércio livre era ruinoso. A Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba enfrentou forte crise econômica no ano de 1770, ocasionado pela baixa nos lucros. É válido mencionar a prática de compra de créditos feita pela Companhia a longo prazo, o que resultava no encarecimento do produto. Os registros reforçam a situação pela qual a instituição passava: de 8.304 caixas fornecidas no ano de 1769 passa a fornecer 6.549 e 6.109 nos dois anos seguintes.

O ano de 1770 ainda marca uma alta no preço do açúcar, além de medidas que foram tomadas com a finalidade de livrar a Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba de uma queda brusca econômica, no entanto os erros administrativos começaram a aparecer e a reação de abafar os movimentos foi um efeito agravante e impulsionador para o fim da Companhia.

A Companhia ainda perdeu sua figuração, pois a administração do órgão visava a atender os interesses particulares, o que foi resultado de uma permanência continuada dos membros. Até então, o couro nordestino ocupava o segundo lugar na pauta das exportações da área abrangida pelo exclusivo da Companhia, contudo a alta da produção açucareira resultou no abandono da produção de subsistência. Uma acomodação dos administradores da Companhia se instalou na colônia ao entrar rapidamente em um período de safra abundante. Em 1779, ano em que a queda da companhia é a mais grave, mostra a realidade dos senhores de engenhos endividados e a decadência do monopólio se agrava.

A extinção da Companhia não ocorreu de forma abrupta, pois precisava liquidar as dívidas acumuladas pela companhia, ocasionada pelo acúmulo de crédito, entretanto continuou comercializando mesmo após a falta de capital de giro. Diante desse cenário, os coloniais, através das câmaras e ofícios diretos a realeza, pediam com veemência a extinção da companhia propondo pagar suas dívidas aos poucos e sem "carregar os juros ao horroroso débito por causa dos sobrecarregados (preços) com que já lhe foram vendidos os gêneros".

Foto: Reprodução



Bandeira da Companhia Geral de Comércio de Pernambuco e Paraíba

Virgínius da Gama e Melo

Intelectual foi pioneiro e um dos principais críticos literários da Paraíba



Ilustração: Tônio

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epe.pb.gov.br

Um boêmio com intensa participação em vários campos da cultura. Essa era uma das características do escritor, jornalista, professor e cronista paraibano Virgínius Figueiredo da Gama e Melo mais lembrada por intelectuais, amigos e familiares, inclusive em trabalhos acadêmicos que contam sobre sua trajetória.

Virgínius Figueiredo da Gama e Melo era um crítico e consultor literário, além de jornalista militante, romancista, teatrólogo, ensaísta e cineasta. Considerado um dos principais críticos literários da Paraíba, tem um trabalho reconhecido no cenário nacional e internacional. Foi ainda um dos primeiros professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

“Embora eu seja prima do grande escritor Virgínius da Gama e Melo, vejo sua obra independentemente dos seus sanguíneos. Virgínius era acima de tudo um crítico literário, o pai da teoria da crítica literária na Paraíba, pelo seu pioneirismo, pelos chamados critérios fundadores”, declara a escritora Elizabeth Marinheiro.

Também é reconhecido como um dos professores da “escola do jornalismo na Paraíba”, pois também escreveu para o *Jornal A União*. Publicou vários livros, a exemplo de ‘Tempo de vingança’, que traz os bastidores políticos da Revolução de 1930, incluindo as cenas que aconteceram na capital após a morte de João Pessoa; e ‘A vítima geral’, um romance biográfico e do assassinato do político Félix Araújo, em Campina Grande. Ele foi ainda um homem de teatro, tendo escrito as peças intituladas ‘A modelação’ e ‘Os seres’.

Virgínius da Gama e Melo nasceu no dia 19 de outubro de 1923, na então Cidade de Parahyba, atual João Pessoa. Era descendente de políticos do final do Império e sua origem está

ligada às famílias tradicionais na política paraibana, mais especificamente a governadores e senadores. Era filho único de Pedro Celso da Gama e Melo e de Severina Figueiredo da Gama e Melo.

No entanto, sua certidão de nascimento, carteira de identidade e outros documentos registram 1922 como o ano de seu nascimento. Mas, em correspondência com o escritor Gilberto Amado, Virgínius afirma ter nascido em 1923. Nessa carta, datada de 18 de janeiro de 1961, estão informações sobre os seus primeiros anos de vida.

“Nasci a 19 de outubro de 1923, em João Pessoa, de família tradicional, neto de governadores e senadores – Gama e Melo –, mas gente empobrecida. Filho único, não cheguei a conhecer mãe – vagas lembranças –, perdi-a no primeiro ano de vida. Pai mesmo, pouco conheci. Era telegrafista e não residia conosco, quer dizer, aqui em João Pessoa. Fui criado por avó e tias solteironas – tudo isso há de ter concorrido para certa rebeldia ou marginalismo que sempre me acompanhou na vida”.

Virgínius ficou órfão muito cedo e passou a morar com outra parte dos parentes, os Figueiredo, em Campina Grande. Sua base intelectual foi construída em Pernambuco, pois se formou em Direito, pela Faculdade de Recife, mas teve pouca atuação nessa área. Depois passou a morar definitivamente na Paraíba.

Além dos romances, o intelectual deixou os ensaios ‘O Alexandrino Olavo Bilac’, ‘O Romance Nordestino’ e ‘Outros Ensaios’. Ele chegou também a ser premiado pela Fundação Cultural do Distrito Federal, em 1972, por seu romance ‘A Vítima Geral’.

“Sua obra às vezes é rotulada de autobiográfica, mas sou contra esse enfoque, porque ele tem dois romances, o famoso ‘Tempo de Vingança’ e tem também um romance que é mescla de ficção, épica e dramaturgia onde estão

elementos inquestionavelmente ficcionais (o épico e dramático da obra ‘Modelação’, encenado até no Rio de Janeiro). Por isso os analistas literários não podem rotular que Virgínius da Gama e Melo escreveu apenas biografia ou autobiografia”, ressalta Elizabeth Marinheiro.

O intelectual morreu no dia 1º de agosto de 1975, aos 52 anos, devido a um enfisema pulmonar. Seu falecimento provocou grande comoção no cenário cultural. Por essa razão, no ano de 1982, a pesquisadora, crítica literária e prima de Virgínius, Elizabeth Marinheiro, teve a ideia de lançar na cidade de Campina Grande um Dicionário Biobibliográfico através do Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários (NELL) da UFPB, Campus de Campina Grande dedicando quase duas páginas a Virgínius da Gama e Melo.

Tornou-se patrono da Cadeira 27 da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG) e no dia 9 de outubro de 2000, quando a Academia Paraibana de Letras (APL) era presidida por Joacil de Brito Pereira (1923-2012), durante a posse do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna (1927-2014) na Cadeira 35, a APL também concedeu o título de Acadêmico Post Mortem ao professor e crítico literário.

Destaque nos jornais da PB, PE, RJ e São Paulo

Ao longo de sua carreira, Virgínius da Gama e Melo publicou textos em jornais de Pernambuco, da Paraíba, do Rio de Janeiro e São Paulo, ganhando destaque nacional. De acordo com a prima e escritora Elizabeth Marinheiro, a crítica literária encontrou em Gama e Melo um grande representante com atuação em jornais como *Jornal de Letras*, *Jornal do Brasil*, *Estado de São Paulo*, *Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco*, além das colunas assinadas em outros veículos.

No *Jornal A União*, era colunista, inclusive com crônicas de caráter crítico. “Virgínius não se limitou à imprensa paraibana, mas atingiu patamares nacionais e internacionais. O seu nome era tão respeitado que suas obras nordestinas e nacionais repercutiram lá fora”, destaca a pesquisadora.

Na Fundação Casa de José Américo (FCJA), na orla do Cabo Branco na cidade de João Pessoa, pode ser encontrado o Acervo Virgínius da Gama e Melo. A coleção é formada pela documentação que o intelectual paraibano reuniu ao longo de sua vida, como as cartas por ele reunidas, objetos e manuscritos. No próximo 19 de outubro, será a data do centenário de nascimento de Virgínius da Gama e Melo e a FCJA está preparando atividades



Foto: Evandro Pereira

FCJA abriga o Acervo Virgínius da Gama e Melo

Boêmio e Flâneur

Segundo Elizabeth Marinheiro, a imagem que se tem de Virgínius como um intelectual ficou naturalizada, pois ele era uma pessoa com diversos talentos de um homem de letras. Como cidadão, destaca o seu lado boêmio. “Ele era boêmio, generoso e um flâneur, um viajante que viajou paisagens

humanas e físicas, extraindo delas o lírico enquanto subjetividade e o épico enquanto heroísmo e história”, afirma.

A imagem de intelectual era associada a de um homem que sempre era encontrado em bares discutindo literatura. E ao seu redor estavam os amigos, admiradores e outros intelectuais. Mantinha relações de amizade em todas as classes sociais e a boemia é um dos traços marcantes do seu perfil, destacado em vários textos que trazem relatos de uma pessoa com rotina regrada em torno do fazer literário, de alguém que, após escrever suas crônicas, partia para as aulas na faculdade, depois para as redações de jornais e, por fim, nos bares da cidade.

Seus hábitos boêmios fazem parte de alguns episódios de sua vida, como no final da década de 1950, quando esteve recluso para tratamento de uma pneumonia fruto do excesso de cigarro. Do ponto de vista familiar, foi uma influência literária para os parentes. “Foi um dos meus primeiros professores de literatura. Eu aprendi com Virgínius os primeiros passos para os voos, à pesquisa e sobretudo à minha profissão no ensino da Literatura. Sua competência era alimentada pela própria boemia, nunca perdeu a lucidez e até ludicamente, brincando mesmo, ele tinha no discurso a veia crítica”, finaliza Elizabeth Marinheiro.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Boêmio e com atuação no campo da cultura, Virgínius Figueiredo da Gama e Melo era um crítico e consultor literário, além de jornalista militante, romancista, teatrólogo, ensaísta e cineasta

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Tevê aberta: população é exposta a imagens de violência a cada três minutos de telejornal

Uma pesquisa realizada pelo movimento Paz na Mídia, em parceria com a empresa Boxnet e oito analistas do Laboratório de Psicologia de Mídia (@lpm_ufpb) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mostra que a violência foi tema de 37,2% do conteúdo de 25 programas de telejornalismo de cinco tevês abertas. Ao todo, foram monitorados programas das emissoras Globo, Record, Band, SBT e Rede TV no período de 22 a 28 de maio deste ano, somando 233 horas e 10 minutos de exibição.

O levantamento levou em consideração as seguintes variáveis: 1. Participação de matérias que trataram de violência; 2. Presença ou não de imagens com violência; 3. Número de imagens com violência; fonte das imagens: privada (celulares, câmeras de segurança ou imprensa); ou pública (policiais, SSPs e Justiça); 4. Temas das matérias violentas: crimes Contra a Vida ou Contra o Patrimônio; avaliação qualitativa: 5. Apenas mostra a Violência ou tem, ao menos, um aspecto de interesse público (como estatísticas, debate de soluções ou mostrando a Polícia/Justiça punindo o criminoso).

Conforme o estudo, das 1.427 matérias sobre o tema, 869 (60,9%) mostraram imagens de violência, o que é muito assustador. No



exibição de imagens violentas, com 43%, em segundo lugar, aparece o SBT, com 25%, seguido por Band (19%), Globo (11%) e RedeTV (2%).

Em relação aos 25 programas que integram o estudo, ‘Primeiro Impacto’ (SBT) é o mais violento da televisão brasileira, sendo responsável por 22,8% do total de imagens de violência exibidos; e ‘Brasil Urgente’ (Band) é o programa que dedica mais tempo à violência (74,06% de sua duração).

Tal levantamento levou-me também a pensar sobre os efeitos da exposição da população à violência na mídia, especialmente crianças e adolescentes, e nossa responsabilidade como comunicadores. Pesquisando na internet, encontrei uma análise de diferentes estudos acadêmicos que revela a existência de diversos efeitos nocivos da exposição de crianças à violência midiática. Dentre eles, temos: comportamento violento e agressivo; estresse pós-traumático, ansiedade e depressão; agressão aos pares; agressão relacional; violência entre parceiros íntimos; sono e alimentação de pior qualidade; dessensibilização emocional; risco de suicídio e vitimização por bullying. Nós, jornalistas, precisamos ter critérios rígidos, bom senso e ética ao divulgar notícias, afinal parte desses efeitos nocivos também é nossa responsabilidade.

total, os telespectadores assistiram a 4.135 imagens violentas; ou seja, em média, a população foi exposta a imagens de violência a cada três minutos de telejornal.

Ao ler tais números, lembrei-me de imediato de uma expressão popular: “Se espremer, sai sangue”. Infelizmente, mais dados chamam a atenção no levantamento: 48,98% das matérias apenas mostraram violência e 51,02% trouxeram, pelo menos, um aspecto

Tocando em Frente



A época dos festivais – Parte II

Ainda no ano de 1966, face ao sucesso obtido em 1965, quando do I Festival de Música Popular Brasileira (I FMPB) pela TV Excelsior, bem como o surgimento das circunstâncias políticas de então que levaram esta à falência, a TV Record/SP resolveu aderir à feitura dos festivais da ex-concorrente, e organizou o seu próprio e homônimo evento: o II FMPB, contando com a experiência de Solano Ribeiro, que havia deixado a TV Excelsior.

O novo festival da TV Record/SP aconteceu em setembro e outubro de 1966, no teatro homônimo, quando se disputava o Prêmio Viola de Ouro. Curiosamente, houve dois vencedores. Explica-se: a disputa pelo 1º lugar aconteceu entre ‘A Banda’, de Chico Buarque, defendida pelo autor e Nara Leão, e ‘Disparada’, de Geraldo Vandré em parceria com Théó de Barros, apresentada por Jair Rodrigues, com backing vocal do Trio Marayá. A música de Vandré, uma estilizada moda de viola, arrebatou os aplausos da plateia, provocando uma reação de Chico Buarque que, amistosa e compreensivelmente, declarou que não receberia os louros da vitória, pois via mais mérito na música do concorrente. O júri, em razão do enterevo, declarou o empate, premiando ambas as composições, ficando em 2º lugar a que seria 3ª: ‘De amor ou paz’, de Luiz Carlos Paraná e Adauto Santos, na interpretação da “novata” Elza Soares. (A título de curiosidade: Luiz Carlos Paraná nos daria, um ano depois, a bela e emotiva ‘Cafezal em flor’, que seria um grande sucesso musical de Hermeto Pascoal, Airton Moreira, Heraldo do Monte e Theo de Barros; o 2º lugar ficou com ‘Domingo no Parque’, de Gilberto Gil, com ele e os Mutantes; em 3º, ‘Roda Viva’, de Chico Buarque, com este e o MPB4; em 4º lugar, ‘Alegría, Alegria’, de Caetano Veloso, com o próprio e o grupo argentino Beat Boys. Independentemente da classificação, o notório ficou por parte dos baianos Gil e Caetano que, se antes se contrapunham à eletrificação dos sons, como estava ocorrendo com a turma da Jovem Guarda, ambos, juntos com Elis Regina, é que haviam comandado a “Passeata contra as guitarras elétricas”, ocorrida nas ruas paulistanas. Esses agora “entravam de cabeça” na feitura de um novo som e – dizem os bons ouvintes – levados pela adesão ao novo som britânico do Beatles, que eles estavam “curtindo”, via o antológico álbum ‘Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band’.. Inclusive, a plateia não lhes perdoou... Logo eles que, antes, apresentavam de maneira tão formal, haviam aderido a um estilo mais descontraido: trajas meio extravagantes e excessivamente coloridos para a época. O resto dessa es-



Foto: Bracher & Malta Produção Gráfica

Imagem icônica da época dos festivais: Paulinho, Chico, Gil, Nara e Toquinho

tória é por demais conhecido: os apupos da plateia provocaram tanto Caetano que o levaram àquele inflamado e conhecido discurso: “Mas isso é a juventude que diz querer tomar o poder?...”. Mas, esqueçamos, ou melhor, o tempo nos fez esquecer os lamentáveis fatos daí oriundos...

Nos meses de novembro e dezembro de 1968, no Teatro Record/SP, a chamada “era dos festivais” chegava a um climax que exigia mudanças com a realização do IV FMPB. Como novidade e atendendo a sugestões/reivindicações por parte do público com o apoio da mídia, foi incluído, ao lado do júri oficial, um júri popular. Como se não bastasse esse fato novo, alguns astros e estrelas se recusavam a participar do evento, sobretudo porque ainda restava no ar o fenômeno “vaia”, como ocorrera na edição anterior do festival e que tanta confusão causara. Junte-se a isso a pressão da censura oficial que, de última hora, impôs a alteração das letras de algumas criações musicais. O fato é que os resultados finais do festival, ao lado de trazerem alguns embaraços com relação aos vencedores, por outro lado provocaram maior visibilidade aos ditos “artistas baianos” e ao emergente movimento tropicalista. Vamos, então, aos vencedores do IV FMPB: ‘São, São Paulo (meu amor)’, de Tom Zé, que a interpretou e ganhou o 1º lugar (pelo júri oficial) e 5º (pelo júri popular); o júri popular concedeu o 1º lugar a Chico Buarque, com ‘Bem-vinda’, que ele próprio apresentou; para o 2º lugar, pelos dois júris, foi vitoriosa ‘Memórias de Marta Saré’, de Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri, com Edu e Marília Medalha; para o 3º e 4º lugares prevaleceu a escolha do júri oficial, que os concedeu, respectivamente, a ‘Divino Maravilhoso’, de Caetano e Gil, com interpretação de Gal Costa, e para ‘2001’, de Rita Lee e Tom Zé, com Os Mutantes. Um fato marcante: Elza Soares ganhou o troféu de melhor intérprete feminina, levando a melhor em dis-

puta com Gal Costa. Aquela cantou ‘Sei lá, Manguieira’, de Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho, música que viraria um clássico da MPB. Outro fato a destacar: Gal abandonava a imagem de garota bem comportada, de voz suave e, mudando o visual, incorporou em vestimenta colorida, um estilo bem baiano, cabelo black-power e, segundo os comentaristas da época, foi então que ela começou a “soltar a voz”, quase que numa imitação do estilo Janis Joplin.

O V FMPB aconteceu um ano depois, em novembro de 1969, já no novo teatro da Rua Augusta e ainda sob a égide da TV/Record, já com um ambiente e censura mais acentuados em face da vigência do Ato Institucional Nº 5 (o maldadado AI-5), o que, certamente, prejudicou o senso criativo dos compositores brasileiros. Um pouco antes dessa edição do festival, muitos fatos de natureza política aconteceram, cujos efeitos e comentários fogem aos objetivos desta coluna. Apenas convém dizer que, dentre esses eventos, ocorreu o exílio “voluntário” de Vandré, no Chile, e o exílio em Londres de Caetano e Gil, “a conselho/imposição” do regime então vigente. Esses eventos são ainda hoje lembrados e rechaçados pela mídia. Esse foi o último da série de festivais da Record, o mais desfigurado em face de regras mais rígidas estabelecidas pelo júri e pelo momento de repressão política. Vamos aos premiados: 1º lugar para ‘Sinal Fechado’, de Paulinho da Viola, com interpretação dele mesmo; em 2º lugar ficou ‘Clarice’, de Eneida e João Magalhães, com interpretação de Agnaldo Rayol que, na época, era tido e havido como o maior ídolo popular na disputa dessa edição do festival.

Com esse evento, encerrou-se um ciclo de FMPB, que já não era tão interessante, tanto por conta das exigências dos produtores, quanto das limitações impostas pelo então vigente regime militar.

NOVA ESPÉCIE

Criatura “alienígena” com vinte braços é descoberta

Nome científico da espécie recém-descoberta na Antártida é *Promachocrinus fragarius*

Da Redação

Um grupo de pesquisadores descobriu uma nova espécie “assustadora” na Antártida. A criatura com 20 braços tem aparência alienígena e foi batizada com o nome de uma fruta. Chama-se estrela antártida de penas de morango e é uma criatura marinha que pode ter até 20 centímetros de comprimento. Alguns são esburacados e outros emplumados.

Embora não se pareça com um morango à primeira vista, basta fazer um pouco de zoom para se observar uma pequena protuberância no ápice de todos os braços, que tem o tamanho e a forma de um morango. É nessa protuberância circular que estão os cirri, filamentos finos e alongados presentes em alguns grupos de invertebrados marinhos. Os cirri podem ter variadas funções, dependendo do grupo de animais onde estão presentes. Nesse caso, os cirri são semelhantes a tentáculos que se projetam desde a base.

A descoberta desta criatura “alienígena”, segundo registra Patrícia Carvalho no site Zap, foi apresentada num estudo recentemente publicado na *Invertebrate Systematics*. “Retiramos vários cirri para ver em que parte é eles se ligam, e foi aí que percebemos que a criatura se assemelhava a um morango”, explica Greg Rouse, coautor do estudo e professor de Biologia Marinha na Universidade da Califórnia, em San Diego, nos Estados Unidos.

De acordo com o pesqui-



Foto: Greg W. Rouse

A estrela antártida de penas de morango destaca-se das outras pelo número de braços que possui

sador, os cirri têm garras minúsculas na ponta que são usadas para a criatura se agarrar ao fundo do mar. As partes mais longas, chamados “braços”, assemelham-se a penas e ajudam na sua mobilidade. O nome científico da espécie recém-descoberta é *Promachocrinus fragarius*. Pertence à classe dos Crinoidea, onde se incluem estrelas-do-mar, ouriços-do-mar, bolachas-do-mar e pepinos-do-mar.

Neste caso, trata-se de uma estrela de penas. Daí a designação de estrela de penas da antártida. *Fragarius* deriva da palavra latina *fragum*, que significa morango. Foi enquanto arrastavam uma rede ao longo da Antártida que a equipe de cientistas da Austrália e dos Estados Unidos encontrou quatro novas espécies que poderão se enquadrar nesse grupo de estrelas de penas da antártida.

A estrela antártida de penas de morango destaca-se das outras

pelo número de braços que possui. “A maioria das estrelas de penas tem 10 braços”, explica Rouse. O pesquisador acrescenta ainda que a posição típica de uma estrela de penas é com os braços abertos e para cima, com os cirros apontados para baixo.

Com essa descoberta, os especialistas poderão adicionar oito espécies nessa categoria de estrelas de penas da antártida. Quatro delas já descobertas. “Passamos de uma simples espécie com 20 braços para oito novas es-

pécies – seis com 20 braços e duas com 10 braços, sob o nome de *Promachocrinus*”, explica Rouse, que reconhece a “aparência sobrenatural dos movimentos da estrela de penas”. A estrela antártida de penas de morango foi encontrada entre 65 e 1.170 metros de profundidade.

Os pesquisadores afirmam que encontrar novas espécies não é um fenômeno raro. No laboratório da Scripps Institution of Oceanography são registrados cerca de dez a 15 espécies novas por ano.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: dobra (2) = vira + universo (2) = mundo – **Solução:** entidade do Candomblé (4) = Vira-mundo. **Charada de hoje:** o líder político (2) avaliava o tempo de vida decorrido (3) como uma etapa de respeito pelos semelhantes (5).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!



Foto: Reprodução

Rede do passarinho azul

Este ano o Twitter está completando 17 anos. Desde a sua criação, em 2006, a plataforma tem sido usada por milhões de pessoas para compartilhar informações, discutir opiniões, polêmicas e lembrar momentos do cotidiano. A rede social do passarinho azul se tornou uma das maiores plataformas do mundo.

O primeiro tweet

O primeiro *tweet* na história do *Twitter* foi postado em 21 de março de 2006 por Jack Dorsey, o cofundador da plataforma. A mensagem simplesmente dizia: “*Just setting up my twttr*” (“Apenas configurando meu *twttr*”, em tradução livre). Desde então, a plataforma cresceu imensamente e hoje em dia milhões de *tweets* são enviados diariamente.

Mudança no logotipo

O logotipo do *Twitter* era um pássaro azul. O pássaro, que é chamado de Larry, foi criado pela designer gráfica britânica, Laura Ries. O nome Larry é uma homenagem ao jogador de basquete Larry Bird, que jogou pelo Boston Celtics. O pássaro representa a simplicidade e a facilidade de uso da plataforma. No final de julho deste ano, a identidade visual da plataforma mudou. Agora é baseada em um grande “X” na cor branca. Segundo a presidente-executiva do *Twitter*, a mudança representa “o estado futuro da interatividade ilimitada – centrada em áudio, vídeo, mensagens, pagamentos/bancos”.

Recorde de tweets por segundo

O *Twitter* é conhecido por ser uma plataforma de conversa em tempo real e já estabeleceu alguns recordes de *tweets* por segundo. O recorde atual é de 143.199 *tweets* por segundo, que foi estabelecido durante a Copa do Mundo de 2014, quando o Brasil foi eliminado pela Alemanha por 7 a 1.

Hashtag popularizada

A *hashtag*, que é uma palavra ou frase precedida pelo símbolo “#”, foi popularizada pelo *Twitter*. A ideia de usar a *hashtag* como forma de categorizar e agrupar *tweets* foi introduzida em 2007 pelo usuário Chris Messina. Desde então, a *hashtag* se tornou uma parte integrante do *Twitter* e é usada para tudo, desde eventos ao vivo até campanhas de *marketing*.

Primeiro tweet ao vivo do espaço

Em 2010, o astronauta da Nasa T.J. Creamer enviou o primeiro *tweet* ao vivo do espaço. O *tweet* dizia: “*Hello Twitterverse! We r now LIVE tweeting from the International Space Station -- the 1st live tweet from Space! :) More soon, send your ?s*”, e foi enviado do computador da Estação Espacial Internacional.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – orella; 2 – língua; 3 – pé; 4 – pena; 5 – bico do tucano; 6 – maça; 7 – cabelo; 8 – presa do javali; 9 – rabo do javali